

**Ana Maria de Sousa Nascimento Piedade**

**RELATÓRIO DA UNIDADE CURRICULAR**

***TEMAS DE CULTURA PORTUGUESA II***

**(Programa, conteúdos programáticos, metodologia de ensino  
e avaliação)**

**Universidade Aberta  
Departamento de Humanidades  
2010**

UNIVERSIDADE ABERTA

Departamento de Humanidades

Av. Prof. Dr. António Bernardino de Almeida, 2800-164 Lisboa

Relatório referente à unidade curricular *Temas de Cultura Portuguesa II* (Curso de Mestrado em Literatura e Cultura Portuguesas), apresentado no âmbito das provas para acesso ao título de agregada.

## ÍNDICE

I. Enquadramento Institucional.....	5
I.1. Contextualização da unidade curricular no 2.º ciclo de estudos	
I.2. O curso de Mestrado em Literatura e Cultura Portuguesas e o Modelo Pedagógico Virtual da Universidade Aberta	
II. Apresentação do Programa e critérios de elaboração .....	14
III. Propósitos científico-metodológicos .....	19
IV. Programa .....	26
V. Planificação dos conteúdos programáticos .....	28
VI. Roteiros Programáticos e Bibliográficos.....	30
VII. Bibliografia Geral.....	89
VIII. Metodologia.....	95
IX. Estratégias pedagógicas, Métodos de trabalho e Avaliação.....	99
X. Apêndices.....	108

***A literatura é, na sua ordem específica, coisa insubstituível. Não apenas por se encontrar demasiado enraizada na história da humanidade e, sobretudo, na história da cultura do Ocidente, mas porque ela representa o meio, porventura o mais adequado e, certamente, o mais claro, o mais acessível e o mais completo, para o homem exprimir a sua perene e múltipla vontade de consciência, de descoberta, de evasão, de autenticidade, de criatividade, de transcendência, de essencial.***

Manuel Antunes, "Para que serve a Literatura?"

## I. Enquadramento Institucional

### I.1. Contextualização da unidade curricular no 2.º ciclo de estudos

A unidade curricular (uc) *Temas de Cultura Portuguesa II* pertence ao 2º ciclo de estudos superiores e está integrada no plano de estudos do Mestrado em Literatura e Cultura Portuguesas (MLCP) da Universidade Aberta, oferecido pelo seu Departamento de Humanidades. Esta uc representa uma das áreas científicas nucleares da estrutura curricular deste mestrado, o que justifica que esteja presente, com carácter obrigatório, nos dois semestres da componente lectiva do 1º ano do curso, sob as designações: *Temas de Cultura Portuguesa I e II*.

Estas duas unidades curriculares foram pensadas, desde a concepção e estruturação do curso, com a finalidade de constituir um conjunto ou, talvez melhor, uma totalidade cujos conteúdos, não obstante serem independentes e necessariamente diferentes, não podem deixar de estar articulados e mesmo ordenados de modo sequencial, exactamente devido à precedência - *I e II* - que se estabeleceu (cf. quadro abaixo).

### Plano de Estudos do MLCP

UNIDADE CURRICULAR	SEM.	TEMPO DE TRABALHO TOTAL (HORAS)	ECTS
Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea I	1º	260	10
Temas de Cultura Portuguesa I	1º	156	6
Leituras Orientadas	1º	208	8
Metodologias de	1º	104	4

Investigação e de Elaboração do trabalho Científico			
Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea II	2º	260	10
Temas de Cultura Portuguesa II	2º	156	6
Crítica Textual	2º	208	8
Seminário de Investigação	2º	208	8
TOTAL		1560	60

O curso de Mestrado em Literatura e Cultura Portuguesas destina-se a todos os que, tendo formação de 1º ciclo na área das Ciências Humanas e Sociais, especialmente em Línguas, Literaturas e Culturas, mas também noutras áreas científicas, designadamente nas dos Estudos Artísticos e da História, pretendam desenvolver uma actividade profissional relacionada com a Literatura e a Cultura Portuguesas, seja nas áreas da docência, da investigação ou da mediação cultural, tanto em Portugal como no estrangeiro, nomeadamente nos países de língua oficial portuguesa. São igualmente destinatários do curso os docentes do grupo 300 do Ensino Básico e do Ensino Secundário.

Este curso visa uma especialização na área científica da Literatura e Cultura Portuguesas e tem os seguintes objectivos:

- Facultar instrumentos teóricos e operacionais actualizados que permitam enquadrar, analisar e interpretar, de uma forma crítica, autores, obras e problemáticas representativas da área da Literatura e da Cultura Portuguesas do período moderno e contemporâneo;
- Proporcionar uma formação académica aprofundada no âmbito dos Estudos Literários, de modo a promover e a orientar o desenvolvimento de uma investigação que privilegie a intersecção

da Literatura e da Cultura Portuguesas e o diálogo com outras áreas de especialização como o teatro, o ensaio e a crítica literária, a história das ideias, as artes plásticas, entre outras;

- Acompanhar a elaboração de trabalhos de investigação e promover a divulgação da pesquisa efectuada e dos trabalhos realizados, designadamente através do incremento da edição desses trabalhos, em revistas ou outras publicações científicas da especialidade.

O programa da unidade curricular *Temas de Cultura Portuguesa II*, objecto do presente relatório, tem um perfil autónomo e abrange uma matéria precisa e delimitada, a saber, o estudo analítico-crítico das formas como a Geração de 70 e a Geração de *Orpheu* interpelaram Portugal, questionando os seus modos de ser, rumos e destino. Tendo por base o estudo da produção doutrinária e literária de alguns dos seus principais membros, bem como a reflexão que Eduardo Lourenço dedicou quer à referida produção quer ao tema Portugal, privilegiar-se-á o traçado de perspectivas convergentes e divergentes, possíveis de estabelecer, entre a decisiva actuação de cada uma destas duas gerações no panorama intelectual, cultural e estético-literário nacional.

A opção efectiva por este programa não invalida mas, pelo contrário, pressupõe a existência, ainda que *meramente projectiva*, de um outro programa, tendo em conta que a articulação entre ambos não só se adequa à forma como se encontra estruturado o Plano de Estudos do MLCP como permitirá ampliar o actual âmbito cronológico (compreendido entre 1870 e 1915), proporcionando uma perspectivação necessariamente mais completa da cultura portuguesa. Esta propensão para pensar em termos de totalidade, que aqui concretamente se traduz na concepção e elaboração do presente programa em consonância com a *mera prospecção* de um outro, fundamenta-se igualmente pela necessidade de não vir a descurar tópicos considerados fundamentais, de entre a vastidão de potencialidades que a matéria pertencente a esta ampla e diversificada época da nossa cultura (e literatura) comporta em termos de leccionação. Deste modo, poder-se-á abranger outros autores, obras e períodos que, sendo relevantes em si mesmos, o são igualmente na medida em que se inter-

relacionam – de um modo complementar ou antagónico - com os já abordados no que diz respeito à sua produção de natureza doutrinária mas, também, ficcional.

Em síntese, creio ser pertinente a tentativa de perspectivar como um todo integrado e coeso de conhecimentos duas das unidades curriculares nucleares – *Temas de Cultura Portuguesa I e II* – que integram o presente curso de Mestrado, tendo como pressuposto a conciliação de dois aspectos que me parecem essenciais do ponto de vista pedagógico-didáctico:

1) Por um lado, alcançar uma compreensão cabal e uma visão de conjunto orgânica e, ao mesmo tempo, suficientemente contrastiva e diferenciada de um percurso evolutivo que, sem ser exaustivo, evidencie certas relações de continuidade e ruptura que marcaram a nossa cultura desde o Romantismo (configurado em sentido amplo) até à contemporaneidade mais próxima;

2) Por outro lado, privilegiar sobretudo a perspectiva sincrónica ou, talvez melhor, crítica, embora não prescindindo da perspectiva diacrónica, quer dizer, de um recurso a uma estreita articulação entre a história das ideias e a literatura, funcionando esta articulação como um horizonte hermenêutico que viabiliza uma noção de cultura geradora de múltiplos e estimulantes sentidos humanos.

Precisamente porque o nível de pós-graduação, consubstanciado num 2º ciclo de estudos, exige uma abordagem científico-metodológica e pedagógico-didáctica que privilegia a profundidade em detrimento da extensão ou, dito de outro modo, em que se verifica uma franca sobreposição da perspectiva sincrónica relativamente à perspectiva diacrónica, sem todavia, como se frisou, eliminar esta última, o programa de *Temas de Cultura Portuguesa II*, incidindo directamente sobre conteúdos pertencentes a dois séculos emblemáticos, tão ricos e complexos do ponto de vista cultural e estético-literário como foram os séculos XIX e o XX, e sendo delineado para efeitos de leccionação de uma unidade curricular semestral de mestrado que comporta 156 horas,<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Esta carga horária lectiva equivale a 6 ECTS.

distribuídas por 15 semanas, só pode representar uma escolha criteriosa do muito que poderia ter sido escolhido.

## **I.2. O curso de Mestrado em Literatura e Cultura Portuguesas e o Modelo Pedagógico Virtual da Universidade Aberta**

O curso de Mestrado em Literatura e Cultura Portuguesas (MLCP) integra-se no 2º ciclo de estudos superiores e conduz ao grau de mestre. O curso compõe-se de uma primeira parte curricular e de uma segunda parte dedicada à elaboração, apresentação e defesa de uma dissertação especificamente realizada para este efeito.

A componente curricular do curso de Mestrado em Literatura e Cultura Portuguesas desenvolve-se ao longo dos dois semestres do 1º ano, com uma creditação de 60 unidades ECTS. Cada um destes semestres é composto por quatro unidades curriculares obrigatórias, o que totaliza oito unidades curriculares, e desenvolve-se durante um período de 15 semanas.

O primeiro semestre do curso de mestrado é antecipado por um módulo inicial totalmente virtual – a “Ambientação Online” – com a duração de duas semanas, destinado a promover a adaptação dos estudantes ao contexto virtual e às ferramentas de elearning e a permitir a aquisição de competências de comunicação online e de competências sociais necessárias à construção de uma comunidade de aprendizagem virtual.

Todas as unidades curriculares que integram a componente curricular do mestrado funcionam em regime de ensino a distância, exclusivamente online, com recurso a uma plataforma de elearning, no contexto de uma sala de aula virtual.

Terminada a parte curricular com aprovação, o estudante iniciará o 2º ano do curso (3º e 4º semestres) que tem uma creditação de 60 unidades ECTS. Neste segundo ano, a preparação e realização da dissertação é orientada por um doutor, escolhido de entre a equipa docente do mestrado, que acompanha e apoia individualmente o estudante, através de modalidades de comunicação mediadas por computador (por exemplo,

audioconferência ou videoconferência), telefone e, quando possível, presenciais.

Este curso de mestrado segue um modelo pedagógico que foi especificamente concebido para o ensino virtual na Universidade Aberta,<sup>2</sup> o qual adopta os seguintes princípios orientadores:

- Ensino centrado no estudante, o que significa que o estudante é activo e responsável pela construção do conhecimento;
- Ensino baseado na flexibilidade de acesso à aprendizagem (conteúdos, actividades de aprendizagem, grupos de aprendizagem, etc.), sem imperativos temporais ou de deslocação, de acordo com a disponibilidade do estudante. Este princípio concretiza-se na primazia da comunicação assíncrona que permite a não-coincidência de espaço e não-coincidência de tempo, já que a comunicação e a interacção se processam à medida que é conveniente para o estudante, possibilitando-lhe tempo para ler, processar a informação, reflectir e, então, dialogar e/ou interagir;
- Ensino baseado numa interacção diversificada e socialmente contextualizada, quer entre estudante-professor, estudante-estudante, quer ainda entre o estudante e os recursos de aprendizagem.

Com base nestes princípios, importa destacar dois componentes considerados fundamentais no desenrolar do processo de ensino/aprendizagem, ao nível do 2º ciclo de estudos:

#### 1. A CLASSE VIRTUAL

- O estudante integrará uma turma virtual onde têm acesso os professores do curso e os restantes estudantes. As actividades de aprendizagem ocorrem neste espaço virtual e são realizadas online, com recurso a dispositivos de comunicação diversos. A classe virtual deve ser entendida como um espaço multi-funcional que agrega uma

---

<sup>2</sup> Cf. Pereira, A. et al., *Modelo Pedagógico Virtual da Universidade Aberta: Para uma Universidade do Futuro*, Lisboa, Universidade Aberta, 2007. A partir daqui a síntese das principais linhas orientadoras do Modelo Pedagógico desenvolve-se com base neste texto.

série de recursos, distribuídos por vários espaços de trabalho colectivos e onde se processa uma interacção diversificada, quer entre professor-estudante, quer entre estudante-estudante. Neste modelo de ensino/aprendizagem a comunicação é, como se referiu, assíncrona sendo, por isso, baseada na expressão escrita.

## 2. O CONTRATO DE APRENDIZAGEM

- O professor de cada unidade curricular elabora um "Contrato de Aprendizagem". Neste contrato, que, na 1ª semana lectiva, é objecto de debate em fórum com a turma e susceptível de eventuais ajustamentos, o estudante encontra uma definição e planificação detalhadas de todo o percurso de trabalho necessário à realização da unidade curricular, organizado e orientado com base em actividades previstas, apoiando-se na auto-aprendizagem e na aprendizagem colaborativa.

Aprender a distância numa classe virtual implica que o estudante poderá estar "em qualquer lugar do mundo", afastado geográfica e temporalmente dos seus professores e colegas, usufruindo de plena flexibilidade no seu processo de ensino/aprendizagem.

O tempo dedicado ao estudo e à aprendizagem nesta modalidade de elearning traduz-se num número de horas de estudo e de trabalho efectivo que é necessário realizar: as unidades de crédito ECTS. Por isso, o estudante deverá ter em consideração que cada unidade de crédito (1 ECTS) corresponde a 26 horas de trabalho efectivo de estudo, de acordo com o Regulamento de Aplicação do Sistema de Unidades de Crédito ECTS da Universidade Aberta, o que inclui, por exemplo, o estudo e experimentação de recursos diversos, a resolução das actividades online e offline, a leitura de mensagens, a elaboração de documentos individuais, a participação nos debates assíncronos e o trabalho requerido pela avaliação.

Com base em materiais e actividades de aprendizagem estruturados que disponibiliza aos estudantes na sala de aula virtual, o professor organiza e delimita zonas temporais de auto-aprendizagem, articulando

diversos tipos de interacção entre os estudantes e entre os estudantes e o professor.

Nas diferentes unidades curriculares, o estudante terá acesso a uma bibliografia para apoiar e documentar o seu estudo. Esses recursos bibliográficos serão diversificados: recursos em suporte livro, recursos digitais acedidos através da Internet e outros recursos digitais tangíveis (e-books), etc. Embora alguns destes recursos possam ser acedidos online no contexto da classe virtual, existem outras indicações bibliográficas, de cuja localização e/ou aquisição o estudante deverá encarregar-se atempadamente, não descurando o papel fundamental das bibliotecas públicas no desenvolvimento do trabalho de pesquisa e recolha bibliográficas.

A avaliação em cada uma das unidades curriculares é o resultado da ponderação entre uma componente de avaliação contínua (60%) e uma componente de avaliação somativa final (40%). A avaliação contínua contempla um conjunto diverso de estratégias e instrumentos, designadamente realização de projectos individuais e/ou de grupo, elaboração de textos individuais de índole crítica e reflexiva, participação em debates, etc. A avaliação final, de carácter individual, contempla a elaboração e eventual discussão de um trabalho escrito, de acordo com o definido pelo docente, em articulação com a coordenação do mestrado. A aprovação na parte curricular do curso requer aprovação em todas as unidades curriculares, com uma classificação igual ou superior a 10.

De acordo com o citado *Modelo Pedagógico Virtual da Universidade Aberta*, compete à coordenação de um curso de 2º ciclo o acompanhamento, desenvolvimento e avaliação de todo o processo de ensino e aprendizagem ao longo do curso.

Assim, cabe à coordenação do MLCP<sup>3</sup> acompanhar a concepção, implementação e desenvolvimento do curso, quer no que respeita à organização e articulação das unidades curriculares e ao enquadramento dos docentes relativamente ao modelo de curso, quer no que se refere à

---

<sup>3</sup> De que sou actualmente responsável.

supervisão pedagógica do curso, de modo a garantir a qualidade do ensino e da aprendizagem.

Espera-se também que o coordenador acompanhe o desencadear de processos de avaliação da qualidade do ensino e, ainda, que dê apoio ao funcionamento das unidades curriculares ao longo do semestre, através do recurso a um conjunto de mecanismos e dispositivos de suporte pedagógico e tecnológico a prestar, quer aos docentes que leccionam no curso, quer aos estudantes, designadamente:

- cooperando na organização de um módulo de ambientação online, para os estudantes admitidos no curso;
- organizando e dinamizando um espaço de interacção social informal (Fórum Social) da comunidade do curso;
- efectuando a articulação da actuação pedagógica de toda a equipa docente do curso;
- dinamizando um espaço virtual dedicado ao acompanhamento pedagógico dos estudantes inscritos ao longo do curso;
- coordenando a organização das diferentes unidades curriculares que compõem o curso e o seu funcionamento geral;
- apoiando os estudantes na selecção de temáticas conducentes à investigação para a dissertação.

## II. Apresentação do Programa e critérios de elaboração

A problematização de Portugal que se pretende efectuar na unidade curricular (uc) *Temas de Cultura Portuguesa II* visa pôr em confronto o pensamento da geração de 70 e o da geração de *Orpheu* através do estudo analítico-crítico da produção doutrinária e literária que quatro dos seus principais protagonistas (Antero de Quental, Eça de Queirós, Fernando Pessoa e Almada Negreiros) dedicaram à questão do ser-português, em estreita articulação com um *corpus* selectivo de textos de Eduardo Lourenço em que o ensaísta desenvolve tópicos fundamentais para o entendimento do que designa como "preocupação por Portugal", ao mesmo tempo que reflecte sobre os modos como os autores referidos a tematizaram.

São fundamentalmente dois os motivos desta opção: porque aqueles autores e respectiva produção intelectual representam por si mesmos marcos decisivos na expressão de facetas e momentos privilegiados da literatura e da cultura portuguesas mas, também, porque essa condição faz deles objectos de análise privilegiada na problematização e na interpretação crítica dos avatares da identidade cultural lusa, levadas a cabo por Eduardo Lourenço.

O conjunto de conteúdos que compõem o presente programa foi ponderado em função de uma articulação dinâmica a construir entre o elenco programático escolhido e o pensamento de Eduardo Lourenço, adoptando como fio condutor da revisitação lourenciana o conceito de "imagologia" no sentido específico que este autor lhe atribui em *O Labirinto da Saudade*, ou seja, o de "um discurso crítico sobre as imagens que de nós mesmos temos forjado."<sup>4</sup>

A abordagem da cultura proposta no programa considera a literatura – literatura de ideias e ficcional – como base privilegiada de uma reflexão sobre a cultura, tendo como pressuposto que é a literatura e são os seus autores que constituem o foco gerador dos problemas críticos e culturais e, assim sendo, que os textos literários deverão ser considerados como o

---

<sup>4</sup> *O Labirinto da Saudade*, Lisboa, Gradiva, 2005, p. 18.

lugar próprio que servirá de base para que as figurações e tópicos da identidade cultural portuguesa aqui contemplados possam ser interrogados, esclarecidos e apreendidos.

O estudo de autores que deram relevantes contribuições no campo da literatura surge complementado e enriquecido pela perspectiva crítica, inusitada e actual de um autor contemporâneo, vivo e (ainda) pouco trabalhado pela academia como é Eduardo Lourenço, circunstância que poderá ser considerada como uma mais-valia e simultaneamente como uma espécie de investimento no desenvolvimento dos Estudos Lourencianos, área que, como é conhecido, suscita a atenção e o labor de estudantes e investigadores de diversas proveniências científicas e epistemológicas.

O elenco programático<sup>5</sup> oferece um primeiro tema – “Figurações da identidade cultural portuguesa: parâmetros de contextualização” – onde, por um lado, se pretende enquadrar os conteúdos propostos no programa da uc e introduzir aproximações fundamentadas ao conceito de geração literária e, por outro lado, se busca delimitar a abordagem do tema Portugal levada a cabo nesta unidade curricular, tendo em consideração os autores escolhidos e as duas gerações onde se integram e a reflexão que Eduardo Lourenço produziu, quer sobre esses autores quer sobre os modos de ser-português.

Tendo em conta que no Tema 1. se procura contextualizar e configurar o eixo estruturador deste programa, i.e, a problematização de Portugal, os outros três temas que o compõem e completam tentarão mostrar de que forma é possível acompanhar, situar e documentar a questão em estudo, através de uma análise textual que contemple uma exploração consistente e sistematizada, seja da vertente doutrinária e ensaística (num âmbito literário e filosófico), seja da vertente textual mais especificamente literária, o que levará à conjugação de modalidades discursivas diversas, como poesia, romance, crónicas jornalísticas e textos epistolares, manifestos, prefácios, etc.

Os Temas 2. e 3., dedicados, respectivamente, à Geração de 70 e à Geração de *Orpheu*, tratarão de explicitar e sistematizar algumas das

---

<sup>5</sup> Cf. capítulo IV. Programa deste Relatório.

principais noções e questões susceptíveis de iluminar o processo de interpelação a Portugal no arco cronológico considerado buscando, por outro lado, mostrar como essas noções e questões surgem e foram ponderadas a partir de perspectivas doutrinárias e críticas distintas, sublinhando naturalmente a fecundidade desta diversidade.

O principal propósito do Tema 4. - "Geração de 70 e Geração de *Orpheu* ou a problematização de Portugal" - será traçar perspectivas convergentes e relações contrastivas entre estas gerações, entendidas como momentos privilegiados para a indagação e a observação analítico-crítica da particular interpretação de Portugal que ambas efectuaram. Tratar-se-á também de procurar compreender os modos como foi sendo concebida, construída e exercitada, no contexto português, a "imagologia" definida por Eduardo Lourenço, noção que, por sua vez, articula de forma orgânica as duas gerações em estudo, configurando a possibilidade de estabelecer entre elas produtivas aproximações.

Um dos critérios que nortearam a elaboração do presente programa aposta na concretização de uma harmonização, que se julga fecunda, entre a literatura, i.e, os textos de criadores literários e a literatura crítica coadjuvada, a um nível subsidiário, por tópicos de história da literatura e da cultura portuguesas. Numa palavra, procurou-se uma conjugação equilibrada entre os textos de literatura e cultura e os textos sobre literatura e cultura, que os subentende como dois domínios próximos e interligados cuja intersecção deve, por conseguinte, ser procurada e exercitada com vista a um acentuar da fecunda articulação entre a história e a literatura.

A delimitação de conteúdos proposta neste programa deixou propositadamente de lado determinados conhecimentos que julgo legítimo presumir terem sido adequadamente assimilados durante o curso de graduação. Com efeito, é suposto que o 1º ciclo, adoptando uma óptica diacrónica, proporcione aos estudantes uma visão panorâmica abrangente e, de preferência, articulada, da evolução da cultura portuguesa, designadamente dos séculos XIX e XX, bem como o acesso - ainda que sob a forma de uma iniciação - a metodologias de índole teórica e crítica que enquadram e viabilizam, de modo tão científico quanto possível, a

compreensão, o estudo e a abordagem crítica do fenómeno cultural e literário.

Assim, se a circunstância de não estar previsto gastar tempo lectivo com questões ditas de 'grau zero' na presente unidade curricular de mestrado *Temas de Cultura Portuguesa II*, por um lado conduz a um percurso de aprendizagem mais activo, mais problematizante e mais autónomo e assim, devido precisamente a esta conjugação de objectivos, muito mais adequado ao nível pós-graduado em que a uc está inserida, por outro lado, a dita circunstância não deixa, inevitavelmente, de conduzir à necessidade de contar com toda uma série de conhecimentos mais elementares (mas não menos essenciais), como estando já devidamente adquiridos, assimilados e amadurecidos. E isto porque tais conhecimentos constituem uma espécie de 'base de dados' naturalmente indispensável para se poder avançar com o programa e para que este possa ser seguido, de forma profícua, pelos alunos.

Em suma, entendi como ponto assente que o nível de conhecimentos que, como licenciados, os mestrandos devem possuir, bem como a sua anterior experiência de pesquisa bibliográfica e respectivos hábitos de leitura, lhes permitirão, com o apoio de uma orientação por parte da docente, acompanhar com aproveitamento a matéria em leccionação.

Importa ainda ter em conta que o Regulamento do curso de Mestrado em *Literatura e Cultura Portuguesas* da Universidade Aberta, em cuja estrutura curricular a uc *Temas de Cultura Portuguesa II* está integrada, estipula que podem ser candidatos ao curso licenciados na área das Ciências Humanas e Sociais, especialmente em Línguas, Literaturas e Culturas, não excluindo porém candidatos vindos de outras áreas mais 'distantes' das nucleares deste mestrado como, por exemplo, a História ou os Estudos Artísticos.

Este tipo de heterogeneidade na condição e estatuto dos mestrandos, tanto ao nível dos conhecimentos por eles adquiridos como no que se refere aos seus interesses dominantes que se ficam a dever, justamente, a essa eventual disparidade em termos das suas formações de base, suscita igualmente problemas de ordem pedagógico-didáctica que devem ser objecto de uma atenção e de um acompanhamento cuidados por parte da

docente, a fim de conseguir atingir uma maior eficácia e um correcto funcionamento do processo de ensino/aprendizagem.

Por tudo isto, importará tentar suprir esta expectável (mas não desejável) falta de uma homogeneidade não amadurecida em termos de instrumentos conceptuais, de dados histórico-literários ou de terminologia crítica, por um lado através de uma atenção redobrada a tais carências e, por outro lado, moderando e/ou flexibilizando o nível de exigência no que diz respeito à objectiva falta de conhecimento(s) e também - o que ainda acontece mesmo num nível pós-graduado - a evidentes dificuldades em encadear, com rigor e espírito de síntese, determinados raciocínios.

Quanto ao programa propriamente dito, não queria deixar de sublinhar a sua natureza essencialmente aberta, querendo com isto significar que embora o tenha elaborado com o propósito do seu integral cumprimento e daí a articulação orgânica que procurei imprimir aos seus diferentes temas por forma a que resultasse um 'edifício' coeso e congruente, este esforço não obsta mas, muito pelo contrário, implica que o presente programa sendo, antes de mais, um programa de Cultura que integra uma forte componente literária - a qual "não é matéria consagrada, mas uma corrente viva de valores em discussão" - não pode (nem quereria) constituir-se como um modelo impositivo, assumindo-se antes como uma proposta de trabalho, naturalmente disponível para uma eventual adaptação ao perfil, características e necessidades do grupo de mestrandos a que se destina.

### III. Propósitos científico-metodológicos

Ao equacionar e tentar definir os principais propósitos científico-metodológicos de uma unidade curricular (uc) que está integrada num campo disciplinar com o particular perfil e características de *Temas de Cultura Portuguesa II* dever-se-á, a meu ver, ter desde o início consciência da articulação que é necessário manter entre os aspectos científicos e metodológicos de base deste específico âmbito de conhecimento e de reflexão e as esferas pedagógica e didáctica.

Esta espécie de questão de princípio parece-me ganhar tanto maior pertinência quanto se considera a finalidade de pós-graduação em função da qual este programa foi pensado. E isto fundamentalmente porque o valor deste grau de ensino reside não só na 'arrumação' estruturada de novas formas de conhecimento(s) mas também, e até talvez sobretudo, na qualidade destes, sobrepondo-se esta notoriamente à sua quantidade e reside ainda, e porventura ainda mais, na qualidade da organização dos materiais e instrumentos que permitam aos mestrandos ter um papel eminentemente activo na sua aprendizagem e construir o seu próprio conhecimento.

Por outro lado, a circunstância de, no programa de *Temas de Cultura Portuguesa II*, ter optado por autores do período moderno e contemporâneo em estreita articulação com o pensamento lourenciano sublinha o facto de se tratar de uma literatura que *reflecte sobre si mesma*, quer dizer, que conscientemente se auto-elege como objecto de uma problematização incessante no âmbito da qual, por conseguinte, a destrição entre o campo estritamente literário e o que pertence ao domínio crítico-cultural muitas vezes não se revela nem possível nem sequer desejável.

Daqui decorre que *Temas de Cultura Portuguesa II* se poderá considerar como um campo de trabalho consistente e sistemático que privilegia o cruzamento orientado de uma pluralidade de pontos de vista doutrinários (por vezes formulados de modo programático) que, suscitados pelas práticas literária e metaliterária e enquadrados por perspectivas de

ordem sócio-cultural e histórico-literária detalhadamente documentadas, iluminarão procedimentos, metodologicamente apetrechados, de abordagem analítica e crítica da produção intelectual dos autores em estudo.

Esta particular perspectivação dos propósitos científico-metodológicos que me parece dever nortear a leccionação de *Temas de Cultura Portuguesa II* não deverá porém induzir a ideia - que a experiência mostra ser uma atitude recorrente nos mestrandos - de que o texto literário pode ser substituído pelo texto crítico.

Apesar de se tratar de um nível pós-graduado de ensino/aprendizagem, tenho verificado que persiste a tentação de 'fugir' do encontro - e do confronto - com o texto do autor, em especial nos casos em que se pede uma leitura integral da obra, tendência que se pode agravar no ensino online devido à facilidade com que os mais variados conteúdos surgem disponibilizados na internet, não poucas vezes sob a forma de versões parciais (e até não fidedignas) das obras.

Uma leitura integral da obra, provavelmente porque para ser proveitosa deverá ser acompanhada de uma disponibilidade (objectiva e interior) que predisponha à captação de uma certa perplexidade que toda a criação estética, literária ou cultural pode (e deve) despertar, tende a ser adiada para 'um depois' de terem sido feitas uma série de leituras sobre o dito texto. Acresce que, em boa parte dos casos, este último tipo de leituras não inclui em si o menor teor crítico na abordagem efectuada sobre o texto original, limitando-se a oferecer monótonos conjuntos de repetidos (e irreflectidos) lugares-comuns, muitas vezes de incidência meramente biográfica.

Escusado é dizer que tal atitude, incorrecta metodologicamente mas, lamentavelmente, por vezes demasiado enraizada em tantos percursos de formação desde o seu começo, para além de anular o chamado "prazer do texto" leva a que se parta para a referida leitura com toda uma utensilagem de ideias pré-concebidas tão inútil e inestética quanto despropositada.

Ainda assim, esta dificuldade manifestada por alguns mestrandos em

ler só o texto literário - entendendo este 'só' no sentido de não se poder ignorar que o acto da leitura contém em si mesmo potencialidades capazes de suscitar no leitor a vontade de exercer a sua própria aptidão analítica, assim como de provocar uma recepção activa ou, o que é equivalente, de constituir a ocasião de evidenciar uma iniciativa e uma autonomia críticas por parte de quem lê -, também não deverá ser interpretada 'à letra', ou seja, como uma incitação a que se regresse à prática de uma leitura ingénua ou, se se preferir, impressionista, prescindindo de um conjunto apropriado de instrumentos conceptuais, críticos e, o que é ainda mais importante, de uma formação cultural tão abrangente e aprofundada quanto possível que permita amplificar os benefícios oferecidos pela leitura.

Em suma, pretende-se que o programa de *Temas de Cultura Portuguesa II*, objecto do presente Relatório, tenha como pressuposto "um paradigma de conhecimentos relacionáveis, convertíveis e interdisciplinares" que suscite, produza e renove uma espécie de mais-valia em termos de reflexão epistemológica, cujos efeitos se façam notar a um nível mais imediato, i.e, no âmbito disciplinar específico que lhe pertence fazer progredir mas, também, a um nível mediato, ou seja, em termos culturais e formativos mais profundos e globais, mesmo porque a nossa época - onde tudo parece estar (e em boa parte e por boas razões está) em causa - o exige porque precisa.

Neste sentido, não se propõe neste programa fornecer aos mestrandos uma panorâmica global e descritiva da cultura portuguesa. Diferentemente deste objectivo proeminente numa disciplina de graduação, o que aqui se privilegia, por razões que se já procuraram justificar, é a tentativa de explorar as potencialidades de um ponto de vista sincrónico (crítico) que, norteado pelo tema estruturante do programa (a interpelação a Portugal feita por autores maiores da nossa cultura) levará a uma selecção, no âmbito do arco cronológico indicado, de determinados momentos histórico-literários e sócio-culturais considerados fulcrais na medida em que a referida problemática central revela - neles e através deles - alguns dos seus contornos dominantes.

Acrescente-se que tal propósito não prescindirá do recurso - sempre (que) necessário - à História Literária, uma vez que a perspectiva coerente,

porque diacronicamente ordenada, por ela fornecida, constitui uma base de apoio claramente indispensável, quer para a necessária elaboração de enquadramentos quer para o desenvolvimento ampliado e integrado dos temas e problemas que constituem o programa.

Importa por fim salientar alguns critérios que se prendem com o tipo de organização da bibliografia que adoptei e com a sua utilização funcional na leccionação da unidade curricular.

No capítulo "VI. Roteiros Programáticos e Bibliográficos", cada tema do programa (e os respectivos pontos que o compõem) apresenta um elenco bibliográfico específico que foi escolhido da forma mais actualizada e criteriosa possível, procurando abranger os conteúdos de que se ocupa. Isto significa que optei por indicar não só obras inteiras consideradas pertinentes para o tratamento de cada tema mas também, e sempre que se justificou, uma selecção de partes das obras mais directamente relacionadas com cada um dos tópicos em estudo. Por outro lado, procurei restringir ao essencial a selecção da bibliografia, uma vez que não seria viável alargar excessivamente a representatividade dos autores e obras a incluir no programa, tendo em conta o factor tempo e o problema da sua 'apertada' gestão no decorrer de apenas um semestre de leccionação.

Optei ainda neste capítulo VI. por subdividir a bibliografia pertencente a cada um dos diferentes temas do programa em 'Bibliografia principal' e 'Bibliografia complementar'. Os títulos que integram a bibliografia principal aparecem, por sua vez, subdivididos em 'bibliografia activa' e 'bibliografia passiva', enquanto os da bibliografia complementar não estão sujeitos a esta subdivisão, aparecendo ordenados alfabeticamente.

O destaque dado à bibliografia principal ('Activa' e 'Passiva') prende-se com a própria natureza de um programa de uma unidade curricular de mestrado onde, por todos os motivos já sugeridos, é mais do que legítimo e necessário que se exijam leituras integrais e/ou em profundidade, as quais tendem a aparecer, como é natural, associadas a obras e textos de leitura considerada obrigatória. Acresce que estes títulos devem servir como base de sustentação no estudo individual dos temas e problemas abordados no curso, mas igualmente na reflexão conjunta que, a partir das questões e

formulações nesses textos enunciadas, será praticada nos diferentes fóruns de cada tema ao longo da leccionação da unidade curricular.

Decorre também do que tem ficado dito que só algumas obras e textos serão objecto deste tipo de leitura, razão porque se constituiu também uma 'Bibliografia complementar', procurando deixar salvaguardada uma margem de liberdade que penso dever ser deixada aos mestrandos (em regra adultos responsáveis pelo seu ingresso num 2º ciclo de estudos) relativamente à decisão de consolidar e alargar os limites da sua actividade de investigação, entendendo por investigação o esforço feito no sentido de promover o avanço dos seus conhecimentos, adquirindo métodos de rigor e bases sólidas do ponto de vista hermenêutico e gnoseológico.

A função destas obras, cuja leitura embora apenas apontada como aconselhável não deixa de ser fundamental, é sobretudo a de ilustrarem momentos significativos no estudo dos autores seleccionados no programa, no intuito de complementarem a leitura integral das obras indicadas como principais. Em segundo lugar, elas têm ainda uma função de outra natureza, subsidiária mas apesar disso importante, na gestão do binómio programa a leccionar/tempo de leccionação, pois tendo em princípio uma relação menos directa com os conteúdos programáticos em estudo poderão por isso constituir objecto de consultas e/ou de análises mais breves.

Julgo importante notar que os textos doutrinários constituem, no presente enquadramento temático, uma componente da bibliografia (activa e principal) a vários títulos relevante, uma vez que incluem reflexões, que podem ser da autoria de um escritor, de um ensaísta ou de um crítico, e que versam quer sobre questões de natureza metaliterária, quer sobre temáticas e problemáticas que constituem e determinam tópicos programáticos fundamentais, quer ainda sobre princípios que regem a cultura entendida enquanto sistema semiótico e instituição, com incidências de vária ordem. Neste sentido, os textos doutrinários constituem uma espécie de imprescindível "letra litoral", tomando de empréstimo a metáfora de E. Prado Coelho, e podem revestir configurações várias, desde prefácios, introduções ou posfácios, a cartas, manifestos, ensaios ou textos de crítica literária e até certas entrevistas, quando particularmente esclarecedoras

das ideias, da escrita e da conformação intelectual de um determinado autor.

No entanto, e dado que muitas vezes a autoria deste tipo de textos programáticos e/ou doutrinários coincide com a autoria dos próprios textos literários (que por vezes aqueles introduzem ou apresentam), ou ainda porque se encontram demasiados ligados à específica conjuntura que motivou o seu surgimento, importa estar ciente de que o rigor da doutrinação neles inscrita pode ser afectado por razões e circunstâncias notória ou subliminarmente subjectivas.

O capítulo "VII. Bibliografia Geral", constituído com o objectivo de fornecer aos mestrandos um enquadramento mais amplo e a criação de perspectivas de investigação aprofundadas e diversificadas, recolhe e amplia em parte as bibliografias específicas apresentadas como parte integrante de cada um dos temas do programa e contém obras de âmbito genérico cuja consulta, para além de importante, se revela útil. Nesta rubrica, construída de forma um tanto heterogénea, procurei elencar todo um conjunto de referências bibliográficas que tanto pode ser utilizado como apoio essencial como funcionar enquanto apoio auxiliar, estando esta polivalência de usos dependente da referida vontade de aprofundar e progredir e, também, das eventuais necessidades (ou carências) dos mestrandos, tanto no que se refere ao acompanhamento da matéria do programa a leccionar, como relativamente à elaboração dos trabalhos exigidos pela avaliação desta unidade curricular.

Por último, cumpre explicitar que, embora o conjunto de referências bibliográficas apresentadas tenha resultado um pouco extenso, tal não se ficou a dever a qualquer tipo de pretensão de exaustividade, mas a um critério que orientou de modo consciente a sua construção e elaboração. Num ensino/aprendizagem de nível pós-graduado, creio que a função dos elencos bibliográficos especializados pode (e até talvez deva) ultrapassar o âmbito estritamente programático de que a presente unidade curricular de mestrado se ocupa, assim como uma utilização imediata, ou seja, aquela que é feita em função do(s) trabalho(s) para a unidade curricular que se frequenta e para a qual se pretende aprovação.

Será pois importante sensibilizar os mestrandos para as vantagens de uma utilização mais mediata ou, talvez melhor, de longo prazo (e alcance) que viabilize a possibilidade de um enquadramento mais amplo e a criação de perspectivas de investigação mais diversificadas com vista a futuras pesquisas e à realização de trabalhos de natureza científica de nível mais aprofundado e diversificado, como por exemplo a dissertação a realizar no segundo ano do curso.

**IV. Programa**  
*Temas de Cultura Portuguesa II*  
(código 52008)

**«Geração de 70 e Geração de *Orpheu*: Portugal em questão»**

**TEMA 1**

**Figurações da identidade cultural portuguesa: parâmetros de contextualização**

- 1.1. O conceito de geração em contexto histórico-cultural
- 1.2. Modos de ser-português no ensaísmo de Eduardo Lourenço: delimitação do *corpus* em estudo

**TEMA 2**

**A Geração de 70 ou "o criticismo patriótico"**

- 2.1. O espírito e a acção da Geração de 70
- 2.2. Antero de Quental: as causas da decadência e o "idealismo ético" da sua intervenção social
- 2.3. Eça de Queirós: do "bocejo da Pátria" à possibilidade de regeneração

**TEMA 3**

**A Geração de *Orpheu* ou "a única ponte entre Portugal e a Europa"**

- 3.1. Especificidade conceptual e horizontes culturais da geração de *Orpheu*
- 3.2. Fernando Pessoa: o ser-português e a busca de um sentido para Portugal
- 3.3. Almada Negreiros: uma noção cosmopolita de nacionalidade

#### **TEMA 4**

### **Geração de 70 e Geração de *Orpheu* ou a problematização de Portugal**

- 4.1. Legitimidade desta aproximação
- 4.2. O lançamento do primeiro Fradique Mendes e o lançamento da revista *Orpheu*
- 4.3. Eduardo Lourenço e os sentidos da interpelação a Portugal protagonizada pelas duas gerações

#### **TEMA 5**

### **Preparação e elaboração do trabalho final**

## V. Planificação dos conteúdos programáticos

**TEMAS DE CULTURA PORTUGUESA II**  
**DISTRIBUIÇÃO DOS TEMAS POR SEMANAS**  
**ANO LECTIVO 2009-2010 (2º SEMESTRE)**

TEMAS	SEMANAS
<p><b>0. Apresentação e Fórum de Debate sobre o Contrato de Aprendizagem</b></p> <p style="text-align: center;"><b><u>1 semana</u></b></p>	2 a 8 de Março
<p><b>1. Figurações da identidade cultural portuguesa: parâmetros de contextualização</b></p> <p style="text-align: center;"><b><u>2 semanas</u></b></p>	9 a 15 de Março 16 a 22 de Março
<p><b>2. A Geração de 70 ou o "criticismo patriótico"</b></p> <p style="text-align: center;"><b><u>4 semanas</u></b></p>	23 a 29 de Março De 30 de Março a 5 de Abril → PAUSA LECTIVA → PÁSCOA 6 a 12 de Abril 13 a 19 de Abril 20 a 26 de Abril
<p><b>3. A Geração de Orpheu ou a "única ponte entre Portugal e a Europa"</b></p> <p style="text-align: center;"><b><u>4 semanas</u></b></p>	27 de Abril a 3 de Maio 4 a 10 de Maio 11 a 17 de Maio 18 a 24 de Maio
<p><b>4. Geração de 70 e Geração de Orpheu ou a problematização de Portugal</b></p> <p style="text-align: center;"><b><u>3 semanas</u></b></p>	25 a 31 de Maio 1 a 7 de Junho 8 a 14 de Junho
<p><b>5. Preparação e Elaboração do Trabalho Final</b></p> <p style="text-align: center;"><b><u>4 semanas</u></b></p>	15 a 21 de Junho 22 a 28 de Junho 29 de Junho a 5 de Julho 6 a 12 de Julho

***Drive with pride, podia ver-se em algumas estradas americanas. Porque não, na Universidade, comporte-se com brio, pois ser universitário não é só um emprego para se exercer displicentemente [...], mas uma opção selectiva, uma busca de excelência. Sem esta base ética profissional, a Universidade estará sempre em crise. A pedagogia também.***

A. B. Machado Pires, "As Coordenadas de Gauss e a Pedagogia na Universidade"

## **VI. Roteiros Programáticos e Bibliográficos**

## Roteiro Programático e Bibliográfico

### do TEMA 1.

#### "Figurações da identidade cultural portuguesa: parâmetros de contextualização"

**1.1.** O conceito de geração em contexto histórico-cultural. **1.2.** Modos do ser português no ensaísmo de Eduardo Lourenço: delimitação do *corpus* em estudo.

### I. Apresentação do Tema 1.

Considerando que o presente programa se estrutura em torno de duas gerações – a de 70, e a de *Orpheu*, fará sentido iniciá-lo com uma recolha de elementos que permitam caracterizar um grupo de intelectuais como uma geração.

A tentativa de definir o complexo conceito de geração não é uma operação linear, uma vez que existem diversas perspectivas possíveis - histórica, sociológica, ideológica, psicológica, etc. - que podem (e devem) ser tidas em conta numa definição, que se pretende rigorosa, da ideia de geração.

Interessa suscitar e orientar o debate (através de fóruns na turma) em torno das contribuições trazidas pelos diferentes autores disponibilizados, no que se refere aos diversos critérios a ter em conta na procura de uma delimitação do conceito de geração. A designação de 'geração literária' não deverá ser atribuída unicamente em função de um critério cronológico que agrupe um determinado conjunto de escritores pelo facto de terem idades próximas. Mais substantivo e sustentável será um critério que os agrupa em torno da existência de "afinidades ideológicas e estéticas e, sobretudo, [de] um desejo colectivo de afirmação literária."<sup>6</sup> No entanto, há que ter em conta que estas afinidades podem incluir (e incluem frequentemente) divergências intelectuais e de opinião que, aliás,

<sup>6</sup> Carlos Ceia, "Geração Literária", in *E-Dicionário de Termos Literários*.

A referência bibliográfica completa de todos os textos citados em nota de rodapé está na Bibliografia (principal e complementar) que se encontra no final de cada Tema tratado.

costumam gerar estimulantes polémicas que recriam e revigoram ideias e valores.

Igualmente problemático será determinar com nitidez as conexões existentes entre cada criador e a geração histórico-cultural a que pertence, não só porque a vida e a actuação de um autor, bem como a obra que de ambas resulta, são usualmente marcadas por um extremo individualismo, mas também porque analisar a relação de um escritor com o contexto sócio-político e cultural em que historicamente se integra envolve toda uma série de questões a esclarecer, designadamente o facto de que, como sublinha João Medina, "os homens são contemporâneos e co-participantes duma geração para além dos meros limites cronológicos ou das equivalências etárias. Inversamente, a simples convivência e aparente comunhão de indivíduos numa mesma geração não os nivela nem os integra no mesmo ideário, idêntica pulsão vital, comum mundivisão, etc."<sup>7</sup>

Numa óptica histórico-literária de âmbito genérico, "poder-se-á admitir que, numa determinada média de oscilação de idades, se estabelece um percurso paralelo, percurso esse de formação e desenvolvimento estético-ideológico e de factos culturais, por parte de um número restrito de intelectuais. Tal percurso leva à formação do que poderemos chamar, sem preconceitos, uma elite intelectual."<sup>8</sup> Esta poderá então ser configurada como um grupo de escritores, artistas e intelectuais contemporâneos entre si que, vivendo num mesmo determinado momento histórico, "comungam dos mesmos ideais, respondem aos mesmos desafios históricos, partilham a mesma estética e que muitas vezes procuram construir uma obra com características comuns."<sup>9</sup> Tendo em conta estes parâmetros gerais, a designação de 'Geração de 70' nomeia o grupo cuja actuação colectiva começa a tornar-se conhecida a partir de 1865, com a famosa "Questão Coimbrã", prosseguindo em 1871, com as não menos famosas "Conferências do Casino" em Lisboa. De entre os principais membros da Geração de 70, a História celebrizou, como é sobejamente conhecido, cinco figuras, aliás reunidas numa fotografia, igualmente célebre: Ramalho Ortigão nascido em 1836, Antero de Quental em 1842, Eça de Queiroz e

---

<sup>7</sup> "À guisa de prefácio - A Geração de 70: uma síntese provisória", p. 12.

<sup>8</sup> Álvaro Manuel Machado, "Geração de 70" in *Dicionário de Eça de Queiroz*, p. 472.

<sup>9</sup> Carlos Ceia, "Geração Literária".

Oliveira Martins em 1845 e Guerra Junqueiro em 1850.<sup>10</sup> Trata-se de um conjunto de personalidades que, sem nenhuma reserva, se poderá apelar de elite intelectual uma vez que qualquer dos seus ilustres membros teve uma carreira preponderante e se distinguiu pelas suas obras, que se notabilizaram quer na ficção literária e na poesia quer na investigação histórica ou na acção política.

Interessa também sublinhar a ideia de que a dificuldade em estabelecer com alguma solidez vectores que enquadrem e definam o conceito de geração literária e artística tenderá a agravar-se no caso do grupo do "Orpheu", no seio do qual não existia minimamente nem qualquer tipo de interesse direccionado ou, sequer organizado, no sentido de uma intervenção pública com propósitos reformistas no que se refere à situação político-social, nem o que se poderia designar como uma consciência de grupo. Almada Negreiros, contemplado com uma maior longevidade, acabou por ser aquele a quem, talvez por essa circunstância, coube dar passos decisivos no sentido de revelar *a posteriori* descrições e impressões de episódios directamente vividos e realmente experienciados no auge da eclosão modernista e, assim sendo, prontos a selar com a devida autenticidade a inscrição do mito-Orpheu na posteridade.

Assim, relativamente à geração de *Orpheu*, pode falar-se de uma espécie de sentimento de uma "mesma não-identidade" que foi "comum" a todos os órficos, como precisou o próprio poeta-pintor num importante texto, incluído na bibliografia principal e objecto de análise neste Tema 1., em que evoca os tempos da revista *Orpheu*, cerca de cinquenta anos depois do seu lançamento público: "Ainda hoje desconheço felizmente a identidade dos inesquecíveis companheiros do «Orpheu»", afirma Almada, acrescentando naquele seu tom desconcertante: "Éramos na realidade muito estranhamente diferentes uns dos outros, e todos suspensos do mesmo fio de nos faltar território. [...] Era a Arte que nos juntava? Era. [A] Arte era a solução. A nossa solução comum. Era o neutro entre nós. (...) Foi este o facto decisivo de que o 'Orpheu' não era grupo. Era-lhe indiferente toda a opinião política, religiosa, literária, artística, filosófica, científica."<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> Tomando como ponto de referência o ano da realização das Conferências Democráticas (Maio-Junho de 1871), verifica-se que "a média etária aritmética do chamado 'Grupo dos Cinco' é de vinte e sete anos". Cf. João Medina, "À guisa de prefácio - A Geração de 70: uma síntese provisória", p. 13.

<sup>11</sup> José de Almada Negreiros, *Orpheu - 1915-1965*, pp. 2-3 e 10.

Esta peculiar sensação, espécie de 'inquietante estranheza', partilhada pelos criadores de *Orpheu* era sustentada por determinados valores, como um vincado individualismo ou a absoluta reivindicação de uma originalidade frequentemente marcada pela excentricidade - que consubstanciavam, de forma quase programática, a atitude estética e a prática cultural e literária dos modernistas. Nesta ordem de ideias interessará considerar também o texto que serve de "Introdução" ao número 1 de *Orpheu*, da autoria de Luiz de Montalvor (seu director juntamente com Ronald de Carvalho), no qual se apresenta a revista como sendo "um exílio de temperamentos de arte que a querem como a um segredo ou tormento", frisando a importância d/"este princípio aristocrático", implicitamente apontado como o principal elemento-base da ideação de *Orpheu*, do "seu ideal esotérico" e dos "desejos de bom gosto e refinados propósitos em arte" que a habitam.<sup>12</sup>

Uma das características que o autor de *A Invenção do Dia Claro* aponta como típica da modernidade modernista é "o encontro das letras e da pintura", acrescentando: "Era mesmo a primeira vez que tal acontecia em Portugal desde o nosso século XV.<sup>13</sup> Por outro lado, é ainda ele o autor do divertido texto 'programático' em que enuncia os "3 (três) vocábulos perjurativos [sic] em dias do «Orpheu»",<sup>14</sup> um dos muitos excêntricos fingimentos em que alguns do grupo do "Orpheu" se compraziam com o propósito mais do que deliberado de afrontar e de chocar uma "sociedade enxameante de burgueses". "Lepidóptero", uma das expressões fundamentais da *consciência modernista*, justamente evocada por Almada no texto já citado, foi uma palavra inventada por Mário de Sá-Carneiro para designar essa (porventura larga) maioria de seres comuns, dos quais criatividade, sensibilidade e inteligência estariam ausentes (ou presentes em doses reduzidas) e que, por isto mesmo, constituíam o alvo privilegiado das mistificações e *blagues* dos criadores órficos.

Embora adira e tenha por vezes participado em algumas das *blagues* que o grupo modernista incessantemente inventava contra "*o poderosíssimo mimetismo dos lepidópteros*", como dizia Almada, Pessoa, não deixa de rejeitar algumas das situações que, pelo seu exagero excessivo ou por

<sup>12</sup> "Introdução" a *Orpheu volume 1*, Lisboa, Edições Ática, s/d, pp. 11-12.

<sup>13</sup> Almada Negreiros, *op. cit.*, p. 8.

<sup>14</sup> *Ibidem*, pp. 26-30. Os vocábulos em causa são: "literatura, botas d'elástico e lepidoptero".

quaisquer outras razões, aparentavam ser motivadas por essa "ambição grosseira de brilhar por brilhar" ou por uma mera "futilidade literária"<sup>15</sup> das quais faz absoluta questão de se demarcar, como revela em carta a A. Cortes-Rodrigues. No que aliás foi, de um modo geral, seguido por outros companheiros do "Orpheu", cuja devoção à arte foi total e inusitada no seu grau de exigência ao ponto de os levar a sobrevalorizar e a sobrepor a existência poética à existência real ou, o que é equivalente, a "assumir a verdade da mitologia, dar à imaginação aquele lugar no mundo que ela ocupa no sonho". Por isso, como sublinha ainda Eduardo Lourenço, "a importância única da geração de «Orpheu» resid[iu] nessa aceitação sem limites da seriedade da poesia, ou, se se preferir, da poesia como realidade absoluta".<sup>16</sup>

Importa ainda proceder a uma delimitação da parte da obra de Eduardo Lourenço seleccionada em função do estudo dos modos de ser-português e da "preocupação por Portugal" evidenciada por este ensaísta, paralelamente ao traçado de algumas perspectivas - convergentes e contrastivas - que, com base na óptica lourenciana, modelam um confronto que se pretende dinâmico e esclarecedor entre as duas gerações em questão na presente unidade curricular.

Uma análise cuidada de um conjunto de textos significativos<sup>17</sup> do autor de *Nós e a Europa ou as Duas Razões* permitirá evocar, de forma preambular, dois aspectos relevantes: 1. que a via privilegiada de indagação da cultura portuguesa protagonizada por Eduardo Lourenço é a produção literária dos seus mais relevantes criadores; 2. e que a interpretação do sentido e do simbolismo das imagens veiculadas pela literatura constitui um domínio emblemático da sua reflexão sobre o modo de ser-português e o destino pátrio. De facto, a produção literária constitui, para Eduardo Lourenço, a "expressão real de toda a cultura superior"<sup>18</sup> representando, porventura, a única excepção que se encontra na cultura portuguesa ao marasmo e inferioridade generalizados.

Assim, o facto de a literatura representar um prisma hermenêutico axial através do qual a cultura é apreciada e avaliada não pode senão

---

<sup>15</sup> Fernando Pessoa, *Cartas a Armando Cortes-Rodrigues*, pp. 44-46.

<sup>16</sup> *Tempo e Poesia*, pp. 53 e 52.

<sup>17</sup> Cf. Bibliografia do presente Tema 1.

<sup>18</sup> *Heterodoxia I e II*, p. 13.

representar uma escolha inteiramente deliberada e assumida. Na primeira edição (1978) de *O Labirinto da Saudade*, Eduardo Lourenço confirma-o: "Por gosto, por vocação, mas também por decisão intelectual fundamentada, este nosso primeiro esboço de imagologia portuguesa é quase exclusivamente centrado sobre imagens de origem literária [...], naquelas que por uma razão ou por outra alcançaram uma espécie de estatuto mítico, pela voga, autoridade e irradiação que tiveram ou continuam a ter."<sup>19</sup> Por isso, a "preocupação pelo estatuto cultural que nos é próprio", cerne da tarefa de autognose colectiva delineada neste livro - e em vários outros, mostrando bem quanto Eduardo Lourenço é herdeiro da geração de 70 - exprime-a o autor através do propósito que em *O Labirinto* enuncia: o de produção de "um discurso crítico sobre as imagens que de nós mesmos temos forjado",<sup>20</sup> em especial aquelas que, por terem sido concebidas por insignes artistas, historiadores, romancistas ou poetas, se impuseram e consolidaram na nossa "consciência comum."

Exercendo a função por excelência que lhe cabe - a de "consciência crítica da consciência portuguesa",<sup>21</sup> a análise lourenciana centra-se na imagem, altamente 'desfocada' segundo o ensaísta, que os portugueses fazem de si mesmos e da sua posição no mundo. Ao contrário do que sucede com outros povos, a questão identitária, entendida como projecto de uma existência pátria cuja busca de definição política, territorial ou cultural vai estruturando o que se pode designar como realidade nacional, peca em Portugal por ser irreflectida, no sentido de mais vivida do que propriamente pensada. Sobre a particularidade do "nosso caso", escreve em *O Labirinto da Saudade*: "Tivemos sempre uma vértebra supranumerária, vivemos sempre acima das nossas poses, mas sem problemas de identidade nacional propriamente ditos. A nossa questão é a da nossa imagem enquanto produto e reflexo da nossa existência e projecto históricos ao longo dos séculos e em particular na época moderna em que essa existência foi submetida a duras e temíveis privações."<sup>22</sup>

---

<sup>19</sup> *O Labirinto da Saudade*, p. 18.

<sup>20</sup> *Op. cit.*, p. 18.

<sup>21</sup> Luís Filipe Barreto, "Em torno de «O Labirinto da Saudade»", p. 70.

<sup>22</sup> *O Labirinto da Saudade*, pp. 17-18

## II. BIBLIOGRAFIA

### Bibliografia principal

#### ACTIVA

LOURENÇO, Eduardo, "Europa ou o Diálogo que nos falta", in *Heterodoxia I e II*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1987, pp. 7-17.

-----, "Ideia para uma Historiografia Existencial do Pensamento Português", in AA.VV., *Unicórnio. Antologia de Inéditos de Autores Portugueses Contemporâneos*, Org. José-Augusto França, Lisboa, Maio, 1951, pp. 38-44.

-----, *O Labirinto da Saudade*, Lisboa, Gradiva, 2005.

- "Para uma revisitação improvável", pp. 11-15.
- "Breve Esclarecimento", pp. 17-21.
- "Psicanálise Mítica do Destino Português", pp. 23-66.
- "Repensar Portugal", pp. 67-79.
- "Da Literatura como Interpretação de Portugal", pp. 80-117.

-----, "«Orpheu» ou a poesia como realidade", in *Tempo e Poesia*, Lisboa, Relógio D'Água, 1987, pp. 43-60.

-----, "Portugal como Destino. Dramaturgia cultural portuguesa", in *Mitologia da Saudade seguido de Portugal como Destino*, S. Paulo, Companhia das Letras, 1999, pp. 87-152.

NEGREIROS, Almada, *Orpheu - 1915-1965*, Lisboa, Ática, 1993.

-----, "Um aniversário: *Orpheu*", in *Obras Completas, Vol. V, Ensaios*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992, pp. 59-63.

PESSOA, Fernando, *Cartas a Armando Cortes-Rodrigues*, (Introdução de Joel Serrão), Lisboa, Livros Horizonte, 1985.

-----, "Como nasceu «Orpheu»" e "Nós os do «Orpheu»", in *Textos de Intervenção Social e Cultural*, Lisboa, Europa-América, s/d, pp. 69-75.

-----, "Pertença a uma geração que ainda está por vir", in *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*, textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho, Lisboa, Ática, s/d, pp. 64-66. Disponível em *Arquivo Pessoa. Obra Édita*, <http://arquivopessoa.net/textos/2013>

*Arquivo Pessoa. Obra Édita*, disponível em <http://arquivopessoa.net/textos/2013>

#### PASSIVA

BELCHIOR, Maria de Lurdes, "Portugal: o Labirinto da Saudade", *Revista de História Económica e Social*, nº 4, Lisboa, Sá da Costa, Julho-Dezembro, 1979, pp. 1-14.

-----, "Temas de Cultura Portuguesa (séculos XIX-XX) - A literatura portuguesa expressão de uma cultura nacional? Tradicionalismo e Renovação na viragem do século XIX para o século XX - 1890-1915", in *Os Homens e os*

*Livros II (Séculos XIX e XX)*, Lisboa, Editorial Verbo, 1980, pp. 99-125.

CEIA, Carlos, "Geração Literária", in *E-Dicionário de Termos Literários* (Edição e organização de Carlos Ceia), disponível em <http://www.fcs.unl.pt/edtl/index.htm>

JÚDICE, Nuno, *A era do "Orpheu"*, Lisboa, Teorema, s/d.

MACHADO, Álvaro Manuel, "Geração de 70", in *Dicionário de Eça de Queiroz*, Lisboa, Editorial Caminho, 1993, pp. 471-476.

MARTINS, Guilherme D'Oliveira, "Cultura: interrogação essencial", in *Portugal. Identidade e Diferença - Aventuras da Memória*, Lisboa, Gradiva, 2007, pp. 41-65.

MEDINA, João, "À guisa de prefácio: A Geração de 70: uma síntese provisória", in *Eça de Queirós e a geração de 70*, Lisboa, Moraes Editores, 1980, pp. 9-18.  
-----, *A Geração de 70, uma geração revolucionária e europeísta*, Cascais, Instituto de Cultura e Estudos Sociais, 1999.

MONTEIRO, Adolfo Casais, "Entre 70 e 90", in *A poesia portuguesa contemporânea*, Lisboa, Sá da Costa, 1977, pp. 57-77.

PIRES, A. Machado, "O conceito de geração. Como se define a geração de 70", in *A ideia de decadência na geração de 70*, Lisboa, Vega, 1992, pp. 31-54.

QUADROS, António, "O Grupo", in *Fernando Pessoa, vida, personalidade e génio. Uma biografia «autobiográfica»*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 2000, pp. 73-84.

REIS, António, "A Geração de 70 e a missão política dos intelectuais", in *Estudos Anterianos, 9/10*, Centro de Estudos Anterianos de Vila do Conde, Abril-Novembro de 2002, pp. 165-172.

SARAIVA, António José, *Para a História da Cultura em Portugal*, Volume I, Lisboa, Gradiva, 1995.

- "Prólogo da 1ª edição", pp. 5-18.
- "Prólogo da 3ª edição", pp. 19-26.
- "O português e o universalismo", pp. 29-39.
- "Para uma sociologia da literatura portuguesa", pp. 41-57.

SEABRA, José Augusto, "O retorno de *Orpheu*", in *O Heterotexto Pessoaano*, S. Paulo, Perspectiva, Editora da Universidade de S. Paulo, 1988, pp. 187-218.

SENA, Jorge de, "Sobre o perspectivismo histórico-literário", in *Dialécticas Teóricas da Literatura*, Lisboa, Edições 70, 1977, pp. 203-210.

### **Bibliografia complementar**

BARBERIS, Pierre e DUBY, Georges, "Literatura e Sociedade", in AA.VV., *Escrever... Para quê? Para quem?*, Lisboa, Edições 70, 1975, pp. 41-80.

BARRETO, Luís Filipe, "Em torno de «O Labirinto da Saudade»", in *Prelo*. Revista da Imprensa Nacional/Casa da Moeda, Número Especial, Maio, 1984, pp. 69-81.

BARTHES, Roland, "O mito, hoje", in *Mitologias*, (Tradução e Prefácio de José

- Augusto Seabra), Lisboa, Edições 70, 1988, pp. 179-223.
- FERREIRA, Alberto, "Introdução pedagógica à «Questão Coimbrã», in Alberto Ferreira e Maria José Marinho, *Antologia de Textos da Questão Coimbrã*, Lisboa, Moraes Editores, 1978, pp. 9-63.
- FRANÇA, José-Augusto, *O Romantismo em Portugal. Estudo de Factos Socioculturais*, Lisboa, Livros Horizonte, 1999.
- LEAL, Ernesto Castro, "Vida Política (1850-1910)", in A. Campos Matos, (Org. e Coord.), *Dicionário de Eça de Queiroz*, Lisboa, Editorial Caminho, 1993, pp. 936-937.
- LEONE, Carlos, "O exílio como cultura política portuguesa ou um outro diálogo em falta", in *Colóquio Letras*, Eduardo Lourenço, 85 anos - *Congresso Internacional*, Fundação Calouste Gulbenkian/6 e 7 de Outubro de 2008, nº 170, Janeiro/Abril, 2009, pp. 24-31.
- MACHADO, Álvaro Manuel, *A Geração de 70 - Uma revolução cultural e literária*, Lisboa, Biblioteca Breve - Instituto de Cultura Portuguesa, 1977.
- MOREIRA, Filipe Alves, "A Geração de 70: notas para a história de um conceito", disponível em:  
[http://www.uefs.br/nep/labirintos/edicoes/02\\_2007/09\\_artigo\\_de\\_filipe\\_alves\\_moreira.pdf](http://www.uefs.br/nep/labirintos/edicoes/02_2007/09_artigo_de_filipe_alves_moreira.pdf)
- PIRES, A. Machado, "A identidade portuguesa", in *Luz e Sombras no século XIX em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007, pp. 27-39.  
-----, "Portugal: da contemporaneidade à pós-modernidade", in *Prelo.*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Janeiro-Abril de 2006, pp. 45-53.
- REAL, Miguel, "Questão Cultural", in *Eduardo Lourenço e a Cultura Portuguesa*, Lisboa, Quidnovi, 2008, pp. 21-128.
- REIS, J. Batalha, "Anos de Lisboa. (Algumas Lembranças)", in *Antero de Quental-In Memoriam*, Lisboa, Editorial Presença e Casa dos Açores, (Edição *Fac-Similada*), 1993, pp. 441-472.
- RIBEIRO, Margarida Calafate, 2009 - "Uma história de regressos. Eduardo Lourenço e a Cultura Portuguesa", in *Eduardo Lourenço. Uma ideia do mundo*, in *Colóquio Letras*, nº 171, Maio/Agosto, pp. 151-163.
- ROCHA, Clara, "Gerações, gerações, gerações...", in *Nova Renascença*, vol. VI, nº 21, 1986.
- SENA, Jorge de, "Sistemas e correntes críticas", in *Dialécticas Teóricas da Literatura*, Lisboa, Edições 70, 1977, pp. 109-167.
- SIMÕES, João Gaspar, *A Geração de 70 - Alguns tópicos para a sua história*, Lisboa, Editorial Inquérito Lda, s/d.

## Roteiro Programático e Bibliográfico

### do TEMA 2.

#### “A Geração de 70 ou «o criticismo patriótico»”

**2.1.** O Espírito e a Acção da Geração de 70. **2.2.** Antero de Quental: as causas da decadência e o “idealismo ético” da sua intervenção. **2.3.** Eça de Queirós: do “bocejo da Pátria” à possibilidade de regeneração

### I. Apresentação do Tema 2.

Considerando a relação, por diversos motivos indissociável, entre o panorama sócio-cultural e histórico-político em que os membros da Geração de 70 se afirmaram<sup>23</sup> e as propostas concretas de intervenção activa e reformista que caracterizaram a sua actuação, importa articular o conhecimento deste enquadramento contextual com os sentidos da “ostensiva relação negativa”, sublinhada por Eduardo Lourenço em *O Labirinto da Saudade*, que este grupo de intelectuais entreteve com Portugal ao confrontá-lo com as condições e as causas responsáveis pelo seu atraso crónico, questionação que se materializou na denúncia e incessante crítica da excessiva tacanhez cultural e mental imperantes, aliadas ao esforço para combater e tentar alterar essa ‘lamentável decadência’.

Tratar-se-á também de procurar compreender como se traduziu o *espírito* que norteou aspectos importantes da *acção* da Geração de 70, não deixando de sublinhar a específica metamorfose que o Romantismo protagonizou neste contexto. A par da referência às principais realizações em que o grupo de 70 se empenhou, deverá enfatizar-se a noção de que uma dimensão humanitária do Romantismo foi ambicionada e consagrada com forte empenho pela Geração de 70, nomeadamente através do elevado ideal reformador, a nível social, ético, cultural e literário em torno do qual os seus principais membros se congregaram. A publicação de *Odes*

<sup>23</sup> Cf. Excurso nº1 - “Contextualização histórico-política e sócio-cultural da geração de 70” no capítulo X. Apêndices deste Relatório.

*Modernas* de Antero de Quental em Agosto de 1865, costuma ser entendida como símbolo da introdução entre nós de uma "poesia social revolucionária" ("a poesia moderna é a voz da revolução", dirá o poeta) e, nessa medida, situa-se forçosamente nos antípodas da estética ultra-romântica, considerada retrógrada. Sabe-se que a importância desta obra é decisiva não só por ter marcado o início da poesia moderna no panorama literário português, mas igualmente por ter dado origem à nossa maior polémica literária de sempre<sup>24</sup> - a "Questão Coimbra".

Além de uma violenta crítica aos excessos lírico-sentimentais glosados pela estética ultra-romântica, era patente o menosprezo que os então estudantes em Coimbra votavam ao Portugal proverbialmente atrasado e culturalmente provinciano. Não podia ser de outra maneira, dada a efectiva deterioração da vida nacional em vários planos a qual, por sua vez, como que agudizava essa espécie de êxtase que votavam à 'Civilização' dita superior, simbolizada pela "torrente de coisas novas", como escreveu Eça de Queirós, aludindo às "ideias, sistemas, estéticas, formas, sentimentos, interesses humanitários"<sup>25</sup> que, através do recém-criado caminho-de-ferro, atravessavam a Península Ibérica vindas da Europa, e aqui chegavam, em especial através de França.

Tomando como adquirido o conhecimento dos principais intervenientes, intencionalidades, motivos, e respectivas intervenções escritas que deram corpo à polémica entre os grupos de Lisboa e Coimbra,<sup>26</sup> julga-se mais interessante e produtivo induzir os mestrandos a aprofundar a interpretação do alcance do debate suscitado pela acesa troca de textos polémicos que consubstanciou toda a famosa querela do "Bom Senso e Bom Gosto", no que diz respeito à modernidade ou, talvez melhor, à modernização que a pretexto dela o juvenil grupo coimbrão reivindicava. A este respeito, o trabalho dos mestrandos será orientado para a exploração pormenorizada da síntese de Manuel Antunes em "Significado histórico da «Questão Coimbra»".

Em termos muito sintéticos, interessará acentuar que o significado do que ficou conhecido historicamente como "Questão Coimbra" se pode

---

<sup>24</sup> Decorreu ao longo de cerca de 6 meses, entre 1865-1866, e contou com mais de 40 opúsculos.

<sup>25</sup> "Um génio que era um santo", in *Notas Contemporâneas*, p. 254.

<sup>26</sup> Uma descrição sucinta desta contenda poderá ser consultada no Excurso nº 2 - "A Questão Coimbra e o novo papel do intelectual" no capítulo X. Apêndices.

resumir pela divergência entre os que apoiavam os valores literários dominantes, cujo expoente paradigmático era A. Feliciano de Castilho, e aqueles que, sob a mítica égide de Antero de Quental, ousavam contestá-los, exigindo a busca de "um ideal de implicações ético-sociais".

Assim, embora o referido confronto tenha tido, de um ponto de vista mais imediato, motivações prioritariamente estéticas e literárias, teve também, enquanto início de um processo de contestação que desejará reformar em profundidade a sociedade portuguesa, outras implicações de efeito mais mediato no tempo. Em causa estava, desde logo, alterar o panorama da literatura nacional (romance ou poesia) o qual se apresentava, segundo a farpa certeira de Eça de Queirós, "sem ideia, sem originalidade, convencional, hipócrita, falsíssima, [sem] exprimir nada: nem a tendência colectiva da sociedade, nem o temperamento individual do escritor. [...] A poesia contemporânea, acrescenta ainda Eça, compõe-se apenas "de pequeninas sensibilidades, pequeninamente contadas por pequeninas vozes."<sup>27</sup> Por outras palavras, para esta "Geração Nova", a literatura teria obrigatoriamente de "viver com ideias e a arte teria necessariamente de ser a voz dos imperativos da história o que, no contexto da [sua] formação e expectativas [...] só podia significar que devia estar ao serviço da revolução."<sup>28</sup>

Para além disto, deve sublinhar-se com Guerra da Cal que a "Dissidência de Coimbra" marca o início do "espírito contemporâneo nas letras portuguesas"<sup>29</sup> na medida em que, através dela, se exprime um "conflito aberto" que opõe, por um lado, o novo espírito científico europeu, acompanhado por um lirismo também ele novo, que poetiza o real e se assume numa tripla vertente social, humanitária e crítica e, por outro lado, o insincero e piegas sentimentalismo do "Ultra-Romantismo vernáculo", exclusivamente retoricizado em função do "rumor das saias de Elvira" e de outras futilidades afins e, por isso mesmo, redutoramente alheado da 'realidade realmente real'. Dar-se-á particular destaque ao citado (e incomparável) texto de Eça "Um Génio que era um Santo" (indicado como leitura obrigatória e objecto de uma das Actividades previstas no elenco da Avaliação Contínua desta unidade curricular), um dos seus poucos escritos,

<sup>27</sup> *Uma Campanha Alegre*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s/d, pp. 9-10 e 19-21.

<sup>28</sup> *Sociedade e Cultura Portuguesas II*, p. 155.

<sup>29</sup> E. Guerra da Cal, "Questão Coimbrã", in *Dicionário de Literatura*, Porto, Figueirinhas, 1981, p. 895.

de índole auto-biográfica, onde Eça relata os tempos vividos em Coimbra e que aqui servirá para documentar sugestivamente o efervescente clima cultural vivido pelos de 70.

Ao fervoroso cosmopolitismo cultural que a enorme admiração pelas obras de autores como Hugo, Michelet, Proudhon, Hegel, Comte, Renan, Taine, entre outros, fazia exacerbar nos membros do grupo de 70 - essa "geração nervosa, sensível e pálida como a de Musset [sobre a qual] todas estas maravilhas caíam à maneira de achas numa fogueira, fazendo uma vasta crepitação e uma vasta fumarada!"<sup>30</sup> - acrescentava-se a defesa de uma forma de ser-escritor que era também uma forma de estar-no-mundo, ou seja, uma atitude obrigatoriamente atenta face aos problemas sociais suscitados pelo contexto histórico-político e cultural em que se integravam.

Toda esta assimilação prodigiosa e multimoda reforçava a adesão dos de 70 a uma literatura interventora e comprometida, que se desenvolverá de modo coerente, quer dizer, em função de propósitos acentuadamente críticos e reformistas que visavam uma subversão dos moldes tradicionais, quer do ponto de vista estético e cultural quer do ponto de vista social e de reforma das mentalidades.

Sintetizando, a "Questão Coimbrã" não se reduziu pois, unicamente, "ao despertar de um novo movimento literário", mas denunciou incompatibilidades e carências mais profundas. Por isso implicou uma perspectivação global do país e a tentativa consciente de conjugação de objectivos de ordem filosófica e literária mas, também, de ordem social e política. Seja pelo seu "carácter regenerador e de revisão de valores", ou pelo "afã de reforma do estilo da vida e da literatura do país", ou ainda, devido ao seu "europeísmo cultural e à preocupação com as raízes históricas da decadência", a geração de 70, como notou Guerra da Cal, "avulta como uma das mais brilhantes constelações que a cultura portuguesa produziu em qualquer época."<sup>31</sup>

O conhecimento do essencial sobre o espírito e a acção da geração de 70 implicará ainda uma breve referência ao Cenáculo assim como à génese, objectivos e moldes que orientaram a invenção do inexistente poeta "tricéfalo", como lhe chamou Joel Serrão, acentuando a participação

---

<sup>30</sup> "Um génio que era um Santo", *op. cit.*, p. 254.

<sup>31</sup> *Dicionário de Literatura*, p. 897.

conjunta de Eça de Queirós, Antero de Quental e Jaime Batalha Reis na mistificadora concepção e divulgação pública de Carlos Fradique Mendes<sup>32</sup>. Esta foi executada mediante a publicação na imprensa periódica de poesias da autoria deste suposto poeta, acompanhadas de textos, escritos pelos seus três criadores, com o propósito de apresentarem ao público português o seu 'revolucionário' autor enquanto emblemático representante da modernidade literária em Portugal.

Por último e à semelhança do que se fez quando se referiu a "Questão Coimbrã", não se fará neste ponto 2.1. um historial da série de incidentes e prelecções que ficou conhecida entre nós como "Conferências do Casino", realizadas, como se sabe, na Primavera de 1871, na sala do Casino Lisbonense, situada no antigo Largo da Abegoaria em Lisboa.<sup>33</sup> Pressupondo-se o seu conhecimento por parte dos mestrandos, optar-se-á por dar especial destaque à tarefa de ideação e à participação - a nível estético, ético e ideológico - de Antero nesta iniciativa que marcou decisivamente a vida intelectual e cultural portuguesa. Esta opção não se fica a dever ao facto, mais do que conhecido, de o poeta-filósofo ter sido o seu principal mentor, antes se justifica na medida em que uma dilucidação de aspectos da doutrinação anterioriana permitirá compreender o(s) sentido(s) da pedagogia da "Revolução" que as Conferências do Casino simbolizaram e procuraram empreender, assim como o alcance propriamente *revolucionário* do diagnóstico anterioriano sobre as causas da nossa decadência com vista à sua superação e à implementação da "modernidade possível" nesse último quartel do século XIX. Para assimilar com justeza o sentido e o valor da expressão 'revolução',<sup>34</sup> importará ter presente as diversas influências que marcaram o pensamento de Antero provindas da leitura de autores como Hegel, Hugo ou Michelet e, muito especialmente Proudhon, a par do tema da Regeneração nacional de modo a enquadrar a importância da conferência "Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos Últimos Três Séculos" (1871), texto que se abordará detalhadamente sob esta óptica.

Em síntese, não será correcto limitar os "intentos renovadores" desta fecundo agrupamento de jovens intelectuais ao plano estritamente literário

<sup>32</sup> Cf. Excurso nº 3 - "O Cenáculo e a criação colectiva de Carlos Fradique Mendes" no capítulo X. Apêndices.

<sup>33</sup> Cf. Excurso nº 4 - "As Conferências do Casino ou a pedagogia da «Revolução»" no capítulo X. Apêndices.

<sup>34</sup> Cf. posfácio a *Odes Modernas* (1865).

consubstanciado na tentativa de eliminação da poética ultra-romântica considerada obsoleta. Embora tenha havido motivações de ordem estético-literária inegavelmente prioritárias, "os propósitos dos seus animadores mais combativos eram de natureza política, objectivo que, a par da acção política propriamente dita, passava pela força que colocavam no combate cultural, ou melhor, na formação de uma nova elite capaz de transformar a consciência colectiva e criar um novo poder espiritual."<sup>35</sup>

Importará pois reter que a nova contestação se orientou sobretudo no sentido de criar condições que viabilizassem a formação de novas gerações de intelectuais aptas a compreender, com base na razão e na ciência, o papel de Portugal no mundo moderno, nomeadamente no que se refere à sua europeização, exercendo-se para tal em duas frentes:

a) por um lado, e "em nome de uma mítica República Federativa Universal", questionavam-se os valores sobre que assentava o regime monárquico-constitucional, bem como os padrões morais dos seus principais dirigentes;

b) por outro lado, impunha-se a liquidação do catolicismo e da Igreja, apontados como responsáveis maiores pela decadência (ana)crónica e avassaladora dos costumes e das mentalidades.

Partindo do conhecimento da atmosfera e do essencial da doutrinação elaborada pelos intervenientes nas Conferências do Casino Lisbonense, período da vida pública de Antero de Quental particularmente estimulante e bem sucedido, importa destacar como sua finalidade axial a reflexão sobre as condições políticas, religiosas e económicas da sociedade portuguesa no contexto europeu, já que, como Antero escreveu no programa inaugural das conferências, "não podia viver e desenvolver-se um povo isolado das grandes preocupações intelectuais do seu tempo".

Mais do que este texto-programa, sabe-se como a conferência sobre as "Causas da decadência dos povos peninsulares" se transformou no seu mais célebre texto em prosa, o que se compreende tendo em conta o forte impacto que causou devido à grande ousadia do seu enunciado, em particular no que se refere à denúncia frontal das nefastas consequências da dominância temporal da Igreja: "Da agitação que se seguiu a este

---

<sup>35</sup> *Sociedade e Cultura Portuguesas II*, p. 158.

atentado às liberdades, consagradas mas não respeitadas, resultou a queda do governo que as suprimira."<sup>36</sup>

Procurando sintetizar, acrescenta-se que, para o poeta-filósofo, a decadência das nações peninsulares, tão prósperas nos séculos XV e XVI, era devida a três causas de diversa natureza: moral, política e económica. A primeira tinha que ver com a transformação, pós-Concílio de Trento, do Cristianismo, que "é sobretudo um sentimento", no Catolicismo, que "é sobretudo uma instituição. Um vive da fé, o outro do dogma e da disciplina", que levou à Inquisição. A segunda, atribuiu-a ao "estabelecimento do Absolutismo", tão prejudicial para a vida social e política como o Catolicismo para a vida intelectual e espiritual. A terceira causa apontava as "conquistas longínquas" (sem pôr em causa o carácter heróico das Descobertas) por terem conduzido à decadência económica da metrópole, com largas camadas da população a abandonar os campos seduzidas pelas riquezas da Índia: "Somos uma raça decaída por termos rejeitado o espírito moderno; regenerar-nos-emos abraçando francamente este espírito. O seu nome é Revolução [...] O Cristianismo foi a revolução do mundo antigo, a Revolução não é mais do que o Cristianismo do mundo moderno".<sup>37</sup>

Importará ainda ilustrar o facto de uma das faces mais originais e idiossincráticas da personalidade intelectual de Antero de Quental consistir na indissolubilidade entre a dimensão filosófica da sua produção poética e literária e o "idealismo ético"<sup>38</sup> da sua intervenção social. Esta característica relevante do pensamento e do ser anteriores e, também, de certo pendor utópico que igualmente marcou a sua acção de cariz socialista, revela, entre outros aspectos, como as inquietações do seu espírito se orientavam ainda mais em função de uma ordem filosófica ou religiosa, do que de preocupações sociais ou políticas, no sentido prático e militante que podemos atribuir a estes termos.

A propósito desta singularidade extrema do poeta de *Odes Modernas*, traduzida pelo acentuar de um espiritualismo que progressivamente se afastará do positivismo e dos materialismos da sua época, reflectir-se-á com pormenor sobre o texto de Eduardo Lourenço - "Antero ou o socialismo

<sup>36</sup> "Antero de Quental". Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/figuras/aquental.html>

<sup>37</sup> *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos últimos três séculos*, pp. 54-55, 57, 94 e 95.

<sup>38</sup> Eduardo Lourenço, "Antero ou o socialismo como utopia", p. 150.

como utopia<sup>39</sup> - o qual, além do mais, fará retomar o pensamento lourenciano, suporte congregador do presente programa - onde o seu autor afirma designadamente: "Pela seriedade e gravidade com que Antero confrontou as exigências do seu ideal socialista sob o signo da Justiça, concebida à maneira de Proudhon como o farol da História, e as de um pensamento trágico, incapaz de acreditar num sentido positivo da Existência, o seu combate espiritual constitui um acontecimento sem precedentes na nossa Cultura. A bem dizer, marca o início da Modernidade entre nós, se admitirmos que essa Modernidade se acompanha de uma tomada de consciência histórica de carácter trágico."<sup>40</sup>

No texto "O socialismo de Antero" que será também objecto principal de trabalho na actividade a realizar neste tema 2., A. Sérgio sublinha a importância da influência de Proudhon em Antero, enumerando quatro traços que caracterizam o que designa de forma feliz como "socialismo de consciência", enfatizando o facto de os fins e os meios do ser-socialista anterioro serem de natureza ética e este ter como finalidade principal realizar a plena dignidade da pessoa humana ainda mais do que pretender repartir os bens materiais:

- o modo de "encarar as questões económicas de um ponto de vista essencialmente moral e de basear o progresso no esforço moral";
- o predomínio de princípios como o "amor da liberdade" e de uma "iniciativa do indivíduo", esta fundada no conceito da federação dos grupos políticos e económicos;
- a paz e a fraternidade como meios privilegiados de realização de um socialismo liberal, avesso a coerções ditatoriais;
- o facto de o socialismo anterioro poder ser considerado como aplicação ou corolário de concepções religiosas e cristãs.

O acentuar de um espiritualismo que se afastará do positivismo e dos materialismos proeminentes na sua época surge explicitado no ensaio filosófico *Tendências Gerais da Filosofia na Segunda Metade do Século XIX*, escrito a pedido de Eça de Queirós, então director da *Revista de Portugal* e aí publicado nos primeiros meses de 1890. É também após o *Ultimatum* britânico em 1890 que acontece a sua última intervenção política, como

---

<sup>39</sup> "Antero ou o socialismo como utopia", in *Poesia e Metafísica - Camões, Antero, Pessoa*, pp. 147-153.

<sup>40</sup> *Poesia e Metafísica*, pp. 148-149.

presidente de um projecto nacionalista - A Liga Patriótica do Norte - nascido no Porto. O movimento não resistiu às rivalidades partidárias e acabou por ter uma curta existência, terminando com ele a derradeira "ilusão" de Antero.

Se a acção política em que Antero se empenhou não o impediu de prosseguir a vida literária, no caso de Eça não houve propriamente militância política, tendo a sua intervenção sido exclusivamente intelectual, quer como ficcionista quer como escritor de ideias. Sabe-se que colaborou como cronista e ensaísta em diversas publicações periódicas ou de circunstância - jornais, revistas, almanaques. Nestas e também na sua vasta correspondência salienta-se o observador arguto, atento à vida política nacional e internacional, à evolução dos costumes, à actividade cultural, à questão religiosa e patriótica.

Uma outra forma de intervenção e, em particular, de reacção face ao vencidismo e desânimo imperantes nesse atribulado fim-de-século nacional, foi a *Revista de Portugal* que Eça concebeu, fundou e dirigiu na última década da sua vida. Apesar da sua breve existência (1889-1892) este projecto transformou-se numa das mais distintas publicações da sua época, contando com colaboradores ilustres (além de Eça, Oliveira Martins, Antero de Quental, Teófilo Braga, Luís de Magalhães, Rodrigues de Freitas, Alberto Sampaio, Moniz Barreto, etc.).

Apesar da sua imensa e merecida fortuna crítica, alguns aspectos da obra de Eça de Queirós mereceriam maior atenção. Um desses aspectos que não tem sido suficientemente destacado prende-se com o vincado e valioso pendor pensante ou, se se preferir, ensaístico da sua obra. É claro que o inegável talento ficcional e imagético do autor de *Os Maias* pode até certo ponto explicar a relativa inatenção prestada ao facto de Eça ter sido *a par* de um romancista paradigmático um relevante escritor de ideias e, conseqüentemente, ao facto de os seus romances, assim como os seus textos ditos não ficcionais constituírem uma expressão estética superior mas, também, um testemunho deliberadamente articulado e crítico do(s) significado(s) da consciência social e do trajecto existencial e criador da (sua) Geração de 70, desde o entusiasmo inicial até ao vencidismo final.

Eça não é só o genial criador dos conselheiros Acácios, o celebrado retratista cuja obra reflecte e condensa os tipos e tiques da sociedade

portuguesa oitocentista sua contemporânea, denunciando a incapacidade, imbecilidade, ignorância, incompetência dos homens públicos e do funcionalismo público. Entre as suas personagens de ficção e o plano da realidade, no que se refere às vivências colectivas que afectaram Eça e a sua geração, é possível estabelecer articulações que, pela sua índole simbólico-histórica, nos oferecem um retrato crítico da decadência da sociedade portuguesa do final do séc. XIX e, mais alargadamente, da civilização moderna e finissecular e seus respectivos excessos. Sob a inesquecível galeria de personagens-tipo desenham-se personagens-símbolo que adensam a sua crítica fazendo com que o seu escopo se amplie de crítica social de alcance nacional a uma crítica que, por descrever com lucidez traços perenes da condição humana, se torna *universal*. É o elemento humano de sempre, com defeitos e virtudes de todos os tempos, que o intelectual Eça de Queirós denuncia pondo a imaginação artística ao serviço da crítica de um modo sugestivo e inconformado, imbuído de um empenhado reformismo cuja actualidade chega até aos dias de hoje intacta.

Este papel de "consciência crítica da consciência portuguesa" constitui um aspecto que merece ser sublinhado e desenvolvido e tanto mais quanto se mostra comum a Eduardo Lourenço e a Eça de Queirós. Na verdade, ambos denunciam a megalomania histórica portuguesa, a inacreditável falta de auto-crítica que caracteriza o ser-português, a oscilação entre uma auto-depreciação paralisante e excessiva e uma auto-satisfação inflacionada e, sobretudo, paradoxal por não existirem suficientes e efectivos motivos que a justifiquem na realidade real. Ambos responsabilizam a classe dirigente, lamentando a 'sorte' de um povo desapoiado e injustiçado. Eça escalpelizou uma sociedade contente com a sua monarquia constitucional, uma sociedade decadente, negligente e degradada, a que chamou, entre outros epítetos, "choldra que é portuguesa, só nossa, toda nossa."<sup>41</sup> Esta sociedade não deixa todavia de se arvorar ares de grandeza inexistente: recorde-se, a título anedótico e entre muitos outros exemplos, o gesto de Raposo de *A Relíquia* que, para não ficar atrás do alemão Topsisius, assina "Raposo - português d'aquém e d'além-mar". Por seu turno, Lourenço adverte que o povo português não se pode impor apenas pelos louros alcançados com a sua história passada ainda que ela tenha atingido cumes

<sup>41</sup> Carta a Oliveira Martins (Paris, 17 de Julho de 1892).

gloriosos, mas que se torna necessário trabalhar, esforçar-se por acompanhar o ritmo da Civilização, abrir-se aos valores estrangeiros, adaptar-se às exigências da actualidade.

## II. BIBLIOGRAFIA

### 1. Geração de 70

#### Bibliografia principal

- ANTUNES, Manuel, "Significado histórico da 'Questão Coimbrã'", in *Legómena - Textos de Teoria e Crítica Literária*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987, pp. 539-547.
- CAL, E. Guerra, "Questão Coimbrã", in Jacinto do Prado Coelho, (Dir.), *Dicionário de Literatura - Literatura Portuguesa, Literatura brasileira, Literatura galega, Estilística Literária*, Porto, Figueirinhas, 1981, pp. 895-897.
- CATROGA, Fernando e Paulo A.M. Archer de Carvalho, "A Questão Coimbrã", in *Sociedade e Cultura Portuguesas II*, Lisboa, Universidade Aberta, 1996, pp. 151-162. Capítulos 7., 8., 10., 13.
- FERREIRA, Alberto, "A Questão Coimbrã: antecedentes e início da polémica" e "Significação Ideológica da Questão Coimbrã", in *Perspectiva do Romantismo Português*, Porto, Litexa Portugal, s/d, pp. 143-173 e 175-194, respectivamente.
- LEMOS, Ester de, "Conferências do Casino", in Jacinto do Prado Coelho, (Dir.), *Dicionário de Literatura - Literatura Portuguesa, Literatura brasileira, Literatura galega, Estilística Literária*, Porto, Figueirinhas, 1981, pp. 194-195.
- LOPES, Óscar, "Oliveira Martins e as contradições da Geração de 70", in *Álbum de Família - Ensaios sobre Autores Portugueses do século XIX*, Lisboa, Editorial Caminho, 1984, pp. 115-140.
- MACHADO, Álvaro Manuel, *A Geração de 70 - Uma revolução cultural e literária*, Lisboa, Biblioteca Breve - Instituto de Cultura Portuguesa, 1977.
- MATOS, A. Campos, "CASINO, Conferências do", in *Dicionário de Eça de Queiroz*, Lisboa, Caminho, 1993, pp. 171-179.
- MEDINA, João, *A Geração de 70, uma geração revolucionária e europeísta*, Cascais, Instituto de Cultura e Estudos Sociais, 1999.
- , *As Conferências do Casino e o Socialismo em Portugal*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1984.
- , "Em torno da Geração de 70", in *Eça de Queirós e a geração de 70*, Lisboa, Moraes Editores, 1980, pp. 155-203.
- PIRES, A. Machado, *A ideia de decadência na geração de 70*, Lisboa, Vega, 1992.

- , "A decadência ou interrogações de um Portugal hamletiano", in *Prelo*, nº15, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Abril-Junho 1987, pp. 12-17.
- QUEIRÓS, Eça, "O «Francesismo»", in *Cartas e Outros Escritos*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s/d, pp. 322-343.
- , "Um génio que era um santo", in *Notas Contemporâneas*, Lisboa, Edição "Livros do Brasil", s/d, pp. 251-288.
- REIS, Carlos, *As Conferências do Casino*, Lisboa, Alfa, 1990.
- REIS, Carlos e PIRES, Maria da Natividade, (Org.), *História Crítica da Literatura Portuguesa*, Vol. V - O Romantismo, Lisboa, Editorial Verbo, 1993 (capítulo 7. "Evolução do Romantismo português: a «Questão Coimbrã»).
- RIBEIRO, Maria Aparecida, (Org.), *História Crítica da Literatura Portuguesa*, Vol. VI - Realismo e Naturalismo; Lisboa, Editorial Verbo, 1994 (capítulo 2. "A Geração de 70").
- SARAIVA, António José, *A Tertúlia Ocidental: Estudos sobre Antero de Quental, Oliveira Martins, Eça de Queiroz e outros*, Lisboa, Gradiva, 1990.
- SERRÃO, Joel, *Temas de Cultura Portuguesa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1983.
- "Esta palavra Decadência...", pp. 11-21
  - "Sondagem cultural à sociedade portuguesa cerca de 1870", pp. 49-73
  - "Repensar Portugal", pp. 82-85

### **Bibliografia complementar**

- AA.VV., *Os Conferencistas do Casino*, Porto, Fronteira do Caos Editores, 2005.
- AA.VV., *Os vencidos da Vida*, Porto, Fronteira do Caos Editores, 2006.
- CATROGA, Fernando e Paulo A.M. Archer de Carvalho, "A sociedade portuguesa nas últimas décadas do séc. XIX", in *Sociedade e Cultura Portuguesas II*, Lisboa, Universidade Aberta, 1996, pp. 117-149.
- CIDADE, Hernâni, *Século XIX - A Revolução Cultural em Portugal e alguns dos seus Mestres*, Lisboa, Editorial Presença, 1985.
- FERREIRA, Alberto, "O impacto ideológico de 1850 e a geração de 1865" e "O Romantismo em busca da dimensão social", in *Perspectiva do Romantismo Português*, Porto, Litexa Portugal, s/d, pp. 111-134 e 135-142, respectivamente.
- , *Estudos de Cultura Portuguesa. Século XIX*, Lisboa, Moraes Editores, 1980.
- FERREIRA, Alberto e MARINHO, Maria José, *Antologia de Textos da Questão Coimbrã*, Lisboa, Moraes Editores, 1978.
- FRANÇA, José Augusto, *O Romantismo em Portugal. Estudo de factos socioculturais*, Lisboa, Livros Horizonte, 1999.
- HOURCADE, Pierre, "II - Estudos sobre o século XIX", in *Temas de Literatura Portuguesa*, Lisboa, Moraes Editores, 1978, pp. 19-58.

- LOPES, Óscar, "Intersecção da Geração de 70 com a de 90", in *Entre Fialho e Nemésio – Estudos de Literatura Portuguesa Contemporânea I*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987, pp. 11-16.
- MACHADO, Álvaro Manuel, *O "Francesismo" na Literatura Portuguesa*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Biblioteca Breve, 1984.
- MARTINS, Guilherme D'Oliveira, "O fantasma da decadência", in *Portugal. Identidade e Diferença - Aventuras da Memória*, Lisboa, Gradiva, 2007, pp. 117-147.
- MEDINA, João, *A Monarquia Constitucional*, in *História de Portugal dos tempos pré-históricos aos nossos dias*, dir. J.M., Vol. IX, Lisboa, Ediclube, s/d [1993].  
-----, *Herculano e a geração de 70*, Lisboa, Terra Livre, 1977.
- Oliveira Martins*, [Antologia], Introd: e selecção de textos de Pedro Calafate, Lisboa, Verbo, 1990.
- PIRES, A. Machado, *Luz e Sombras no século XIX em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007.
- SANTANA, Maria Helena, "Geração de 70: A Construção Interna da Memória", in *Vária Escrita*, nº 4, Sintra, Cadernos de Estudos Arquivísticos, Históricos e Documentais, 1997, pp. 31-43.
- SERRÃO, Joel, *Da «Regeneração» à República*, Lisboa, Livros Horizonte, 1990.  
-----, "Político Português", in *Temas de Cultura Portuguesa - II. Içar as Velas e Soltar os Ventos*, Lisboa, Livros Horizonte, 1989, pp. 13-37.  
-----, "Por uma História cultural do século XIX português", in *Temas Oitocentistas - I. Para a história de Portugal no século passado. Ensaios*, Livros Horizonte, 1980, pp. 11-45.  
-----, *Portugueses Somos*, Lisboa, Livros Horizonte, s/d.
- "Introdução ao estudo do pensamento político português na época contemporânea (1820-1920)", pp. 127-165.
  - "O anticlericalismo na literatura portuguesa – Esboço de pesquisa", pp. 167-210.
- SIMÕES, João Gaspar, *A Geração de 70 – Alguns tópicos para a sua história*, Lisboa, Editorial Inquérito Lda, s/d.

## **2. Antero de Quental**

### **Bibliografia principal**

#### **ACTIVA**

"A Dignidade das Letras e as Literaturas Oficiais", in Alberto Ferreira e Maria José Marinho, *Antologia de Textos da Questão Coimbrã*, Lisboa, Moraes Editores, 1978, pp. 175-199.

*Antero de Quental*, [Antologia], Introd. e selecção de textos de Ana M<sup>a</sup> Moog Rodrigues, Lisboa, Verbo, 1990.

- "Bom Senso e Bom Gosto" (1865), pp. 47-59.
- "Considerações sobre a Filosofia da História Literária Portuguesa" (1872), pp. 61-80.
- "Teoria do Socialismo" (1873), pp. 81-86.
- "Carta a Wilhelm Storck" (1877), pp. 137-144.
- "O Socialismo e a Moral" (1889), pp. 147-148.
- "Tendências Gerais da Filosofia na segunda metade do século XIX" (1890), pp. 151-197.

"Bom senso e Bom gosto – Carta ao Ex.mo Sr. A. F. de Castilho", in Alberto Ferreira e Maria José Marinho, *Antologia de Textos da Questão Coimbrã*, Lisboa, Moraes Editores, 1978, pp. 150-161.

*Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*, Lisboa, Tinta da China, 2008.

"Nota (sobre a missão revolucionária da poesia) - posfácio ao poema *Odes Modernas* (1865)", in *Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea*, Lisboa, Universidade Aberta, 1990, pp. 223-231.

## **PASSIVA**

ALMEIDA, Onésimo Teotónio, "Antero e a sua proposta no contexto do debate português sobre as causas da decadência dos povos peninsulares", in *Antero de Quental e o Destino de Uma Geração*, Org. e Coord. Isabel Pires de Lima, Porto, Asa, 1993, pp. 16-23.

ARAÚJO, Luís de, "Antero – O Repto da Ética", in *Antero de Quental e o Destino de Uma Geração*, Org. e Coord. Isabel Pires de Lima, Porto, Asa, 1993, pp. 33-36.

CALAFATE, Pedro (Introd e Org.), "Antero de Quental: as causas da decadência", in *Portugal como problema. Século XIX. A Decadência*, Volume III, Lisboa, Fundação Luso-Americana e Público, 2006, pp. 207-272.

CATROGA, Fernando, "Filosofia e Sociologia. A ideia anterioriana de socialismo", separata da Revista *Vértice*, Vol. XLII, nº 448, Coimbra, 1982, pp. 294-317.  
 -----, "Política, História e Revolução em Antero de Quental", in *Revista de História das Ideias*, 13, Universidade de Coimbra, 1991, pp. 7-55.

CATROGA, Fernando e Paulo A.M. Archer de Carvalho, "9. O pensamento anterioriano", in *Sociedade e Cultura Portuguesas II*, Lisboa, Universidade Aberta, 1996, pp. 165-195.

CUESTA, Pilar Vasquez, "As causas da decadência dos povos peninsulares – um elo português numa corrente de obras portuguesas sobre o tema", in *Antero de Quental e o Destino de Uma Geração*, Org. e Coord. Isabel Pires de Lima, Porto, Asa, 1993, pp. 107-112.

LOPES, Óscar, "Alguns conflitos internos anteriorianos" e "Meditação desgarrada sobre uma releitura de Antero", in *A Busca de Sentido. Questões de Literatura Portuguesa*, Lisboa, Caminho, 1994, pp. 87-100 e 117-126.

LOURENÇO, Eduardo, "Antero, Hegel e as Causas da Decadência", in *Antero de Quental e o Destino de Uma Geração*, Org. e Coord. Isabel Pires de Lima, Porto, Asa, 1993, pp. 147-152.

- , "Antero ou o socialismo como utopia", in *Poesia e Metafísica - Camões, Antero, Pessoa*, Lisboa, Sá da Costa Editora, 1983, pp. 147-153.
- , "(I)recuperável Antero" e "A hora de Vila do Conde", in *a Noite Intacta - (I)recuperável Antero*, Vila do Conde, Centro de Estudos Anterianos, 2000, pp. 63-69 e 137-149.
- , "Le destin - Antero de Quental - Poésie, Révolution, Sainteté", in *Poesia e Metafísica - Camões, Antero, Pessoa*, Lisboa, Sá da Costa Editora, 1983, pp. 119-146.
- , "Revisitação da Mitologia Anteriana, prefácio a *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*, Lisboa, Tinta da China, 2008, pp. 11-29.
- MARINHO, Cristina, "Antero e o Ultimato inglês", in *Antero de Quental e o Destino de Uma Geração*, Org. e Coord. Isabel Pires de Lima, Porto, Asa, 1993, pp. 161-164.
- MARTINS, J.P. Oliveira, "Antero de Quental", in *Estudos Anterianos*, 11/12, Centro de Estudos Anterianos de Vila do Conde, Abril-Outubro de 2003, pp. 103-106.
- , "O Mal do Século", in *Antero de Quental - In Memoriam*, edição facsimilada, Lisboa, Editorial Presença e Casa dos Açores, 1993, pp. 59-67.
- MEDINA, João, "Antero de Quental, o Ícaro da Geração de 70", in *Eça, Antero e Victor Hugo - Estudos sobre a Cultura Portuguesa do século XIX*, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 2001, pp. 51-74.
- MONTEIRO, Adolfo Casais, *Antero de Quental*, Rio de Janeiro, Agir, 1957.
- PIRES, A. Machado, "A Crítica Histórica de Antero nas Conferências do Casino e a sua projecção", in *A ideia de decadência na geração de 70*, Lisboa, Vega, 1992, pp. 55-89.
- REIS, Carlos, "Um bardo dos tempos novos: a imagem queirosiana de Antero", in *Revista de História das Ideias*, 13, Universidade de Coimbra, 1991, pp. 179-191.
- REIS, Carlos e Maria da Natividade Pires, (Org.), *História Crítica da Literatura Portuguesa*, Vol. V - O Romantismo, Lisboa, Editorial Verbo, 1993 (capítulo 8. "Antero de Quental e o terceiro Romantismo").
- SEABRA, José Augusto, "Revolução e Liberdade em Antero de Quental" e "Antero de Quental e a Liga Patriótica do Norte: o último acto cívico de um poeta", in *Poligrafias Poéticas*, Porto, Lello&Irmão, 1994, pp. 173-194.
- SENA, Jorge de, "Antero revisitado", in *Estudos de Literatura Portuguesa I*, Lisboa, Edições 70, 1982.
- SÉRGIO, António, "Em torno da 'ilusão revolucionária' de Antero", in *Ensaio Tomo V*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1981, pp.121-179.
- , "Sobre o Socialismo de Antero", in *Ensaio Tomo IV*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1981, pp. 161-173.
- , "Nota preliminar do organizador da presente edição", in *Antero de Quental Sonetos*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1972, pp. XVII-LXI.
- SERRÃO, Joel, *Antero e a Ruína do seu Programa (1871-1875)*, Lisboa, Livros Horizonte, 1988.
- , "Antero e a destruição do «Programa»", in *Portugueses Somos*, Lisboa, Livros Horizonte, s/d, pp. 23-36.
- , *Temas de Cultura Portuguesa - II, Içar as Velas e Soltar os Ventos*,

Lisboa, Livros Horizonte, 1989.

- "O pensamento sociopolítico de Antero – Génese e Estrutura", pp. 73-135.
- "De Antero a Pessoa – Alguns rumos de investigação", pp. 139-146.
- "De Pessoa a Antero", pp. 146-159.

### **Bibliografia complementar**

*Antero de Quental*, [Antologia], Introd. e selecção de textos de Ana M<sup>a</sup> Moog Rodrigues, Lisboa, Verbo, 1990.

*Antero de Quental – Sonetos* [1860], org., introd. e notas de Nuno Júdice, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2002.

ALMEIDA, Onésimo Teotónio, "José Rodrigues Miguéis, Antero e a crise chamada Portugal", in *Estudos Anterianos*, 11/12, Centro de Estudos Anterianos de Vila do Conde, Abril-Outubro de 2003, pp. 43-53.

DUARTE, Luís Fagundes, "Pedacos de Antero na génese d'«A Capital» de Eça de Queirós", in *Antero de Quental e o Destino de Uma Geração*, Org. e Coord. Isabel Pires de Lima, Porto, Asa, 1993, pp. 119-126.

GUIMARÃES, Fernando, "Aspiração ética e realização poética", in *Antero de Quental e o Destino de Uma Geração*, Org. e Coord. Isabel Pires de Lima, Porto, Asa, 1993, pp. 137-141.

LIMA, Isabel Pires de, "«Os dois Anteros» do monóculo de Eça, in *Colóquio/Letras* ("Cento e cinquenta anos com Antero"), nº 123-124, Janeiro-Junho 1992, pp. 212-222.

-----, "Antero e Eça: utopias e aporias da *res publica*", in *Actas do Colóquio Literatura e a Construção do Passado e do Futuro*, Lisboa, CNCCR/FLUL, Maio de 2010 (no prelo).

LOPES, Óscar, *Antero de Quental – Vida e Legado de uma Utopia*, Lisboa, Editorial Caminho, 1983.

LOURENÇO, Eduardo, *a Noite Intacta – (I)recuperável Antero*, Vila do Conde, Centro de Estudos Anterianos, 2000.

-----, "Antero e a filosofia ou a filosofia de Antero", in *Colóquio/Letras* ("Cento e cinquenta anos com Antero"), nº 123-124, Janeiro-Junho 1992, pp. 157-167.

MARTINS, Ana Maria Almeida, *O Essencial sobre Antero de Quental*, Lisboa, IN/CM, 2001.

MARTINS, J.P. Oliveira, "Prefácio a *Sonetos Completos*", in *Antero de Quental – Sonetos*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002, pp. 25-38.

MOISÉS, Carlos Felipe, "Antero: Destino individual e Destino Colectivo", in *Colóquio/Letras* ("Cento e cinquenta anos com Antero"), nº 123-124, Janeiro-Junho 1992, pp. 103-107.

PETIT, Lucette, "A busca do bem e a busca do belo: Antero e Eça", in *Antero de Quental e o Destino de Uma Geração*, Org. e Coord. Isabel Pires de Lima, Porto, Asa, 1993, pp. 239-245.

- PEREIRA, M<sup>a</sup> da Conceição Meireles, "O iberismo de Antero revisitado – um percurso biblio-historiográfico", in *Antero de Quental e o Destino de Uma Geração*, Org. e Coord. Isabel Pires de Lima, Porto, Asa, 1993, pp. 231-238.
- PIRES, A. Machado, "Antero Romântico", in *Revista de História das Ideias*, 13, Universidade de Coimbra, 1991, pp. 165-177.
- QUENTAL, Antero de, *Odes Modernas* [1865], Lisboa, Ulmeiro, 1989. Disponível em:  
[http://www.estondela.pt/biblioteca/livros/poesia/odes\\_modernas.pdf](http://www.estondela.pt/biblioteca/livros/poesia/odes_modernas.pdf)
- REIS, Carlos, "Antero e a consciência da poesia", in *Colóquio/Letras* ("Cento e cinquenta anos com Antero"), nº 123-124, Janeiro -Junho 1992, pp. 83-92.
- SÁ, Victor de, *Antero de Quental*, Porto, Limiar, 1977.
- SÉRGIO, António, "Os Dois Anteros (o luminoso e o nocturno)", in *Ensaio Tomo IV*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1981, pp. 129-159.
- SERRÃO, Joel, "Poesia e 'Filosofia' (1875-80) – uma sondagem", in *Colóquio/Letras* ("Cento e cinquenta anos com Antero"), nº 123-124, Janeiro -Junho 1992, pp. 179-188.

### **3. Eça de Queirós**

#### **Bibliografia principal**

##### **ACTIVA**

- "A Catástrofe" (1885), in *Contos II*, Edição Crítica das obras de Eça de Queirós, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2003, pp. 63-75.
- A Correspondência de Fradique Mendes*, Lisboa, Edição "Livros do Brasil", s/d, Cartas, VII, VIII, X, XII, XIV, XV.
- Cartas Públicas*, Edição crítica das obras de Eça de Queirós, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2009.
- O Conde d'Abranhos*, Lisboa, Edição "Livros do Brasil", s/d.
- O Crime do Padre Amaro*, Lisboa, Edição "Livros do Brasil", s/d., capítulo XXV.
- "O «Francesismo»", in *Cartas e Outros Escritos*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s/d, pp. 322-343.
- "O «Ultimatum»" (1890), in *Cartas Inéditas de Fradique Mendes e Mais Páginas Esquecidas*, Porto, Lello & Irmão Editores, 1973, pp. 233-255.
- Os Maias*, Lisboa, Edição "Livros do Brasil", s/d., capítulo XVIII.
- Polémica Eça de Queiroz – Pinheiro Chagas «Brasil e Portugal»*, Prefácio e Org. de A. Campos Matos, Lisboa, Parceria A.M. Pereira, 2001.

*Uma Campanha Alegre (1871-1872)*, Lisboa, Edição "Livros do Brasil", s/d, Capítulos I, III, VI, XIII, XX, LXXIV, LXXXV.

*Textos de Imprensa VI*, Edição crítica das obras de Eça de Queirós, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1995.

## **PASSIVA**

ALMEIDA, Onésimo Teotónio, "De Eça ao projecto de modernidade de Antero", in *Estudos Anterianos*, 9/10, Centro de Estudos Anterianos de Vila do Conde, Abril-Novembro de 2002, pp. 91-98.

ANDRADE, Luís M. de Oliveira, "Oliveira Martins e Eça de Queirós: o Iberismo e a Restauração na «Geração de 70»", in Elza Mine (Org. e ed.), *150 Anos com Eça de Queirós. Anais do III Encontro Internacional de Queirosianos*, São Paulo, FFLCH/USP, 1997, pp. 314-327.

CALAFATE, Pedro (Introd e Org.), "Eça de Queiroz: a redenção pela humilhação", in *Portugal como problema. Século XIX. A Decadência*, Volume III, Lisboa, Fundação Luso-Americana e Público, 2006, pp. 275-338.

COELHO, Jacinto do Prado, "Para a compreensão d'Os Maias como um todo orgânico", in *Ao contrário de Penélope*, Lisboa, Bertrand, 1976, pp. 167-188.

CORTESÃO, Jaime, *Eça de Queirós e a Questão Social*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001.

LIMA, Isabel Pires de, *As Máscaras do Desengano*, Lisboa, Caminho, 1987.

-----, "Eça e Os Maias: pensar-se pensando Portugal", in Carlos Reis (Apres. e coord.) *Leituras d'Os Maias. Semana de Estudos queirosianos*, Coimbra, Minerva, 1990, pp. 43-51.

LINS, Álvaro, "Posição política de Eça de Queiroz", in *Livro do Centenário de Eça de Queiroz*, Lisboa/Rio, Edições Dois Mundos, 1945, pp. 49-58.

LOURENÇO, Eduardo, *As Saias de Elvira e outros Ensaios*, Lisboa, Gradiva, 2006.

MATOS, A. Campos, "Considerações sobre a polémica «Brasil e Portugal» entre Eça de Queiroz e Pinheiro Chagas", in *Polémica Eça de Queiroz - Pinheiro Chagas «Brasil e Portugal»*, Lisboa, Parceria A.M. Pereira, 2001, pp. 11-26.

MATOS, Sérgio Campos, "Decadência" in A. Campos Matos (Org. e coord.), *Dicionário de Eça de Queiroz*, Lisboa, Editorial Caminho, 1993.

MEDINA, João, *Eça de Queirós e a geração de 70*, Lisboa, Moraes Editores, 1980.

-----, *Eça de Queirós e o seu tempo*, Lisboa, Livros Horizonte, 1972.

-----, *Eça político*, Lisboa, Seara Nova, 1974.

MONTEIRO, Adolfo Casais, "Sobre Eça de Queirós", in *presença - folha de arte e crítica*, nº 17, Coimbra, Dezembro de 1928, pp. 1-11.

-----, "Valores permanentes e variáveis nos romances de Eça de Queirós", in *Livro do Centenário de E.Q.*, Lisboa/Rio, Edições Dois Mundos, 1945, pp. 527-534.

- PIEIDADE, Ana Nascimento, "Eça e Pessoa no limiar de um novo milénio: que «Civilização?»", in *Outra Margem. Estudos de Literatura e Cultura Portuguesas*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008, pp. 243-259.
- PIRES, A. Machado, "O excesso de civilização e a neurose fim de século" e "Uma simbólica da decadência em Eça de Queirós", in *A ideia de decadência na geração de 70*, Lisboa, Vega, 1992, pp. 117-127 e 269-288, respectivamente.
- REIS, Jaime Batalha, "Anos de Lisboa. (Algumas Lembranças)", in *Antero de Quental - In Memoriam*, Lisboa, Editorial Presença e Casa dos Açores, (Edição Fac-Similada), 1993, pp. 441-472.
- SANTANA, Maria Helena, "Um projecto patriótico: a Revista de Portugal", in *Queirosiana - Estudos sobre Eça de Queirós e a sua Geração*, nº 7/8, Dez. 1994/Julho 1995, pp. 147-159.
- SARAIVA, António José Saraiva, *As ideias de Eça de Queirós*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1982.
- SERRÃO, Joel, "De Eça de Queirós a Aquilino Ribeiro - uma sondagem histórica através do romance", in *Temas Oitocentistas - II. Para a história de Portugal no século passado. Ensaio*, Livros Horizonte, 1978, pp. 61-97.

### **Bibliografia complementar**

- Eça de Queirós Correspondência*, Vol. I e II, Organização e notas A. Campos Matos, Lisboa, Caminho, 2008.
- FRANCHETTI, Paulo, "Gonçalo Mendes Ramires e Oliveira Martins: reaportuguesando Portugal", in Elza Mine (Org. e ed.), *150 Anos com Eça de Queirós. Anais do III Encontro Internacional de Queirosianos*, São Paulo, FFLCH/USP, 1997, pp. 469-476.
- LOPES, Óscar, "Eça de Queirós. 1. Evolução da sua obra", in *5 Motivos de Meditação*, Porto, Campos das Letras, 1999, pp. 77-124.
- , "Três livros de Eça", in *Álbum de Família. Ensaio sobre Autores Portugueses do Século XIX*, Lisboa, Editorial Caminho, 1984, pp. 69-114.
- LOPES, Teresa Rita, "Eça e o regresso às raízes", in Elza Mine (Org. e ed.), *150 Anos com Eça de Queirós. Anais do III Encontro Internacional de Queirosianos*, São Paulo, FFLCH/USP, 1997, pp. 496-507.
- MARTINS, Ana M<sup>a</sup> Almeida, "Antero admirador de Eça", in Elza Mine (Org. e ed.), *150 Anos com Eça de Queirós. Anais do III Encontro Internacional de Queirosianos*, São Paulo, FFLCH/USP, 1997, pp. 65-71.
- MEDINA, João, "No centenário de «O Primo Basílio»: Luísa ou a triste condição (feminina) portuguesa", in *Revista Colóquio/Letras. Ensaio*, n.º 46, Novembro 1978, pp. 5-10.
- MENDES, José Amado, "Eça de Queirós: um artista perante os progressos da industrialização", in *Estudos Anterianos*, 9/10, Centro de Estudos Anterianos de Vila do Conde, Abril-Novembro de 2002, pp. 115-129.

PEREIRA, João Carlos Vitorino, "Albuquerquezinho, personaje queirosien, et l'envers grotesque de l'épopée lusitanienne". Disponível em:  
<http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/zips/jvitorino04.pdf>

QUEIRÓS, Eça de, *A Capital! (começos duma carreira)*, Edição crítica das obras de Eça de Queirós, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1992.

-----, *Notas Contemporâneas*, Lisboa, Edição "Livros do Brasil", s/d.

REIS, Carlos, *O Essencial sobre Eça de Queirós*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2005.

## Roteiro Programático e Bibliográfico

### do TEMA 3.

### “A Geração de *Orpheu* ou «a única ponte entre Portugal e a Europa»”

- 3.1.** Especificidade conceptual e horizontes culturais da geração de *Orpheu*.  
**3.2.** Fernando Pessoa: o ser-português e a busca de um sentido para Portugal. **3.3.** Almada Negreiros: uma noção cosmopolita de nacionalidade.

#### I. Apresentação do Tema 3.

O final do século XIX e o início do século XX são marcados por acontecimentos que irão modificar a existência do homem. É nos finais do século XIX que nascem as correntes ideológicas que viriam a marcar o mundo moderno: o socialismo, o comunismo, o anarquismo e o associativismo. Paralelamente, assiste-se a um avanço científico-tecnológico intenso e sem precedentes, a um enorme desenvolvimento industrial, comercial e das comunicações. É uma época caracterizada pelo dinamismo (veja-se a ânsia de *sentir tudo de todas as maneiras*), em que os valores do movimento e da velocidade são absolutizados.

Vivia-se um sentimento de crise profunda, ainda ‘herdado’ da Geração de 70 e que, entre outros factores, era motivado pela incapacidade dos portugueses se adaptarem ao espírito moderno que se respirava em toda a Europa. Ao crescente progresso e aparente bem-estar originado pela técnica não correspondia um equivalente desenvolvimento cultural. O «Reino Cadaveroso», expressão utilizada por Ribeiro Sanches para se referir ao Portugal do século XVIII e retomada por António Sérgio para problematizar a crise de mentalidade que afectava o país no século XX, continua a aplicar-se ao Portugal do início do século. Na verdade, factos históricos como o Ultimato inglês de 1890 (que obrigara Portugal a entregar à Inglaterra grande parte das possessões coloniais em África), espalhando um sentimento de humilhação no país, o Regicídio, em 1908, e a

proclamação da República dois anos depois, contribuíram para agudizar este período de instabilidade económica, social e política.

É neste contexto, que configura um estado geral de crise de valores, que surge a vontade de romper com os padrões oitocentistas, e que proliferam os 'ismos'. A eclosão do Modernismo não pode dissociar-se da instauração da República, sua contemporânea, e aponta para o desejo de relacionar as artes plásticas e a literatura e para a vontade de colocar Portugal ao ritmo da Europa, sem esquecer as raízes, i.e, o que faz a sua originalidade nacional enquanto movimento estético.

Na primeira metade do século XX, publicações como o *Orpheu* (tal como mais tarde a *presença*) contribuem para mostrar a correspondência entre as artes plásticas e a literatura, num encontro singular de interpretação do mundo, como se a Arte constituísse uma reacção à situação social, sendo os artistas os criadores de dinâmicas que agitam a indiferença e a passividade da sociedade em geral. Num mundo em crise, as manifestações artísticas surgem como uma forma autónoma de questionar uma realidade considerada vulgar e de perspectivar o mundo e o homem. Trata-se de chocar, através da agressividade, a sociedade burguesa e de exprimir o profundo desencanto, perplexidade e desamparo perante a sensação de desintegração do indivíduo, a percepção de que tudo é fragmentário e relativo, de que a Totalidade não é alcançável. Por isso o acto artístico (e a escrita, em particular) é encarado como uma possibilidade privilegiada (senão exclusiva) de acesso à plenitude.

A consciência da modernidade vai suscitar, a vários níveis, uma estética da ruptura, da criatividade individual, e o frenesim da inovação marcada pela acção iconoclasta da Vanguarda. Nesta ordem de ideias, a destruição levada ao seu máximo funciona como uma aguerrida 'palavra de ordem', seja no que se refere aos géneros literários, às leis da perspectiva e figuração na pintura ou às regras de harmonia na música.

Assim, contra o academismo, ou seja, o "lepidopterismo nacional e alfacinha de colarinhos sujos na alma", como dirá Mário de Sá-Carneiro e, mais amplamente, contra qualquer espécie de autoridade, urge anular a legitimidade de todos os modelos anteriores e reivindicar uma originalidade absoluta e plena de ecletismo – ambas marcas distintivas da estética modernista portuguesa de que *Orpheu* foi o expoente principal.

Uma das faces deste ecletismo configurar-se-á através desse irreduzível *querer-ser-europeu*, o qual aparece ainda enquanto sinónimo de uma dupla meta, duplamente essencial: o desejo de universalidade, impondo a superação das limitadas fronteiras portuguesas e, simultaneamente, uma vontade de ruptura com a literatura do passado, sugerindo uma viragem rumo ao "puro futuro" e ao inteiramente novo. Tal é o sentido da eufórica (e profética) proclamação pessoal:

"Não somos portugueses que escrevem para portugueses; somos portugueses que escrevem para a Europa, para toda a civilização; nada somos por enquanto, mas aquilo que agora fazemos será um dia universalmente conhecido e reconhecido. (...) Não pode ser de outra maneira, realizamos condições sociológicas cujo resultado é inevitavelmente esse. Afastamo-nos de Camões, de todos os absurdos enfadonhos da tradição portuguesa e avançamos para o futuro."<sup>42</sup>

Neste âmbito específico, fará sentido enquadrar a propensão vanguardista principalmente protagonizada pelo Futurismo português – em franca minoria, note-se, considerando no seu conjunto a vertiginosa criação de 'ismos' a que se assiste, entre 1912 e 1917, e na qual sobressai o sensacionismo. Atente-se, de acordo com este propósito, na tensão dialéctica existente entre tradição e ruptura, enunciada de forma paradigmática por Octavio Paz:

"A modernidade é uma tradição polémica que desaloja a tradição imperante, qualquer que esta seja; porém desaloja-a para, um instante após, ceder lugar a uma outra tradição, que, por sua vez, é outra manifestação momentânea da actualidade. A modernidade nunca é ela mesma: é sempre *outra*. O moderno não é caracterizado unicamente pela sua novidade mas pela sua heterogeneidade. Tradição heterogénea ou do heterogéneo, a modernidade está condenada à pluralidade: a antiga tradição era sempre a mesma, a moderna é sempre diferente. A primeira postula a unidade entre o passado e o hoje; a segunda, não satisfeita em ressaltar as diferenças entre ambos, afirma que esse passado não é único, mas sim plural. Tradição do moderno: heterogeneidade, pluralidade de passados, estranheza radical. Nem o moderno é a continuidade do passado no presente, nem o hoje é filho do ontem: são sua ruptura, sua negação. O moderno é auto-suficiente: cada vez que aparece, funda a sua própria tradição."<sup>43</sup>

Por outro lado, tornar-se-á igualmente pertinente identificar em que consiste o que se poderá designar como mitologia individualista típica da modernidade, ou seja, qual o alcance da supremacia do mito do indivíduo

<sup>42</sup> Fernando Pessoa, *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*, pp. 121-122.

<sup>43</sup> Octavio Paz, *Os Filhos do Barro*, p. 18.

livre e auto-suficiente, na medida em que ela funciona como uma significação central ou, talvez melhor, como uma espécie de super-estrutura da cultura moderna e, em particular, modernista.

Na verdade, inspirando-se no Romantismo, quer dizer, em valores assentes na exaltação do 'eu', na autenticidade e no prazer, valores directamente hostis aos costumes da burguesia, centrados no trabalho, na poupança, na moderação e no puritanismo, a cultura modernista protagoniza uma decisiva mutação sócio-cultural ao rebelar-se contra todos as normas e valores de certa sociedade burguesa. Daí que ela surja essencialmente enquanto sinónima de uma cultura da personalidade, a qual implicará viver com o máximo de intensidade, cultivar o desregramento dos sentidos, seguir os impulsos e a imaginação, e reservar-se o direito de abrir o campo das próprias experiências.<sup>44</sup>

Em suma, inter-agindo em consonância, tanto esta problemática do individualismo como a atmosfera decadente de desagregação de valores dominante na era do "Orpheu" contribuirão fortemente para o que Fernando Pessoa designará como "fatal incapacidade construtiva que afecta a consciência moderna" a qual, de acordo com o diagnóstico certo do poeta de "Hora Absurda", estará na origem de fundamentais mutações em termos culturais e mentais, nomeadamente detectáveis em dois campos:

1. a revalorização e o cultivo de práticas convencionalmente negativas como a contradição, o paradoxo, a incoerência, a dispersão ou o apelo à pluralidade que no contexto modernista se transmudarão em princípios norteadores da sua prática estético-literária;

2. os efeitos desse irreparável estilhaçar do 'eu', outrora coeso, intensamente glosado pelos criadores poetas modernistas designadamente em *Orpheu*, que se anuncia como um equivalente expressivo da moderna patologia da identidade poética e criadora.

De acordo com a tematização do poeta de "Ode Marítima", *Orpheu* pretende antes de mais "criar uma arte cosmopolita no tempo e no espaço". E isto porque, prossegue Pessoa, "a nossa época é aquela em que todos os países, mais materialmente do que nunca, e pela primeira vez intelectualmente, existem todos dentro de cada um, em que a Ásia, a

---

<sup>44</sup> A este propósito, interessará ponderar, de modo circunstanciado, alguns aspectos do fenómeno do "individualismo contemporâneo" e suas respectivas implicações, com base na obra de Giles Lipovetski, *A Era do Vazio - Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. (Cf. Bibliografia)

América, a África, ou a Oceânia são Europa e existem todos na Europa. Por isso a verdadeira arte moderna tem de ser maximamente desnacionalizada - acumular dentro de si todas as partes do mundo."<sup>45</sup>

O ecletismo modernista que presidiu à idealização de *Orpheu*, concebido para realizar "a soma e síntese de todos os movimentos literários modernos", preconiza que a arte moderna deverá ser essencialmente cosmopolita, universal e sintética, não tendo, ao contrário das artes do passado, que assumir nenhuma regra a não ser uma - *sentir tudo de todas as maneiras*, para, com esta atitude, conseguir ser a síntese de tudo.

Torna-se, pois, prioritário salvaguardar o cosmopolitismo da arte portuguesa que mais não é, afinal, do que o reflexo da própria 'essência' cosmopolita que identifica "essa vocação mediadora e como que profética", típica da nação portuguesa. É que a imperiosa reivindicação de novidade e modernidade exigida pelos poetas órficos passava obrigatoriamente por uma *perspectivação europeia* do modo de ser literário português.

Na verdade, "Orpheu" pretendia antes de mais "ter um pouco de Europa na alma", espécie de divisa, da autoria do poeta de "Quase", que implicava a consideração da Europa como "a região civilizada" por excelência, o continente que dava "o tipo e a direcção a todo o mundo". Daí a afirmação lapidar (e paradoxal) do autor do *Ultimatum* ("aos mandarins da Europa"): "querer ser português é pouco para portugueses".

Daí também, a necessidade de uma *re-visão* profunda através da qual a literatura nacional deveria ser radicalmente posta em questão distanciando-se, com inequívoca nitidez, de anteriores tendências e "escolas", como "os românticos, a escola de Coimbra e os «Nefelibatas»" por representarem, "todos eles, malogros na literatura portuguesa na medida em que não operaram 1) uma transformação fundamental naqueles sectores da consciência nacional susceptíveis de serem atingidos e transformados pela influência literária; 2) um corpo realmente coerente de pensamento e arte concebível apenas como português".<sup>46</sup>

Ora, "todos eles" se mostram desfasados do 'programa' modernista ideado pelo poeta-crítico que, pelo contrário, tinha implícito um novo espírito, liberto dos fantasmas do servilismo e de qualquer sentimento de

<sup>45</sup> "O que quer Orpheu?", in *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*, pp. 113-114.

<sup>46</sup> *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*, pp. 119-120.

inferioridade face ao estrangeiro, agora, pelo contrário, plenamente afirmativo e novamente orgulhoso de si enquanto "consciência exacta da Actualidade".

Haveria, em suma, que criar aquilo que todos os outros movimentos literários nacionais não conseguiram, isto é, uma "*consciência definidamente portuguesa do Universo*",<sup>47</sup> mas indo ainda mais longe: através desta consciência nacional agora verdadeiramente cosmopolita e remodelada, porque capaz de constituir-se como "critério autónomo unificador", ousar uma passagem efectiva à prática e "entrar em actividade europeia mediante o contacto com outras culturas", realizando uma "síntese", apta a ordenar e a seleccionar positivamente aqueles "abundantes e mutuamente contraditórios" contactos culturais.<sup>48</sup>

No contexto do nosso primeiro modernismo, Almada Negreiros é uma personalidade que se destaca por diversos motivos. Desde logo pela longevidade da sua obra, assinalável em si mesma mas sobretudo se se tiver em conta a curta existência de outros companheiros de *Orpheu*. Por outro lado, é conhecido como Almada foi um artista polivalente que interveio na sociedade conciliando múltiplas facetas (jornalista, bailarino, actor, caricaturista, dramaturgo, pintor de telas, vitrais, murais, autor de textos doutrinários, manifestos futuristas, conferencista, pedagogo e poeta) e cujo talento se evidenciou no empenhamento com que buscou exprimir a essência do ser humano e o seu papel na colectividade configurados, segundo ele, numa particular indissociabilidade entre a língua e a Arte: "O idioma que é a maior fortuna de um povo não pode viver sem a Arte. O idioma é a instrução de um povo. A Arte a sua educação."<sup>49</sup>

A obra de Almada reflecte entusiasticamente o espírito inovador, irreverente e vanguardista que 'contamina' os artistas e intelectuais das primeiras décadas do século XX. Esta sua radicalidade vai progressivamente adquirindo maior moderação e equilíbrio sem deixar contudo de manter, quer na obra literária quer pictórica, traços de uma crítica certa e iconoclasta que tanto particulariza o seu estilo. Por outro lado, os seus inúmeros textos

---

<sup>47</sup> *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*, pp. 120-1. O poeta usa também como equivalente desta, a expressão alemã *Weltanschauung*.

<sup>48</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>49</sup> "Arte e Artistas", in *Obras Completas, Vol. VI, Textos de Intervenção*, p. 77.

de intervenção contêm a afirmação da necessidade de mudança e são um sinal da ruptura que a geração de *Orpheu* preconiza relativamente à tradição.

Acresce que o autor de *Nome de Guerra* foi sempre um artista inconformado que se esforçou por compreender e interpretar o mundo e a realidade portuguesa do seu tempo, afirmando a identidade da pátria, não com um teor passadista, mas com objectividade e esperança no futuro. É neste aspecto que consiste, fundamentalmente, a sua modernidade: a sua autognose é também a de Portugal, através da procura do sentido da sua existência, do seu ser, do seu destino de "nação-navio", utilizando uma sugestiva metáfora de Eduardo Lourenço.

Se a Geração de 70 inicia um empenhado processo de consciencialização da deficiente situação cultural do país, denunciando o marasmo cultural em que Portugal se encontrava e apresentando como solução a integração da nossa cultura na cultura europeia, os Modernistas seguirão este caminho, mas tentando simultaneamente afirmar pela positiva e recriar a identidade de Portugal. Por sua vez, aquilo que distinguirá a primeira geração modernista, dos anos 20, e aquela que é considerada a segunda geração modernista, nos anos 40, será o seu referente: enquanto a primeira combate o academismo e o passado, tendo como ponto de referência a Europa, a segunda combate o presente e o conformismo, passando o referente a ser Portugal.

Almada conseguiu, na pintura e na literatura, em alguns dos seus textos de intervenção e poemas, fundir a tradição e a vanguarda, par dialéctico estruturante da história social e da modernidade. Numa conferência intitulada "Modernismo", Almada explica a relação íntima que, no seu entender, existe entre a Arte e a Pátria, dando o seu exemplo de artista em França, em convivência com outros artistas:

"A Arte não vive sem a Pátria do artista, aprendi eu isto para sempre no estrangeiro. As nossas pátrias eram diferentes. E escrevi nesses dias a minha muito querida *Histoire du Portugal par Coeur*. Foi então que eu vi que a Arte tinha uma política, uma pátria e que o seu sentido universal existia intimamente ligado a cada país da terra."<sup>50</sup>

---

<sup>50</sup> "Modernismo", *op. cit.*, p. 61.

Para Almada, a arte é a "alma legítima do colectivo e do individual", a expressão de um povo que parte de uma realidade concreta para uma realidade universal. É talvez por isso que o pintor sempre se mostrou fascinado pela obra-prima que retrata a sociedade portuguesa de Quatrocentos, *Os Painéis de S. Vicente*, da autoria de Nuno Gonçalves. É através da pintura e da literatura que Almada, num percurso cultural e pedagógico de combate de ideias, critica Portugal e os modos de ser-português, mas no âmbito de um firme propósito renovador e de esperança que aposta no futuro de Portugal, incluído num futuro universal. Vai neste sentido o repto – "é preciso criar a pátria portuguesa do século XX", lançado no seu "Ultimatum Futurista às Gerações Portuguesas do século XX", assim como a afirmação feita numa entrevista, datada de 1953, em que lhe foi pedido que se pronunciasse sobre o estado cultural do País: "Considero o Português o povo mais culto: o sentimento é onde está o mais alto grau da cultura, e o Português tem-no inteiro e vivido em séculos como nenhum."<sup>51</sup>

A modernidade de Almada foi sempre provocatória e transgressora, diagnosticando a realidade portuguesa do seu tempo e apelando à memória colectiva. Os seus manifestos corresponderam a decisivos elementos de ruptura e inovação também porque chegavam a um maior número de pessoas, através do suporte jornalístico. Saliente-se que o activismo estético e programático usa, nesta altura, todos os meios de comunicação colocados à disposição: o teatro, os jornais, as revistas, os manifestos, a literatura e as artes plásticas. Da mesma forma, a pintura mural segue esta linha de democratização da arte.

No "Manifesto Anti-Dantas" (1915) Almada apresenta-se como «Poeta d'Orpheu Futurista e Tudo» e pega na figura de Júlio Dantas, para metaforizar a estagnação e o convencionalismo dos intelectuais, representantes da literatura e da cultura portuguesas. A linguagem, agressiva e de tom imperativo, constitui uma exortação à mudança que conduzirá, inevitavelmente, a uma imagem mais positiva da Europa em relação a Portugal e dos portugueses em relação a si próprios:

"Portugal que com todos estes senhores conseguiu a classificação do país mais atrasado da Europa e de todo o Mundo! O país mais selvagem de todas as Áfricas! O exílio dos degredados e

---

<sup>51</sup> "Diga-nos a verdade", in *Diário de Lisboa*, 28.01.1953, p. 9.

dos indiferentes! A África reclusa dos europeus! O entulho das desvantagens e dos sobejos! Portugal inteiro há-de abrir os olhos um dia – se é que a sua cegueira não é incurável e então gritará comigo, a meu lado, a necessidade que Portugal tem de ser qualquer coisa de aseado!”<sup>52</sup>

No «Ultimatum Futurista às Gerações Portuguesas do Século XX», proferido em 1917, Almada afirma o seu amor pela Pátria, mas questiona a incapacidade criativa da República - a verdadeira pátria não fora ainda criada e cabia à sua geração esse papel: “Vós, oh portugueses da minha geração, nascidos como eu no ventre da sensibilidade europeia do século XX *criai a pátria portuguesa do século XX.*”<sup>53</sup> É preciso criá-la com a guerra, mas esta não é o conflito bélico e armado, é sim a guerrilha das palavras e acções, a única que poderá combater a passividade, a resignação, o fatalismo, o servilismo e o conformismo. Procurando apontar a crise de identidade nacional do povo português, Almada redige um texto de ruptura que assenta ideologicamente num discurso de provocação mas procura, simultaneamente, impor uma solução que se orienta para a criação de uma nova consciência de identidade colectiva.

Esta ideia de renovação, que passa pela reflexão sobre o colectivo, está também presente na sua poesia. Em “A Cena do Ódio” (1915), poema dedicado a Álvaro de Campos, Almada afirma-se “poeta sensacionista e Narciso do Egipto” e critica, desta vez, toda a sociedade “Ó burguesia! [...] Ó Horror! Os burgueses de Portugal/ têm de pior que os outros/ o serem portugueses! [...] Ó sanfona-saloia do fandango dos campinos! [...] E vós varinas que sabeis a sal [...] Ó criadas novas chegadas de fora p’ra todo o serviço! [...] E vós também, nojentos da Política [...] E tu também roberto fardado[...]”,<sup>54</sup> reiterando o desejo de ruptura com o passado, na tentativa de agitar o país do presente. A burguesia é duramente criticada nesta sátira da vida nacional, em que Almada caricatura o comércio, a literatura académica, a política, o jornalismo e a alta finança. A burguesia virá a ser, aliás, novamente representada nos murais das gares marítimas, trinta anos mais tarde. No poema “A Varina”, por exemplo, Almada começa por fazer a descrição de uma varina, personagem feminina tipicamente lisboeta, até a

<sup>52</sup> “Manifesto Anti-Dantas”, in *Obras Completas, Vol. VI, Textos de Intervenção*, p. 23.

<sup>53</sup> “Ultimatum Futurista às Gerações Portuguesas do Século XX”, *op. cit.*, p. 37.

<sup>54</sup> “A Cena do Ódio”, in *Poemas*, pp. 23-43.

transformar em imagem colectiva, símbolo de Portugal: "Lá na Ribeira Nova/ onde nasce Lisboa inteira/ na manhã de cada dia/ há uma varina/ [...] Por ela/ fiz dois versos a todas as varinas:/ E vós varinas que sabeis a sal/ e trazeis o mar no vosso avental!/ Acho parecidos estes versos/ com as varinas de Portugal."<sup>55</sup>

Em suma, "Orpheu" questiona e exige, como ideia principal do ser e do destino de Portugal, uma modernidade em que os portugueses devem responsabilizar-se pela sua imagem de povo. Esta imagem passa não pelo renegar da tradição e dos valores do passado, mas pela consciencialização da necessidade de compreender o país enquanto sujeito e não enquanto objecto de estudo, observado à distância. É nesta linha que Eduardo Lourenço contesta a imagem que alguém criou dos portugueses e que se esforçou por que fosse interiorizada:

"Aceitemo-nos com a carga inteira do nosso passado que de qualquer modo continuará a navegar dentro de nós. Mas não autorizemos ninguém a simplificar e a confiscar para benefício dos privilegiados da fortuna, do poder ou da cultura uma imagem de Portugal, mutilada e mutilante através da qual nos privemos de um futuro cuja definição e perfil é obra e aposta da comunidade inteira e não dos seus guias providenciais."<sup>56</sup>

## **II. BIBLIOGRAFIA**

### **1. Geração de Orpheu**

#### **Bibliografia principal**

AA.VV., "O significado histórico do «Orpheu» 1915/1975 - Inquérito", in *Cadernos da "Colóquio/Letras" - 2. Modernismo e Vanguarda*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1984, pp. 7-24.

BELCHIOR, Maria de Lurdes, "Temas de Cultura Portuguesa (séculos XIX-XX) - Inovação e reacção; o primeiro modernismo e o seu significado. O «Inquérito Literário» de Boavida Portugal (1915). Rumos e singraduras dos anos de 1915 a 1927", in *Os Homens e os Livros II (Séculos XIX e XX)*, Lisboa, Editorial Verbo, 1980, pp. 125-146.

<sup>55</sup> *Poemas*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2005, p. 115.

<sup>56</sup> Eduardo Lourenço, "Da literatura como interpretação de Portugal", pp. 116-117.

- GALHOZ, Maria Aliete, "Introdução (ao Orpheu 2)", in *Orpheu 2*, Lisboa, Edições Ática, 1984, pp. VII-LXVIII.
- , "O momento poético do Orpheu", in *Orpheu - Volume I*, Lisboa, Edições Ática, s/d, pp. XIII-LI.
- GUIMARÃES, Fernando, "Poesia e Modernidade: o caso português. Do «Orpheu» ao início dos anos 40", in *O Modernismo Português e a sua poética*, Porto, Lello Editores, 1999, pp. 65-87.
- JÚDICE, Nuno, *A era do "Orpheu"*, Lisboa, Teorema, s/d.
- , "A ideia nacional no período modernista português", in *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, nº 9, Edições Colibri, 1996, pp. 323-333.
- LOURENÇO, Eduardo, "Orpheu e `Presença", in *Revistas, Ideias e Doutrinas - Leituras do Pensamento Contemporâneo*, Lisboa, Livros Horizonte, pp. 93-108.
- MARTINS, Fernando Cabral, "Orpheu - Vanguarda", in *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, Lisboa, Caminho, 2008, p. 568
- MONTEIRO, Adolfo Casais, "Humanismo e Modernismo na Poesia Portuguesa" e "A Geração do Orpheu. Situação do Modernismo", in *A Poesia de Fernando Pessoa*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1999, pp. 21-46.
- MOURÃO-FERREIRA, David, "«Orpheu» 1", in *Hospital das Letras - Ensaios*, Lisboa, Guimarães Editores, 1966, pp. 167-172.
- QUADROS, António, "O movimento do «Orpheu» - Que foi? Que pretendeu? Que significou?", in *O Primeiro Modernismo Português - Vanguarda e Tradição*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1988, pp. 123-139.
- SEABRA, José Augusto, "O retorno de Orpheu", "Orpheu 3", in *O Heterotexto Pessoaano*, S. Paulo, Perspectiva, Editora da Universidade de S. Paulo, 1988, pp. 187-225.
- , "Tempo e Texto de «Orpheu»", in *Poligrafias Poéticas*, Porto, Lello&Irmão, 1994, pp. 265-283.
- SENA, Jorge de, "«ORPHEU»", in *Fernando Pessoa & Companhia Heterónima (Estudos coligidos 1940-1978)*, Lisboa, Edições 70, 1984, pp. 97-108.
- , "Sobre o ORPHEU - inquérito - 1975", in *Estudos de Literatura Portuguesa - II*, Lisboa, Edições 70, 1988, pp. 271-274.
- SILVA, Manuela Parreira da, "Orpheu", in F. Cabral Martins, (Coord.), *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, Lisboa, Caminho, 2008, pp. 564-568.

### **Bibliografia complementar**

- ALMEIDA, Teresa, "Nacionalismo e Modernismo. O projecto Exílio", in *Exílio*, edição fac-similada, Lisboa, Contexto, 1982, pp. VII-XVII.

- BUESCU, Helena Carvalhão, "Modernidade", in F. Cabral Martins (Coord.), *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, Lisboa, Caminho, 2008, pp. 467-472.
- CATROGA, Fernando e Paulo A.M. Archer de Carvalho, "A sociedade portuguesa nas primeiras décadas do séc. XX", in *Sociedade e Cultura Portuguesas II*, Lisboa, Universidade Aberta, 1996, pp. 261-287.
- DIOGO, Américo Lindeza, "Modernismo", disponível em Carlos Ceia (Coord.), *E-Dicionário de Termos Literários*, <http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/M/modernismo.htm>
- FRANÇA, José Augusto, *A Arte e a Sociedade Portuguesa do Século XX*, (1910 a 1980), Lisboa, Livros Horizonte, 1980.
- , *Os anos 20 em Portugal. Estudo de factos socioculturais*, Lisboa, Livros Horizonte, 1992.
- , "Que Modernismo?", in *Actas do 1º Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos*, Porto, Brasília Editora, pp. 365-396.
- , "Sondagem nos anos 20 - cultura, sociedade, cidade", in *Análise Social*, vol. XIX (77-78-79), 1983 -3.º, 4.º 5.º, pp. 823-844. Disponível em <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223465370A7xXH8fa1Gg53HG5.pdf>
- GUIMARÃES, Fernando, "Entre o Passado e o Futuro", in *Os Problemas da Modernidade*, Lisboa, Editorial Presença, 1994, pp. 95-103.
- , "O Modernismo e a Tradição da Vanguarda" e "A geração do Orpheu e o Simbolismo", in *Simbolismo, Modernismo e Vanguardas*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1982, pp. 17-24 e 35-43.
- LIPOVETSKI, Giles, "Modernismo e pós-modernismo", in *A Era do Vazio - Ensaios sobre o individualismo contemporâneo*, Lisboa, Relógio D'Água, 2006, pp. 75-97.
- LOPES, Óscar, "Primeiro Modernismo", in *Entre Fialho e Nemésio - Estudos de Literatura Portuguesa Contemporânea II*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987, pp. 457-613.
- MARTINHO, Fernando J. B., "A acção estimuladora de Pessoa junto dos companheiros do Orpheu", in *Actas do 2º Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos*, Porto, Centro de Estudos Pessoaanos, 1985, pp. 363-395.
- MOURÃO-FERREIRA, David, "Orpheu 1", in *Hospital das Letras - Ensaios*, Lisboa, Guimarães Editores, 1966, pp. 167-172.
- PAZ, Octavio, "A tradição da ruptura" e "A revolta do futuro", in *Os Filhos do Barro - Do Romantismo à Vanguarda*, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1984, pp. 15-58.
- QUADROS, António, "Teleonomia e Invariância, Vanguarda e Tradição", in *O Primeiro Modernismo Português - Vanguarda e Tradição*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1988, pp. 17-55.
- ROCHA, Clara, *Revistas Literárias do século XX*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985.
- SEABRA, José Augusto, "Da Renascença Portuguesa ao Orpheu (Um vôo de Águia)", in *O Heterotexto Pessoaano*, S. Paulo, Perspectiva, Editora da Universidade de S. Paulo, 1988, pp. 171-186.

- , "Revistas e Movimentos Culturais no primeiro quarto do século", in *Revistas, Ideias e Doutrinas - Leituras do Pensamento Contemporâneo*, Lisboa, Livros Horizonte, 2003, pp. 19-41.
- SENA, Jorge de, "Sobre Modernismo - inquérito - 1956", in *Estudos de Literatura Portuguesa - II*, Lisboa, Edições 70, 1988, pp. 55-58.
- SILVESTRE, Osvaldo, "Modernismo", in Fernando Cabral Martins (Coord.), *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, Lisboa, Caminho, 2008, pp. 472-476.
- SIMÕES, João Gaspar, "O Primeiro Modernismo: a Geração do «Orpheu» (1915-1927)", in *Perspectiva Histórica da Poesia portuguesa (Dos Simbolistas aos Novíssimos)*, Porto, Brasília Editora, 1976, pp. 211-269.
- , "Vida e morte do «Orpheu»", in *Vida e Obra de Fernando Pessoa - História de uma Geração*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1973, pp. 229-250.
- VILA MAIOR, Dionísio, *Introdução ao Modernismo*, Coimbra, Livraria Almedina, 1996.

## **2. Fernando Pessoa**

### **Bibliografia principal**

#### **ACTIVA**

- Arquivo Pessoa. Obra Édita, <http://arquivopessoa.net/textos>
- PESSOA, Fernando, "A nova Poesia Portuguesa sociologicamente considerada" e "A nova Poesia Portuguesa no seu aspecto psicológico", in *Textos de Intervenção Social e Cultural - A ficção dos heterónimos*, Introd., org. e notas de António Quadros, Obra em Prosa de Fernando Pessoa, II volume, Lisboa, Europa-América, 1986, pp. 17-57. Disponível em *Arquivo Pessoa. Obra Édita*, <http://arquivopessoa.net/textos/3090> e <http://arquivopessoa.net/textos/3101>
- , *Cartas a Armando Cortes-Rodrigues*, introdução por Joel Serrão, Lisboa, Livros Horizonte, 1985.
- , "5 - O Império Português", in *Fernando Pessoa, Sebastianismo e Quinto Império*, edição António Quadros, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1986, pp. 171-182.
- , "O meu intenso sofrimento patriótico", in *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*, textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho, Lisboa, Ática, s/d, pp. 7-9. Disponível em *Arquivo Pessoa. Obra Édita*, <http://arquivopessoa.net/textos/2779>
- , "O meu livro «Mensagem» chamava-se primitivamente «Portugal»", in *Sobre Portugal - introdução ao problema nacional*, Introd. e org. de Joel Serrão, Lisboa, Edições Ática, 1978, pp. 179-180. Disponível em *Arquivo Pessoa. Obra Édita*, <http://arquivopessoa.net/textos/1298>

- , "1.1. O Português" e "1.2. O Sentido de Portugal", in *Sobre Portugal – introdução ao problema nacional*, Introd. e org. de Joel Serrão, Lisboa, Edições Ática, 1978, pp. 71-133.
- , "Como organizar Portugal", "Resposta ao inquérito «Portugal, Vasto Império»", "O provincianismo português" e "O caso mental português", in *Crítica. Ensaios, Artigos e Entrevistas*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2000, pp. 133-147, 326-332, 371-373 e 434-441.
- , "Sobre «Orpheu», Sensacionismo e Paulismo", in *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*, textos estabelecidos e prefaciados por G. Rudolf Lind e J. do Prado Coelho, Lisboa, Edições Ática, s/d, pp. 111-218.
- , "Ultimatum de Álvaro de Campos", in *Portugal Futurista (1917 – nº único)*, edição fac-similada, Lisboa, Contexto Editora, 1984, pp. 30-34.
- , "Que pensa da nossa crise?", "O que é a metafísica?", "Reflexões sobre o Provincianismo", in *Ultimatum e Páginas de sociologia política*, introd. e org. Joel Serrão, Lisboa, Ática, 1980, pp. 131-142, 147-150.

### **REVISTAS**

- Exílio, Edição Facsimilada*, Lisboa, Contexto, editora, 1982.
- Orpheu – Volume I*, Lisboa, Edições Ática, s/d.
- Orpheu 2*, Lisboa, Edições Ática, 1984.
- Orpheu 3*, Lisboa, Edições Ática, 1984.
- Orpheu, Edição Facsimilada*, Lisboa, Contexto, editora, 1989.
- Portugal Futurista, 3ª edição facsimilada*, Lisboa, Contexto, editora, 1984.

### **PASSIVA**

- BUENO, Aparecida de Fátima, "Ultimatum", in F. Cabral Martins, (Coord.), *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, Lisboa, Caminho, 2008, pp. 863-865.
- CALAFATE, Pedro (Introd e Org.), "Fernando Pessoa: sermos «tudo de todas as maneiras»", in *Portugal como problema. Século XX. Os Dramas de Alternativa*, Volume IV, Lisboa, Fundação Luso-Americana e Público, 2006, pp. 95-133.
- CATROGA, Fernando e Paulo A.M. Archer de Carvalho, "Fernando Pessoa, o oráculo do modernismo", in *Sociedade e Cultura Portuguesas II*, Lisboa, Universidade Aberta, 1996, pp. 299-313.
- COELHO, Jacinto do Prado, "O nacionalismo utópico de Fernando Pessoa", in *A Letra e o Leitor*, Lisboa, Moraes, 1977, pp. 199-208.
- LOPES, Teresa Rita, "Pessoa, Fernando – Obra", in F. Cabral Martins, (Coord.), *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, Lisboa, Caminho, 2008, pp. 638-647.
- , "Sobre o alcance da obra inédita e deste volume", in *Pessoa Inédito*, Lisboa, Livros Horizonte, 1993, pp. 17-71.

- LOURENÇO, Eduardo, *O lugar do Anjo. Ensaios pessoanos*, Lisboa, Gradiva, 2004.
- , "Oliveira Martins e Pessoa", in *Revista da Biblioteca Nacional*, Lisboa, S. 2, 10 (1-2) Janeiro-Dezembro 1995, pp. 115-122.
- , "Sonho de Império e Império de Sonho", in *Fernando Pessoa – Mensagem. Poemas Esotéricos*, ed. José Augusto Seabra, 1993, pp. XIX-XXIV.
- MEDEIROS, Luísa, "Nacionalismo", "Nacionalismo Cosmopolita" e "Portugal", in F. Cabral Martins, (Coord.), *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, Lisboa, Caminho, 2008, pp. 499-503, 503-507 e 667-670.
- PIEIDADE, Ana Nascimento, "Eça, Pessoa e o 'esplendor de Portugal'", in *Outra Margem. Estudos de Literatura e Cultura Portuguesas*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008, pp. 261-276.
- SEABRA, José Augusto, *O Heterotexto Pessoaano*, S. Paulo, Perspectiva, Editora da Universidade de S. Paulo, 1988.
- "Ad Infinitum", pp. 33-43.
  - "Fernando Pessoa e a universalidade da língua portuguesa", pp. 99-111.
  - "A Pátria de Pessoa ou a língua mãtria", pp. 129-145.
  - "Post-Scriptum", pp. 253-262.
- , "Poética e Política em Fernando Pessoa", in *Persona 1*, Porto, Centro de Estudos Pessoaanos, Novembro 1977, pp. 11-20.
- SENA, Jorge, "Os poemas de Fernando Pessoa contra Salazar e contra o Estado Novo", in *Fernando Pessoa & Companhia Heterónima (Estudos coligidos 1940-1978)*, Lisboa, Edições 70, 1984, pp. 303-313.
- SERRÃO, Joel, "A busca pessoana do sentido de Portugal", in *Sobre Portugal – introdução ao problema nacional*, Lisboa, Edições Ática, 1978, pp. 5-63.
- , "Fernando Pessoa, cidadão do imaginário", in *Ultimatum e Páginas de sociologia política*, Lisboa, Ática, 1980, pp. 5-106.
- SIMÕES, João Gaspar, "Doutrinário político", in *Vida e Obra de Fernando Pessoa – História de uma Geração*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1973, pp. 595-616.

### **Bibliografia complementar**

- CARVALHO, Carlos Castro da Silva, "Aspectos formais do nacionalismo místico da «Mensagem»", in *Cadernos da "Colóquio/Letras" - 2. Modernismo e Vanguarda*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1984, pp. 89-99.
- COELHO, Jacinto do Prado, "D'«Os Lusíadas» à «Mensagem»", in *Camões e Pessoa, poetas da utopia*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1983, pp. 105-110.
- , "Fernando Pessoa e Teixeira de Pascoaes", in *A Letra e o Leitor*, Lisboa, Moraes, 1977, pp. 175-198.
- FEIJÓ, António M., "Pascoaes, Teixeira de", in F. Cabral Martins, (Coord.), *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, Lisboa, Caminho, 2008, pp. 597-602.
- LOPES, Teresa Rita, *Pessoa por Conhecer*, 2 vols., Lisboa, Estampa, 1990.

- MOURÃO-FERREIRA, David, "Fernando Pessoa antes do «Orpheu» 1", in *Hospital das Letras – Ensaios*, Lisboa, Guimarães Editores, 1966, pp. 173-180.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla, "Futurismo Saudosista", in F. Cabral Martins, (Coord.), *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, Lisboa, Caminho, 2008, pp. 302-304.
- PESSOA, Fernando, *Correspondência 1905-1922*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1999.  
 -----, *Correspondência 1923-1935*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1999.  
 -----, *Fernando Pessoa – Obras em Prosa – em um volume*, organização, introdução e notas de Cleonice Berardinelli, Rio de Janeiro, Companhia José Aguilar Editora, 1974.  
 -----, *Fernando Pessoa – Obra Poética – em um volume*, organização, introdução e notas de Cleonice Berardinelli, Rio de Janeiro, Companhia José Aguilar Editora, 1977.  
 -----, *Pessoa Inédito*, Coord. Teresa Rita Lopes, Lisboa, Livros Horizonte, 1993.
- SEABRA, José Augusto, "Camões, Pascoaes, Pessoa ou o mito da «Nova Renascença»", in *O Heterotexto Pessoaano*, S. Paulo, Perspectiva, Editora da Universidade de S. Paulo, 1988, pp. 157-170.
- SILVA, Manuela Parreira da, "Pessoa Ortónimo", in F. Cabral Martins, (Coord.), *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, Lisboa, Caminho, 2008, pp. 647-651.

### **3. Almada Negreiros**

#### **Bibliografia principal**

#### **ACTIVA**

- Almada Dixit* (Organização + 4 Apostilas de João Furtado Coelho), Lisboa, Livros Horizonte, 2009.
- NEGREIROS, José de Almada, "Cena do Ódio", disponível em [http://triplov.com/almada\\_negreiros/cena\\_do\\_odio.htm](http://triplov.com/almada_negreiros/cena_do_odio.htm)
- , "Manifesto Anti-Dantas", disponível em [http://triplov.com/almada\\_negreiros/anti\\_dantas.htm](http://triplov.com/almada_negreiros/anti_dantas.htm)
- , *Obras Completas, Vol. V, Ensaios*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992.
- "Direcção Única", pp. 31-54.
  - "Os Pioneiros – para a história do movimento moderno em Portugal", pp. 55-58.
  - "Um aniversário: *Orpheu*", pp. 59-63.
  - "Portugal no mapa da Europa", pp. 65-67.
  - "As 5 unidades de Portugal", pp. 69-72.
  - "Portugal oferece-nos o aspecto de", pp. 75-79.
  - "Fernando Pessoa – o poeta português", pp. 137-139.

-----, *Obras Completas de Almada Negreiros, Vol. VI, Textos de Intervenção*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1993.

- "Primeira descoberta de Portugal na Europa do século XX. Manifesto da Exposição de Amadeo de Souza-Cardoso", pp. 25-30.
- "Ultimatum Futurista às Gerações Portuguesas do Século XX" (1917), pp. 35-43.
- "Modernismo" (1926), pp. 53-63.
- "A nova geração é contra Azuis e contra Encarnados", pp. 65-66.
- "Arte e Artistas", pp. 67-89.
- "Orpheu" (1965), pp. 169-188.

-----, *Orpheu -1915-1965*, Lisboa, Edições Ática, s/d.

*Sudoeste*, edição facsimilada de 1935, Lisboa, Contexto, editora, 1982.

## **PASSIVA**

CALAFATE, Pedro (Introd e Org.), "Almada Negreiros: o sebastianismo criativo", in *Portugal como problema. Século XX. Os Dramas de Alternativa*, Volume IV, Lisboa, Fundação Luso-Americana e Público, 2006, pp. 137-163.

COELHO, João Furtado, "4. Aquela República... (Apostila respeitante à rubrica Viver!)", in *Almada Dixit*, Lisboa, Livros Horizonte, 2009, pp. 265-291.

FERREIRA, Sara Afonso, "Manifesto Anti-Dantas", in F. Cabral Martins, (Coord.), *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, Lisboa, Caminho, 2008, pp. 433-435.

FRANÇA, José Augusto, "Almada e Portugal, dez anos de escrita, 1915-1925", in *Colóquio Internacional "Almada Negreiros, a descoberta como necessidade" (Porto, 12-14 de Dezembro, 1996)*, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 1998, pp. 95-111.

-----, *Almada Negreiros - o Português sem Mestre*, Lisboa, Bertrand, 1986.

-----, *O Essencial sobre Almada Negreiros*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003.

GONÇALVES, Rui Mário, *Almada, o Menino de Olhos de Gigante*, Lisboa, Caminho, 2005.

-----, "Negreiros, Almada - Obra", in F. Cabral Martins, (Coord.), *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, Lisboa, Caminho, 2008, pp. 515-520.

GUIMARÃES, Fernando, "O Modernismo de Almada Negreiros", in *Linguagem e Ideologia*, Porto, Editorial Inova, 1972, pp. 127-135.

JÚDICE, Nuno, "Almada, o espírito engenhoso", in *Colóquio/Letras*, nº 149/150, Julho 1998, pp. 37-41.

LOURENÇO, Eduardo, "Almada, Ensaísta?", in *Obras Completas, Vol. V, Ensaios*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992, pp. 9-20.

## **Bibliografia complementar**

- BARREIRA, Cecília, "Almada Negreiros e a «Revista Portuguesa»", disponível em [http://triplov.com/letras/cecilia\\_barreira/almada/index.htm](http://triplov.com/letras/cecilia_barreira/almada/index.htm)
- COELHO, Luísa, "Uma constante e solitária travessia das conveniências", in *Obras Completas de Almada Negreiros, Vol. VI, Textos de Intervenção*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1993, pp. 9-16.
- FERREIRA, António Quadros, *Painéis das Gares Marítimas de Lisboa - Análise e Recepção da Modernidade em Almada Negreiros*, Porto, Fundação Eng.º António de Almeida, 1994.
- MACNAB, Gregory, "Sobre duas «intervenções» de Almada Negreiros", in *Cadernos da "Colóquio/Letras" - 2. Modernismo e Vanguarda*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1984, pp. 101-110.
- MOURÃO-FERREIRA, David, "Saudação a Almada Negreiros", in *Hospital das Letras - Ensaios*, Lisboa, Guimarães Editores, 1966, pp. 192-198.
- NEGREIROS, José de Almada, *Poemas*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2005.
- QUADROS, António, "Almada Negreiros, um futurista português em busca dos arcanos clássicos", in *O Primeiro Modernismo Português - Vanguarda e Tradição*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1988, pp. 278-299.
- SAPEGA, Ellen W., "Fernando Pessoa e José de Almada Negreiros: reavaliação de uma amizade estética", in *Colóquio/Letras*, nº 113/114, Janeiro 1990, pp. 169-174.

## Roteiro Programático e Bibliográfico

### do **TEMA 4.**

### "Geração de 70 e Geração de *Orpheu* ou a problematização de Portugal"

**4.1.** Legitimidade desta aproximação. **4.2.** O lançamento do primeiro Fradique Mendes e o lançamento da revista *Orpheu*. **4.3.** Eduardo Lourenço e os sentidos da interpelação a Portugal protagonizada pelas duas gerações

#### **I. Apresentação do Tema 4.**

Importa começar por explicitar as principais razões que fundamentam esta aproximação, talvez aparentemente pouco evidente, entre o espírito que modelou o surgimento do que se poderá designar como primeiro Fradiquismo e aquele que estruturou a ideação de alguns dos principais valores estético-literários do "Orpheu", grupo de jovens poetas e artistas que começou a ser conhecido entre nós, sobretudo a partir do lançamento, em 1915, dos dois números da revista *Orpheu*. O paralelismo que aqui se propõe ganhará todo o seu sentido, se forem tidas em conta determinadas afinidades ou, talvez melhor, um certo parentesco de sensibilidades, existente entre estes dois momentos únicos da nossa história literária e cultural.

O Fradiquismo, corporizado pelo poeta Carlos Fradique Mendes, foi um fenómeno que decorreu da aventura cultural e literária partilhada por Eça de Queirós, Antero de Quental e Batalha Reis, por volta de 1869, nos tempos do Cenáculo lisboeta. Dela resultou uma criação *colectiva* totalmente inventada que foi dada a conhecer ao público leitor como se fosse autêntica, com a ajuda de vários mecanismos de divulgação precisos e deliberados.

Quanto à intervenção do conjunto de criadores modernistas, não perdendo de vista que a sua validade intemporal reside sobretudo na original qualidade do seu texto poético, procura-se aqui evidenciar a sua

validade conjuntural, tentando recuperar e avaliar como foi recepcionado o impacto que a sua multifacetada actuação, enquanto acontecimento significativo da vida cultural portuguesa, provocou.

Por outras palavras, trata-se de articular literatura e história, conhecimento estético e conhecimento histórico, de forma a entender o papel e o contributo específicos do fenómeno literário no contexto da vida social, tendo como pressuposto que a literatura não se reduz a uma mera função de representação, mas detém uma específica função de criação social que se manifesta através da marcha da evolução literária.

Em síntese, o que aqui se propõe é uma abordagem que acrescente a uma apreciação estritamente literária, centrada na análise do *corpus* textual dos autores em causa, uma perspetivação cultural e sociológica mais alargada, designadamente pelo eventual contributo da teoria da recepção, em particular no que à consideração da "história literária do leitor" diz respeito.

Todo o insólito conjunto de propósitos e de acontecimentos que envolveram o estratégico lançamento público do primeiro Fradique e a publicação de *Orpheu* pode ser valorizado fundamentalmente por dois motivos: primeiro porque, em ambos os casos, se tratou de duas declaradas intenções de modernidade absoluta; depois, porque ambos os gestos podem ser interpretados enquanto duas formas de reagir *afirmativamente* face à consciência, agudamente generalizada entre os seus respectivos expoentes principais, de uma "desvalia trágica [...] da realidade nacional sob todos os planos", como salientou Eduardo Lourenço. Toda esta paroxística insatisfação não poderia, por sua vez, senão impulsionar, o veemente desejo, partilhado e em parte concretizado pelos dois grupos, de proceder a uma "metamorfose total da imagem, ser e destino de Portugal".<sup>57</sup>

Como se referiu já, o dândi escritor Carlos Fradique Mendes 'nasceu' de um "disfarce estilístico" assumido em conjunto, não só porque correspondeu a uma completa invenção do juvenil trio de amigos do Cenáculo mas, sobretudo, porque está subjacente à sua concepção uma intenção deliberada de ironia e de mistificação.

---

<sup>57</sup> Eduardo Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, pp. 86 e 79.

Importará ponderar a associação entre ironia e mistificação, uma vez que estes dois procedimentos orientaram de modo eficaz e inseparável a 'mensagem' que a ideação de Fradique pretende simbolizar através da sua apresentação sob a forma de paradoxais notas programáticas - exageradamente elogiosas a respeito da pouco original figura do poeta e dos seus fracos poemas - nos jornais *A Revolução de Setembro* e em *O Primeiro de Janeiro*. Fruto dessa ironia discretamente subliminar, recobrem-se - como sublinha Ofélia Paiva Monteiro - de "carga denegadora" os elogios dirigidos ao poeta recém-revelado, assim como recaem sobre "os próprios inventores da personagem, pela paródia que com ela era feita da nervosa modernidade, de marca estrangeira, que os seduzia. [...] Corolário ainda desse jogo irónico é configurarem-se os poemas de Fradique não como fruto de inspiração *autêntica*, mas como glosas de '*clichés*', diversos dos que por cá figuravam, mas também '*clichés*' - os do *satanismo* de além-Pirinéus."<sup>58</sup>

Por outro lado, esta estratégia mistificadora e também paródica que aureolou o "poeta forjado" visava desestabilizar - ludibriando e desconcertando - o pouco imaginativo público lisboeta cumprindo, deste modo, um primeiro objectivo que consistia em marcar 'bombasticamente' a diferença. Num segundo momento, o que os seus inventores pretendiam era aproveitar a amplitude da perplexidade suscitada pela controversa figura e os bizarros poemas do imaginário Fradique para realçar o valor (real) dessa modernidade de que ele era o pretexto.

A circunstância da admiração pela proclamada originalidade fradiquiana sobressair sobretudo devido ao nível de apatia e de ignorância do nosso meio intelectual vem ao encontro de um facto igualmente digno de nota. É que a tão ambicionada modernidade protagonizada por Fradique, não deixa de exhibir a sua imaturidade precisamente porque as suas realizações poéticas, concentrando-se no *efeito a produzir* - tanto mais fácil quanto maior era a superficialidade literária dominante - não ultrapassaram o nível do '*pastiche*' das modernas tendências baudelairianas e de outros estranhos poetas igualmente 'na berra'.

---

<sup>58</sup> Ofélia Paiva Monteiro, "Sobre a excentricidade humorística de Fradique", in *Queirosiana - Estudos sobre Eça de Queirós e a sua Geração*, nº 5/6, p. 202.

A verdade é que mesmo sendo só isso, a poesia de Fradique conseguiu contrastar vivamente com a inocuidade monótona e vazia da literatura ultra-romântica em voga em Portugal.

Decorre do que fica dito que o objectivo nuclear do aparecimento deste primeiro Fradique foi, como sintetizou lapidariamente Batalha Reis em jeito de porta-voz dos três amigos, "o propósito de assumir a modernidade possível em 1869 - e em Lisboa."<sup>59</sup> Como se propunham concretizar tal intento?

Tratava-se de dar a conhecer a "riqueza imensa do moderno movimento de ideias, cuja existência, ainda segundo Batalha Reis, parecia ser tão absolutamente desconhecida em Portugal".<sup>60</sup> Repare-se que esta modernidade era então "sinónima" daquilo que o trio mistificador entendia, de forma algo sincrética, por satanismo, o qual mais não era que o símbolo por excelência de um espírito de ruptura absolutamente necessário para combater e eliminar o atavismo conservador e o atraso gerados pelo monarquismo e pelo catolicismo seus contemporâneos.

No específico enquadramento luso em que se situam, o satanismo parecia sobretudo ser um equivalente do arrojado desejo de supressão, segundo o diagnóstico ferino destes intelectuais, das "muitas lacunas lamentáveis" de que padecia a sociedade portuguesa, a saber: 1. a nefasta dominância de um cristianismo hipócrita; 2. a inépcia das práticas políticas; 3. a influência de certa degeneração ultra-romântica na literatura e nos costumes; 4. a mediocridade do seu insignificante meio cultural urbano.

Quanto a Pessoa, a Sá-Carneiro ou a Almada, era inequívoca a sua vontade de ruptura com a literatura que os antecederam e o desejo de produzir uma completa novidade estética que marcasse a diferença. E embora o conjunto de individualidades que constituiu o "Orpheu" não tenha chegado a estar propriamente organizado como grupo, situação que, como foi já apontado nos Temas 1. e 3. , explicitamente recusavam, unia-os uma devoção inteira à Arte e uma comum intuição, vivamente inventiva e inovadora, decidida, entre outras coisas, a '*épater le bourgeois*'.

---

<sup>59</sup> "Anos de Lisboa (Algumas lembranças)", p. 321. Este texto contém o imprescindível relato de Jaime Batalha Reis e aparece reproduzido (parcialmente) na secção "III.3. Testemunhos, de "Carlos Fradique Mendes (1869-1870) - *Corpus Documental*" de *O Primeiro Fradique Mendes* de Joel Serrão, texto referido na Bibliografia.

<sup>60</sup> "Anos de Lisboa (Algumas Lembranças)", p. 321.

Uma boa parte da originalidade que envolveu o surgimento tanto de Fradique como de *Orpheu* expressou-se pois através de uma semelhante atitude de revolta que se afirma, naturalmente, *contra* os valores imobilistas e provincianos, típicos desse meio português que tanto uns como outros queriam afrontar. Registe-se, a propósito, este expressivo trecho em que se explicita o ambicioso e subversivo efeito de 'choque' que este primeiro Fradique deveria provocar, cujo interesse resulta acrescido se pensarmos que poderia igualmente ser da autoria dos principais responsáveis pela concepção dos princípios que orientaram *Orpheu*:

O nosso plano, relata Batalha Reis, era considerável e terrível: tratava-se de criar *uma filosofia cujos ideais fossem diametralmente opostos aos ideais geralmente aceites*, deduzindo com implacável e impassível lógica, todas as consequências sistemáticas dos pontos de partida, por monstruosas que elas parecessem. Dessa filosofia saía naturalmente uma poesia, (e) toda uma literatura especial [...]. Além de que, nós projectávamos criar no mais íntimo e fantástico absurdo, no mais extremo contraditório, nas regiões mais irracionais e insensatas do Espírito, mais longe, mais fundo do que Pöe, que Nerval, que Baudelaire.<sup>61</sup>

Assim, tanto a intempestiva exigência de modernidade comum a ambos, como a desproporção que se veio a verificar entre o pretendido alcance dos dois projectos criativos e a respectiva *recepção* que *efectivamente* tiveram, por parte de um público que permaneceu passivo e pacato, apesar do longo lapso de tempo decorrido, - dando razão à divertida semelhança achada por Eça entre portugueses e chineses: "A rotina, numa das suas formas mais estúpidas, é a persistência caturra numa primeira impressão. É o grande vício chinês. [...] O português moderno tem muito do chinês. A primeira impressão que nos vem à retina, fica-nos perpetuamente no espírito."<sup>62</sup> - constituem afinidades que, neste sentido restrito, igualizam a dimensão subversiva que marcou "essa situação especial do espírito", contemporânea do lançamento do Fradiquismo e do tempo da criação de *Orpheu*.

Por último, acrescente-se que Fradiquismo e Modernismo se aproximam por uma tríplice aura de ironia, mistificação e *blague*, gestos multi-significantes em termos estético-culturais e que avultam como

---

<sup>61</sup> "Anos de Lisboa (Algumas Lembranças)", in *O Primeiro Fradique Mendes*, pp. 321-322.

<sup>62</sup> *Notas Contemporâneas*, p. 23.

estratégias deliberadamente adoptadas, face ao meio sócio-intelectual que interpelavam e sobre o qual desejavam "agir".<sup>63</sup>

Em síntese, se equacionarmos, em termos globais, o sentido da fugaz 'vertigem' fradiquiana do tempo da Travessa do Guarda-Mor, desde logo se torna clara a sintonia existente entre a sua clara propensão 'revolucionária', expressa por uma busca ousada, designadamente através da Arte, do "outro lado das coisas", do *frisson nouveau*, e a posterior intenção dos poetas modernistas, igualmente inovadora e subversiva, de provocar um verdadeiro "despertamento nacional", como disse Pessoa, mediante a criação de uma nova estética.

"Orpheu" pretendia, com base na elaboração de uma *outra* visão da realidade, revolucionar e reformar em profundidade a mentalidade cultural portuguesa. Para isso, as novas ideias deveriam, como preconiza Fernando Pessoa, "agir sobre o psiquismo nacional que precisa (de ser) trabalhado e percorrido em todas as direcções por novas correntes de ideias e emoções que nos arranquem à nossa estagnação".<sup>64</sup>

Mas, enquanto a ambiciosa "regeneração simbólica" que o conhecido grupo do Cenáculo pretendia cumprir, através da criação de "um movimento ou (de) uma obra", se fixou sobretudo naquilo que hoje podemos interpretar como a "obsessão temática capital do século XIX", ou seja, a vontade de "*repor* Portugal na sua grandeza *ideal*, tão negada pelas circunstâncias concretas da sua medíocre realidade política, económica, social e cultural",<sup>65</sup> o intuito da transformação proposta por "Orpheu" difere substancialmente da destes seus antecessores.

Não caberá no âmbito temporal restrito em que se move a presente unidade curricular semestral, tentar apurar – da forma exaustiva que, na minha opinião, este aliciante tema requer e merece, tanto mais quanto não foi ainda objecto de um estudo sistemático e aprofundado<sup>66</sup> – o alcance global das diferenças existentes entre o momento da conjunta "tentação

<sup>63</sup> Cf. a este propósito Excurso nº 5 - "A recepção do primeiro Fradique Mendes e da revista *Orpheu* junto do público" no capítulo X. Apêndices deste Relatório.

<sup>64</sup> *Cartas a Armando Cortes-Rodrigues*, p. 45.

<sup>65</sup> *O Labirinto da Saudade*, p. 87.

<sup>66</sup> No entanto e tendo como ponto de partida os conteúdos abordados neste ponto do programa, o desenvolvimento e aprofundamento do presente Tema 4. poderá constituir uma pista de reflexão e trabalho com interesse quer para a elaboração do trabalho final da unidade curricular, quer para a realização da dissertação de mestrado.

satânica", vibrantemente orquestrada pelos três amigos do Cenáculo, e aquele em que eclodiu entre nós essa outra modernidade, mais aguerrida e radical, protagonizada pelo pendor vanguardista de "Orpheu", de que trataremos mais em pormenor no próximo ponto III.

Importa mesmo assim sublinhar que a radical interpelação da realidade lusa que tanto a geração de 70 como a geração de *Orpheu* empreenderam, visando questionar, como sublinha Eduardo Lourenço, "não apenas a mera realidade histórico-política de Portugal" mas "a totalidade do seu ser histórico-cultural"<sup>67</sup>, se orienta para finalidades *distintas*.

Na verdade, não obstante a existência de um espírito mistificador e, também, contestatário muito semelhante, similitude em parte sugerida pelo emprego, por parte dos criadores modernistas, de um tom e de imagens que evocam os da corrosiva sátira queirosiana, o *sentido* dos reiterados desafios através dos quais se opuseram aos valores pátrios dominantes, iniciada pela famosa Geração de 70, manifesta contornos diferentes, sobretudo se tivermos em conta certos matizes assumidos por "Orpheu", como por exemplo, o que poderá haver de Modernismo na escrita problemática e na configuração do semi-heterónimo Bernardo Soares ou, nesse 'outro' Modernismo idiossincraticamente protagonizado por Pessoa-Álvaro de Campos

Tal como na época de *Orpheu*, a ideia de Modernidade projectada pelos de 70 contém uma importante afirmação transnacionalista - o *querer-ser-europeu* - mas a primeira distingue-se desta segunda por implicar uma dimensão 'futurante' absolutamente radical e agressiva, que conduzirá "Orpheu" não só a separar-se completamente do passado e a orientar-se *projectivamente* para a descoberta de novas expressões da sensibilidade estética, como a assumir uma forma peculiar de patriotismo que activa a ânsia de renovação e a projecta, ambiciosamente, em termos de universalidade.

Isto significa que o forte individualismo implícito na exigência de absoluta originalidade a que aspiram os criadores de *Orpheu* a reforça, levando-os, ainda que com alguma 'dose' de encenação, a superar o ascendente que as "três grandes nações pensantes" não tinham deixado de exercer na geração de 70 sobrecarregando estes últimos, por conseguinte,

---

<sup>67</sup> *Op. cit.*, p. 89.

com esse imenso complexo de inferioridade anímico, referido pelo autor de *O Labirinto da Saudade*, e que o fosso inultrapassável do nosso proverbial atraso não deixava amenizar.

Outra divergência na natureza da interpelação levada a cabo pelas duas gerações reside no facto de ao grupo do "Orpheu" ter sido completamente alheia a postura civicamente comprometida e politicamente interventora, plenamente imbuída de um sentido ético, pedagógico e reformista, típica dos homens de 70. Para os poetas de *Orpheu*, pelo contrário, e segundo o testemunho de Almada, "era-lhe[s] indiferente toda a opinião política, religiosa, literária, artística, filosófica, científica [...]".<sup>68</sup>

De notar, por último, que o facto (referido atrás) de o principal valor dos poemas de Fradique ter residido mais na sua excentricidade, aferida segundo os limitados padrões do meio português, do que em si mesmos, dada a sua "pouca originalidade", constitui uma outra relevante diferença relativamente ao que se publicou na revista *Orpheu*, pelo menos no que se refere aos seus expoentes máximos em termos poéticos, isto é, Pessoa, Sá-Carneiro e Almada.

## II. BIBLIOGRAFIA

### Bibliografia principal

#### ACTIVA

"Carlos Fradique Mendes (1869-1870) - *Corpus Documental*, III.1. As poesias publicadas", in Joel Serrão, *O Primeiro Fradique Mendes*, Lisboa, Livros Horizonte, 1985, pp. 253-302.

*Orpheu, Edição Facsimilada*, nºs 1, 2 e 3, Lisboa, Contexto, editora, 1989.

LOURENÇO, Eduardo, "Fernando, Rei da nossa Baviera" e "Apoteose ou segunda morte de Fernando pessoa?" in *Fernando, Rei da nossa Baviera*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1993, pp. 7-20 e 45-53.

-----, "Identidade e Memória - o caso português", "Portugal - Identidade e Imagem" e "Nós e a Europa - Ressentimento e Fascínio", in *Nós e a Europa ou as Duas Razões*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1994, pp. 9-37.

-----, "Psicanálise Mítica do Destino Português", "Repensar Portugal" e "Da Literatura como interpretação de Portugal (De Garrett a Fernando Pessoa)", in

---

<sup>68</sup> *Orpheu - 1915-1965*, p. 10.

- O Labirinto da Saudade - Psicanálise Mítica do Destino Português*, Lisboa, Gradiva, 2005, pp. 23-117.
- , "Portugal como Destino. Dramaturgia cultural portuguesa", in *Mitologia da Saudade* seguido de *Portugal como Destino*, São Paulo, Companhia das Letras, 1999, pp. 89-154.
- PESSOA, Fernando, *Cartas a Armando Cortes-Rodrigues*, Lisboa, Livros Horizonte, 1985.
- REIS, Jaime Batalha, "Na primeira fase da vida literária de Eça de Queirós", "Introdução" a *Prosas Bárbaras*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s/d, pp. 7-46.
- SEABRA, José Augusto, "II. O texto geracional", in *O Heterotexto Pessoaano*, S. Paulo, Perspectiva, Editora da Universidade de S. Paulo, 1988, pp. 155-251.
- , "Tempo e Texto de «Orpheu»", in *Poligrafias Poéticas*, Porto, Lello&Irmão, 1994, pp. 265-283.

## **PASSIVA**

- BERARDINELLI, Cleonice, "A Geração de 70 e a Geração de Orpheu", in *Estudos de Literatura Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985, pp. 159-179.
- BERRINI, Beatriz, "Apêndice IV – EQ e Fernando Pessoa", in *Portugal de Eça de Queiroz*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, pp. 430-432.
- , "Eça e Fernando Pessoa", in *Dicionário de Eça de Queiroz*, Lisboa, Caminho, 1993, pp. 311-314.
- , *Eça e Pessoa*, Lisboa, A Regra do Jogo, 1984.
- DELILLE, Maria Manuela Gouveia, "3. Heine e a primeira fase da vida literária de Eça de Queirós", in *A Recepção Literária de H. Heine no Romantismo Português (De 1844 a 1871)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, pp. 257-380.
- JÚDICE, Nuno, *A era do "Orpheu"*, Lisboa, Teorema, s/d.
- MONTEIRO, Ofélia Paiva, "Sobre a excentricidade humorística de Fradique", in *Queirosiana - Estudos sobre Eça de Queirós e a sua Geração*, nº 5/6, Dez./Julho 1993/94, pp. 193-226.
- PIECADE, Ana Nascimento, *A Questão Estética em Mário de Sá-Carneiro*, Lisboa, Universidade Aberta, 1994, Capítulo I, pp. 33-74.
- , "Eça de Queirós e Fernando Pessoa no Labirinto de Eduardo Lourenço", in *Colóquio Letras*, Eduardo Lourenço, 85 anos – Congresso Internacional, Fundação Calouste Gulbenkian/6 e 7 de Outubro de 2008, nº 170, Janeiro/Abril 2009, pp. 132-137.
- , "Eça de Queirós", "Fradique Mendes", "Fradiquismo", in *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, Coord. Fernando Cabral Martins, Lisboa, Editorial Caminho, 2008, pp. 695-699, 450-453, 291-293.
- , *Outra Margem. Estudos de Literatura e Cultura Portuguesas*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008.
- "Geração de 70 e Geração do Orpheu: afinidades e contrastes estético-culturais", pp. 135-172.
  - "Eça e Pessoa no limiar de um novo milénio: que «Civilização»?", pp. 243-259.

- "Eça, Pessoa e o 'esplendor de Portugal'" pp. 261-276.

SERRÃO, Joel, *O Primeiro Fradique Mendes*, Lisboa, Livros Horizonte, 1985.

SENA, Jorge, "Fernando Pessoa: o homem que nunca foi", in *Fernando Pessoa & Companhia Heterónima (Estudos coligidos 1940-1978)*, Lisboa, Edições 70, 1984, pp. 409-425.

### **Bibliografia complementar**

FERRAZ, Maria de Lourdes A., "1 - Ironia", in *A ironia romântica - Estudo de um processo comunicativo*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1987, pp. 15-45.

JAUSS, H. R., *A literatura como provocação*, Lisboa, Vega, 2003.

-----, "L'histoire de la littérature: un défi à la théorie littéraire", in *Pour une esthétique de la réception*, Paris, Gallimard, 1978, pp. 23-88.

MARTINS, Ana Maria Almeida, "Eça de Queirós e o *In Memoriam* de Antero de Quental", in *Revista de História das Ideias*, 13, Universidade de Coimbra, 1991, pp. 379-386.

SILVEIRA, Pedro da, "Prefácio" a *Carlos Fradique Mendes. Versos*, Lisboa, Edições 70, 1973, pp. 9-23.

THIMÓTEO, Natália Gomes, "Fradique Mendes e o ideário da 'Geração de 70'", in *Congresso de Estudos Queirosianos - IV Encontro Internacional de Queirosianos - Actas*, Vol. II, Coimbra, Livraria Almedina/ILLP da FLUC, 2002, pp. 831-839.

## TEMA 5

### **Preparação e elaboração do trabalho final**

Dada a especificidade deste Tema 5 – preparação e elaboração de um trabalho final escrito - os seus conteúdos traduzem-se nas tarefas enunciadas na "Orientações da Actividade 5", documento que se encontra no capítulo X. Apêndices do presente Relatório.

## VII. Bibliografia Geral

- AA.VV., *Camões e a identidade nacional*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983.
- AA.VV., "Que pensa das relações entre os conceitos de «vanguarda ideológica» e «vanguarda literária» à luz da experiência actual?", in *Cadernos da "Colóquio/Letras" - 2. Modernismo e Vanguarda*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1984, pp. 175-198.
- AA.VV., *Revistas, Ideias e Doutrinas - Leituras do Pensamento Contemporâneo*, Lisboa, Livros Horizonte, 2003.
- ANGENOT, Mark, J. Bessièrre, D. Fokkema, E. Kushner, (Dir.), *Teoria Literária. Problemas e Perspectivas*, Lisboa, D. Quixote, 1995.
- ANTUNES, Manuel, *Repensar Portugal*, Lisboa, Multinova, 2005.
- BARBERIS, Pierre e Georges Duby, "Literatura e Sociedade", in AA.VV., *Escrever... Para quê? Para quem?*, Lisboa, Edições 70, 1975, pp. 41-80.
- BARRENTO, João, *A Espiral Vertiginosa - ensaios sobre a cultura contemporânea*, Lisboa, Edições Cotovia, 2001.
- , "Nietzsche e a literatura no século XX", "Linhas do Horizonte: O mal estar na civilização e as utopias de linguagem na viragem do século", in *A Palavra Transversal - Literatura e Ideias no século XX*, Lisboa, Ed. Cotovia, 1996, pp. 13-31 e 33-45.
- BARTHES, Roland, *Mitologias*, (Tradução e Prefácio de José Augusto Seabra), Lisboa, Edições 70, 1988.
- BEHLER, Ernst, *Ironie et Modernité*, Paris, Presses Universitaires de France, 1997.
- BELCHIOR, Maria de Lourdes, *Os Homens e os Livros II (Séculos XIX e XX)*, Lisboa, Editorial Verbo, 1980.
- BENJAMIN, Walter, "Histoire littéraire et science de la littérature", in *Essais, 2 (1922-1934)*, Paris, Denöel/Gonthier, 1983, pp. 141-148.
- BOURDIEU, Pierre, *As regras da arte. Génese e estrutura do campo literário*, Lisboa, Editorial Presença, 1996.
- BUESCU, Helena, João Ferreira Duarte, Manuel Gusmão, (Org.), *Floresta Encantada - Novos Caminhos da Literatura Comparada*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 2001.
- CALINESCU, Matei, *As Cinco Faces da Modernidade*, Lisboa, Vega, 1999.

- CALVINO, Italo, *Seis propostas para o próximo milénio*, Lisboa, Editorial Teorema, 1998.
- CARVALHO, Joaquim de, *Estudos sobre a Cultura Portuguesa do Século XIX (Anteriana)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.
- CATROGA, Fernando e Paulo A.M. Archer de Carvalho, *Sociedade e Cultura Portuguesas II*, Lisboa, Universidade Aberta, 1996.
- COELHO, Jacinto do Prado, *Originalidade da Literatura Portuguesa*, Biblioteca Breve, Vol. I, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.
- COMPAGNON, Antoine, *Le Démon de la théorie. Littérature et sens commun*, Paris, Éditions du Seuil, 1998.
- Eduardo Lourenço/Jorge de Sena - Correspondência*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1991.
- ELIOT, T.S., *Notas para uma Definição de Cultura*, Lisboa, Edições Século XXI, 1996.
- FERRY, Luc, *Homo Aestheticus. A invenção do gosto na era democrática*, Coimbra, Almedina, 2003.
- GIL, José, *Portugal, hoje. O medo de existir*, Lisboa, Relógio D'Água, 2005.
- GIL, José e Fernando Catroga, *O Ensaísmo Trágico de Eduardo Lourenço*, Lisboa, Relógio D'Água, 1996.
- GUSMÃO, Manuel, "A Literatura e a Necessidade da História - Notas", in *Afecto às Letras - Homenagem a Jacinto do Prado Coelho*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, pp. 398-403.
- , "Da literatura enquanto construção histórica", in *Floresta Encantada - Novos Caminhos da Literatura Comparada*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 2001, pp. 181-224.
- JAUSS, Hans Robert, *A literatura como provocação (História da Literatura como provocação literária)*, Lisboa, Vega, 2003.
- , "L'histoire de la littérature: un défi à la théorie littéraire", in *Pour une esthétique de la réception*, Paris, Éditions Gallimard, 1978, pp. 23-88.
- KUNDERA, Milan, *A Arte do Romance*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1988.
- , *A Cortina*, Lisboa, Asa, 2005.
- , *Os Testamentos Traídos*, Lisboa, Asa, 1997.
- LE GOFF, Jacques, "Passado/Presente" e "Decadência", in *Enciclopédia Einaudi, volume 1 Memória - História*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, pp. 293-310 e 393-424.

- LEONE, Carlos, *Portugal Extemporâneo. História das Ideias do Discurso Crítico Português no Século XX*, Vol. II, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.
- LIPOVETSKY, Gilles, *A Era do Vazio. Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*, Lisboa, Relógio D'Água, 1988.
- LOSA, Margarida, "A desumanização da arte e da crítica: extrapolações a partir de Ortega, Lukács, Barthes e Marcuse", in *Cadernos da "Colóquio/Letras" - 1. Teoria da Literatura e da Crítica*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982, pp. 121-136.
- LOURENÇO, Eduardo, *A Europa Desencantada - Para uma mitologia europeia*, Lisboa, Gradiva, 1994.
- , *A Morte de Colombo - Metamorfose e Fim do Ocidente como Mito*, Lisboa, Gradiva, 2005.
- , *A Nau de Ícaro e Imagem e Miragem da Lusofonia*, S. Paulo, Companhia das Letras, 2001.
- , *a Noite Intacta. (I)recuperável Antero*, Vila do Conde, Centro de Estudos Anterianos, s.d [2000].
- , *As Saias de Elvira*, Lisboa, Gradiva, 2006.
- , "Da crítica como metáfora à procura do texto", in *O Canto do Signo. Existência e Literatura (1957-1993)* Lisboa, Editorial Presença, 1994, pp. 13-80.
- , *Destroços. O Gibão de Mestre Gil e Outros Ensaios*, Lisboa, Gradiva, 2004.
- , *Fernando, Rei da nossa Baviera*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1993.
- , *Heterodoxia I e II*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1987.
- , *Mitologia da Saudade seguido de Portugal como Destino*, S. Paulo, Companhia das Letras, 1999.
- , *Nós e a Europa ou as Duas Razões*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1994.
- , *O Esplendor do Caos*, Lisboa, Gradiva, 2002.
- , *O Labirinto da Saudade*, Lisboa, Gradiva, 2005.
- , *Tempo e Poesia*, Lisboa, Relógio D'Água, 1987.
- LYOTARD, Jean François, *La Condition Postmoderne - Rapport sur le Savoir*, Paris, Les Editions de Minuit, 1979.
- MARQUES, António, *Perspectivismo e Modernidade*, Lisboa, Vega, 1993.
- MARTINS, Fernando Cabral, (Coord.) *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, Lisboa, Caminho, 2008.
- MARTINS, Guilherme D'Oliveira, *Portugal. Identidade e Diferença - Aventuras da Memória*, Lisboa, Gradiva, 2007.
- MATOS, A. Campos, (Org. e Coord.), *Dicionário de Eça de Queiroz*, Lisboa, Caminho, 1993.

- MATTOSO, José, *A Identidade Nacional*, Lisboa, Fundação Mário Soares/Gradiva, 1998.
- MIRANDA, José A. Bragança de, *Teoria da Cultura*, Lisboa, Edições Século XXI, 2007.
- MOISÉS, Massaud, *A Criação Literária, Prosa - II*, São Paulo, Editora Cultrix, 2000.
- MONTEIRO, Adolfo Casais, *Melancolia do Progresso*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.
- PASCOAES, Teixeira de, *Arte de ser português*, Lisboa, Assírio&Alvim, 2007.
- PEREIRA, José Carlos Seabra, (Org.), *História Crítica da Literatura Portuguesa, Volume VII - Do Fim-de-século ao Modernismo*, Lisboa, Editorial Verbo, 1995.
- REIS, Carlos, *O Conhecimento da Literatura*, Coimbra, Livraria Almedina, 1995.
- REIS, Carlos e M<sup>a</sup> da Natividade Pires, (Org.), *História Crítica da Literatura Portuguesa, Volume V - O Romantismo*, Lisboa, Editorial Verbo, 1993.
- RIBEIRO, António Sousa e Maria Irene Ramalho, "Dos Estudos Literários aos Estudos Culturais", in *Floresta Encantada - Novos Caminhos da Literatura Comparada*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 2001, pp. 61-82.
- RIBEIRO, Maria Aparecida, (Org.), *História Crítica da Literatura Portuguesa, Volume VI - Realismo e Naturalismo*, Lisboa, Editorial Verbo, 1994.
- RICOEUR, Paul, "Livre Premier - Problematique: situation de Freud", in *De L'Interprétation. Essai sur Freud*, Paris, Éditions du Seuil, 1965, pp. 11-63.
- , "4. Explicação e Compreensão", in *Teoria da Interpretação. O discurso e o excesso de significação*, Lisboa, Edições 70, 1996.
- ROCHA, Clara, *Revistas Literárias do Século XX em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1985.
- SARAIVA, António José, *Para a História da Cultura em Portugal*, Volumes I e II, Lisboa, Gradiva, 1995.
- SARAIVA, António José e Óscar Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, 17<sup>a</sup> ed., Porto, Porto Editora, s/d.
- SENA, Jorge de, *Dialécticas Teóricas da Literatura*, Lisboa, Edições 70, 1977.
- , *O Reino da Estupidez - I*, Lisboa, Moraes Editores, 1979.
- , *Sobre Teoria e Crítica Literária*, Lisboa, Edições Caixotim, 2008.

SÉRGIO, António, "O Reino Cadaveroso ou o Problema da Cultura em Portugal", in *António Sérgio – Uma Antologia*, selecção, introd. e notas de Joel Serrão, Lisboa, Livros Horizonte, 1984, pp. 126-151.

SERRÃO, Joel, *Da Regeneração à República*, Lisboa, Livros Horizonte, 1990.  
-----, *Portugueses somos*, Lisboa, Livros Horizonte, s/d.

SPITZER, A. B., 1973 "The Historical Problem of Generations", in *The American Historical Review*, 78, 5, pp. 1353-1385. Disponível em <http://www.history.ucsb.edu/faculty/marcuse/classes/201/articles/71HistProbGenerationsSpitzer.pdf>

STROMBERG, Roland N., *Historia Intelectual Europea desde 1789*, tradução castellana Horacio Gonzalez Trejo, Madrid, Editorial Debate, 1990.

VATTIMO, Gianni, *A Sociedade Transparente*, Lisboa, Relógio D'Água, 1992.

***"A melhor pedagogia na Universidade não é a dos meios, mas a dos fins: a que deixando a casa arrumada na mente dos formandos lhes abre uma porta para o infinito."***

A. B. Machado Pires, "As Coordenadas de Gauss e a Pedagogia na Universidade"

## VIII. Metodologia

É sabido que uma metodologia correcta, quer dizer, toda aquela que, para além de pertinente, é adequadamente aplicada a uma determinada unidade curricular (uc) no respectivo contexto lectivo em que esta é leccionada, não pode dissociar-se de um sólido e amadurecido conhecimento científico nessa área disciplinar. Por outro lado, creio ser igualmente pacífico afirmar que se uma metodologia criteriosamente adoptada é imprescindível para o sucesso da leccionação de uma uc, este pretendido êxito não se reduz essencialmente (e muito menos exclusivamente) à questão da escolha do/de um método, em especial no que ao ensino da Cultura e da Literatura (portuguesas) diz respeito.

Nem esta designação no singular no que se refere ao 'método' se mostra por vezes a mais conveniente pois matérias há (como é o caso desta que nos propomos leccionar) em que uma conjugação avisada de mais do que uma metodologia é claramente preferível, situação que não implica, evidentemente, que se opte por um ecletismo metodológico 'vago, subtil e complicado', parafraseando obliquamente uma sugestiva expressão de Fernando Pessoa, no qual avulte sobretudo um sincretismo, forçosamente anti-pedagógico, que pode surgir como uma espécie de álibi para uma ausência de critério na selecção de métodos de trabalho mas que, inevitavelmente, acaba por mostrar o seu reverso, pondo a descoberto, ora a confusão entre perspectivas, ora a mistura de pontos de vista e de procedimentos, incompatíveis entre si ou dificilmente articuláveis.

De tudo isto decorre a importância - conhecida e experienciada por quem é docente - que a acção e a função (da) docente assume no decorrer da leccionação, papel que, não obstante todas as valiosas inovações tecnológicas e informáticas, permanece (um pouco como acontece com o Livro tradicional) insubstituível. É que se a escolha da metodologia não dota por si só o professor da competência que lhe é necessária para exercer a sua actividade, em contrapartida, a forma como utiliza um método reflecte a individualidade de quem o adopta (e adapta), porque a convicção de que é esse o melhor caminho para atingir as finalidades que nos propomos -

muitas vezes adquirida com o ensaio do referido método em situação lectiva -, é um factor que se tem revelado muitíssimo positivo.

Como se referiu já no capítulo I., o curso de Mestrado em Literatura e Cultura Portuguesas segue o Modelo Pedagógico Virtual actualmente em vigor na Universidade Aberta para os cursos de 2º ciclo, decorrendo integralmente online e adoptando a modalidade de "classe virtual". Esta metodologia pressupõe que o estudante, enquanto estudante de pós-graduação, possua já competências que lhe permitam trabalhar de modo autónomo.

Tratando-se de uma unidade curricular de nível avançado, tal significa, no que diz respeito à leccionação propriamente dita dos conteúdos programáticos, que há que contar com a existência de um percurso académico anterior, assim como pressupor - com um optimismo que, se é necessário porque motivador (para todos!), não poucas vezes surge desmentido pela experiência docente - que as matérias estudadas ditas de base, foram, no essencial, devidamente compreendidas e assimiladas, pelo que, do que se trata agora é de um aprofundamento a par de uma problematização de determinadas questões seleccionadas para o efeito, assim como da inclusão de matérias que, pela sua complexidade, se adequam especificamente ao trabalho que se exige/faz num curso de mestrado.

Mas, mesmo tomando como certo que será exequível trabalhar com os mestrandos contando à partida com os conhecimentos de base por eles anteriormente adquiridos e efectivamente assimilados e amadurecidos, a estratégia pedagógica a adoptar será dupla necessitando de um esforço empenhado e continuado que a sustente.

Assim, por um lado, haverá momentos, por exemplo quando se inicia um novo tema do programa, em que se torna necessário proceder a uma espécie de revisão que pondere, enquadre e complemente saberes e conceitos que contextualizam a matéria em leccionação, de modo a alargar e a consolidar os horizontes trazidos da licenciatura e, simultaneamente, a viabilizar a construção de sínteses sistematizadas e mais exaustivas que preparem a recepção e favoreçam a capacidade de explicitação dos novos conteúdos programáticos. Por outro lado, a introdução, numa fase

seguinte, de novas temáticas e dos problemas que com elas se articulam, levará a um compasso mais lento na medida em que exige uma reflexão mais desenvolvida, com momentos de análise e de crítica ponderada e pormenorizada.

Esta diferença de ritmo na leccionação dos temas que, inevitavelmente, gerará uma diferente carga temporal atribuída a cada um desses vários componentes do programa, precisamente devido à sua diversa natureza - em extensão e sobretudo em complexidade - não exclui, antes pretende propiciar uma adaptação ao ritmo próprio da turma que, por sua vez, fomente uma participação mais activa de todos.

Visa-se deste modo conseguir um esforço gradual de construção, por parte dos mestrandos, de opiniões próprias, ou seja, o desenvolvimento da sua capacidade de ajuizar de forma fundamentada e crítica acerca dos temas que vão sendo abordados, com base nas actividades desenvolvidas na sala de aula virtual da unidade curricular (aprendizagem colaborativa) mas também fora dela (auto-aprendizagem), em particular o estudo e o trabalho individuais realizados com base na bibliografia considerada essencial.

Neste quadro é de esperar que vão tendo lugar tomadas de posição sobre as problemáticas em estudo - em especial nos fóruns - as quais, sendo orientadas pela docente, partirão dos textos doutrinários e/ou literários que se lhes referem, de modo a criar espaço para uma perspectivação das principais ideias e linhas de força sócio-culturais e histórico-literárias que definem e enquadram os autores e obras abordados.

Parece-me igualmente importante que a docente actue no sentido de sensibilizar os mestrandos a procurar alcançar não apenas uma acumulação de conhecimentos meramente quantitativa, logo irreflectida e inútil, em detrimento da atenção à profundidade, selectividade e da compreensão das vantagens de uma assimilação orgânica e programada e de uma conceptualização mais exigente, atitudes que, na minha opinião, um programa de uma uc de mestrado deve necessariamente promover, contemplar e reforçar, sensibilizando por isso os estudantes para a sua importância vital.

E isto porque um dos objectivos, a meu ver essencial, num curso de pós-graduação, é de ordem formativa e cultural (ambas em sentido amplo), quer dizer, aquele que visa conduzir os mestrandos a uma fundamental alteração qualitativa de mentalidade ou, se se preferir de atitude, que aponte no sentido de um definitivo abandono dos hábitos de repetição avulsa e de reprodução desconexa e acrítica do que lêem.

Será, pelo contrário, através de uma progressiva consciencialização que os diferentes temas desta unidade curricular se propõem motivar, suscitar e acompanhar, que os mestrandos serão desafiados para a iniciação numa via que, sendo árdua e trabalhosa, não deixará de revelar-se frutuosa e largamente compensadora. Refiro-me à opção por um percurso de pesquisa e estudo, progressivamente amadurecidos, que permitirá, aos que a isso se disponibilizarem, a conquista gradual de um pensamento autónomo, único meio que os tornará capazes de assumir a responsabilidade de serem autores.

## **IX. Estratégias Pedagógicas, Métodos de trabalho e Avaliação**

O programa que aqui se apresenta propõe-se conduzir um percurso reflexivo cujos objectivos gerais podem ser brevemente enunciados da seguinte forma:

- Estimular a apetência pela leitura, a competência crítica dos mestrandos e o gosto pela pesquisa bibliográfica, designadamente através de um exercício aprofundado das suas capacidades de indagação teórica;
- Incentivar a curiosidade epistemológica, de forma a suscitar o alargamento das suas referências sócio-literárias e dos seus horizontes culturais.

A estes objectivos gerais pode associar-se um objectivo, de carácter específico, através do qual se pretende que os mestrandos construam perspectivas estruturadas e articuladas de determinados fenómenos e momentos da cultura portuguesa que se manifestaram e distinguiram por ter deixado uma marca relevante e indelével, no preciso âmbito espaço-temporal que contempla a actuação das gerações de 70 e de *Orpheu*.

Neste quadro e tendo em conta o *Modelo Pedagógico Virtual* em vigor na UAb no que ao 2º ciclo se refere, espera-se da docente que estruture e planifique os tempos lectivos e os conteúdos em estudo, tendo em vista o desenvolvimento do trabalho dos mestrandos em duas vertentes principais e complementares:

- zonas temporais delimitadas de auto-aprendizagem em que o mestrando procede, de modo individual, à investigação, recolha e estudo da bibliografia indicada, bem como à elaboração de um texto escrito;
- zonas espaço-temporais destinadas a fomentar uma aprendizagem colaborativa, construída com base no desenvolvimento de uma relação aberta, dialogante e dinâmica que implica a preparação na

turma virtual de espaços/tempos de interacção diversificada concretizadas através da participação em fóruns diversos.

Assim, o método de trabalho baseia-se na circunstância de toda a actividade lectiva decorrer em ambiente *online*, implicando uma interacção predominantemente assíncrona, e integra três tipos de interacção:

- a interacção mestrando/materiais de aprendizagem em períodos de trabalho independente, com base no estudo dos materiais disponibilizados na plataforma e na investigação pessoal de cada estudante;
- a interacção mestrando/mestrando em períodos de aprendizagem colaborativa, através de debates assíncronos em fóruns e na eventual realização de actividades em grupo;
- a interacção mestrando/docente através de diversos contactos directos com a docente, como o correio electrónico (na plataforma ou fora dela) ou o "Fórum Geral", ou indirectos, mediante os relatórios de apreciação e comentário do trabalho realizado enviados pela docente.

Importa aqui sublinhar a importância de que se reveste no sistema de elearning o papel de orientação, por parte da docente, na condução dos fóruns. Tendo em conta que é na docente que se centra a responsabilidade de criação, desde o começo da leccionação, de um contexto propício e motivador que suscite o incremento da prática de uma actividade colaborativa motivadora e diferenciada, espera-se que a sua intervenção se traduza no acompanhamento e na dinamização da interacção a desenvolver no e pelo grupo, por exemplo através da colocação prévia de um conjunto de 'questões-guia' que evitam a dispersão e favorecem uma adequada correspondência entre as intervenções produzidas e os objectivos de aprendizagem delineados. Não menos importante é também o regular apoio prestado aos trabalhos que vão sendo realizados concretizado no envio atempado aos mestrandos de relatórios de feedback.

No contexto de um 2º ciclo de estudos, esta função moderadora é decisiva e, por isso, tendo sempre em consideração as diferentes exigências

e capacidades de resposta – variáveis não só entre cada um dos estudantes que compõe uma mesma turma, mas também entre a turma considerada como um todo em cada ano lectivo – ela deverá exceder amplamente o mero esclarecimento de dúvidas, típico do 1º ciclo, e assumir iniciativas e estratégias mais activas e criativas na gestão desses espaços/tempos privilegiados (e, no caso da classe virtual, muitas vezes exclusivos) de interacção e de diálogo que são os fóruns.

Outra especificidade decisiva do 'desenho pedagógico' de uma uc leccionada em contexto online é o facto de a realização das actividades, quer individuais quer colaborativas, habitualmente se basearem, de forma exclusiva, numa comunicação assíncrona que, por sua vez, se processa através do binómio leitura/escrita. Ambas permitem a aquisição de informação e de conhecimento e, simultaneamente, viabilizam a comunicação na sala de aula virtual proporcionando ainda uma inegável maior flexibilidade.

Acresce que o facto de a escrita assumir uma função essencial neste específico enquadramento pedagógico, por constituir a principal (e praticamente única) forma de expressão e de comunicação existente, se requer um 'investimento' redobrado e constante visando o seu gradual apuramento e domínio, representa, em contrapartida, uma considerável 'mais-valia' na medida em que a necessidade de 'ter que escrever' conduzirá forçosamente a 'ter que pensar', ao exercício de uma forma de expressão escrita progressivamente mais correcta, estruturada e depurada, assim como a um desenvolvimento das capacidades de síntese, de reflexão e de crítica e à adopção de hábitos de rigor e de clareza intelectual, no âmbito do elenco programático proposto.

Para responder à tarefa prioritária de definir os objectivos científicos e pedagógicos que norteiam a sua leccionação, a docente responsável pela uc elabora um "Contrato de Aprendizagem" (CA).<sup>69</sup> Trata-se, no particular enquadramento do elearning, de um documento fundamental porque permite aos mestrandos terem, desde o início das actividades lectivas, um conhecimento global dos conteúdos programáticos propostos, bem como de

---

<sup>69</sup> Cf. Capítulo X. Apêndices deste Relatório.

todas as etapas que dizem respeito ao desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem e, ainda, do conjunto de condições e de critérios de avaliação previstos na unidade curricular.

O programa de *Temas de Cultura Portuguesa II* inicia-se assim com a disponibilização, na sala de aula virtual, do "Contrato de Aprendizagem", no qual se apresenta uma planificação detalhada do trabalho individual de cada mestrando em função do tempo concreto de que para tal dispõe. Este CA mantém-se acessível para consulta durante todo o semestre e é objecto de um debate circunstanciado com a turma num fórum especialmente criado para o efeito durante a primeira semana lectiva, podendo resultar deste diálogo eventuais reajustamentos ao nível, por exemplo, da calendarização ou de outros aspectos. Este é também o período de tempo reservado às apresentações num outro fórum com essa função específica.

Procura-se com esta estratégia pedagógica envolver e co-responsabilizar o grupo de mestrandos, chamando a sua atenção para o facto de que o conjunto de trabalhos a realizar por cada um se revelará mais completo e profícuo no espaço/tempo de um trabalho conjunto e de uma troca de informações e de opiniões criteriosas que se pretende (e é suposto) realizar na uc.

Os conteúdos programáticos de *Temas de Cultura Portuguesa II* estão estruturados em 4+1 temas - sendo este último tema ocupado com a preparação e elaboração do trabalho final. O percurso de trabalho a realizar ao longo da unidade curricular é organizado e orientado com base numa "Sequência" de actividades previamente planificadas e descritas no "Contrato de Aprendizagem."<sup>70</sup> Note-se que no contexto virtual de ensino/aprendizagem a expressão 'actividade(s)' assume uma dupla acepção: em sentido amplo, designa o conjunto de acções requeridas pela abordagem, estudo e respectiva (necessidade de) avaliação no âmbito de cada tema que integra o elenco programático da uc; em sentido estrito indica as várias sub-actividades - pesquisa e leitura bibliográfica, intervenção em fórum, elaboração de trabalho escrito, etc., a realizar pelo estudante com vista à progressão do seu processo de aprendizagem.

---

<sup>70</sup> Cf. item "Sequência" do Contrato de Aprendizagem.

A unidade temporal de trabalho é a semana. Escolhi ajustar o início de cada semana de trabalho à terça-feira e o seu término na segunda-feira seguinte, tendo em conta o facto de a maior parte dos mestrandos ter o perfil típico do estudante de ensino a distância, ou seja, serem adultos com ocupações profissionais e compromissos familiares, entre outros. Esta opção amplia a grande flexibilidade que a própria natureza do elearning à partida já favorece, favorecendo a criação de um ritmo individual de trabalho e uma melhor adaptação por parte de cada estudante. Além disto, proporciona-lhes a possibilidade de trabalharem para a unidade curricular durante o fim-de-semana (embora tal não seja obrigatório mas deixado ao critério de cada um) e de estabelecerem um horário personalizado de estudo, assim harmonizando as suas necessidades curriculares e pessoais.

A diferente carga temporal dedicada à realização das actividades com base nas quais cada tema é leccionado neste regime virtual costuma ser desigual, já que o número de semanas é estabelecido pela docente em função da natureza diversa (em extensão e/ou profundidade) de cada tema a abordar.

A metodologia de trabalho adoptada baseia-se assim na execução de actividades – usualmente uma actividade (englobando variadas acções ou sub-actividades) por cada um dos temas que compõe o programa –, tendo por base um *corpus* seleccionado de textos literários, doutrinários ou críticos, em suporte papel e/ou suporte online, indicados no item “Recursos” do CA, e aos quais são adicionados outros títulos, especificamente articulados com os conteúdos programáticos abordados no tema e indicados no respectivo “Roteiro Programático e Bibliográfico”<sup>71</sup> que se disponibiliza na sala de aula virtual no começo da sua leccionação.

No início do período de tempo dedicado a cada um dos temas é também disponibilizado, no espaço reservado a esse tema na sala de aula virtual, um documento – as “Orientações da Actividade” – onde, fundamentalmente, se explicitam os diversos elementos importantes para a prossecução da actividade: a calendarização proposta, uma divisão e descrição pormenorizada das diferentes etapas de trabalho a percorrer, a

---

<sup>71</sup> Cf. Capítulo VI. Roteiros Programáticos e Bibliográficos deste Relatório.

metodologia a adoptar, os recursos bibliográficos a utilizar, as competências a desenvolver pelos mestrandos, etc.

Acompanhando o decorrer do conjunto de actividades solicitado em cada tema, serão disponibilizados, pelo menos, dois fóruns directamente relacionados com os temas em estudo – o “Fórum Moderado” (pela docente) e o “Fórum não Moderado” (que escolhi intitular “Diálogos com Sentido”). Estes fóruns manter-se-ão abertos por períodos de tempo que, embora possam variar consoante as exigências dos diferentes temas, serão antecipadamente estabelecidos e indicados nas instruções de cada actividade.

Os objectivos genéricos destes espaços de actuação lectiva são suscitar o diálogo e o debate, a partilha e a exposição de pontos de vista, comentários e/ou a questionação das matérias e textos em estudo, bem como viabilizar a obtenção de aconselhamento e apoio, o esclarecimento de questões e dúvidas relativamente aos temas que vão sendo abordados, quer junto da docente, quer entre os colegas de toda a turma, ou ainda de uma parte dela, entre os colegas que, por exemplo, integrem um grupo de trabalho mais restrito, constituído com vista à realização de uma determinada actividade. Para além destes, outro recurso importante é, como se referiu, o “Fórum Geral” que se mantém aberto durante todo o semestre e onde são colocados todos os avisos e notícias e acerca do funcionamento e da leccionação da unidade curricular, assim como outros assuntos que sejam do interesse da turma.

Em síntese, aproveitando, sempre que for oportuno, os espaços de comunicação dialogante que os diferentes fóruns configuram, considera-se relevante fomentar a interacção e a tomada de posição quanto aos conteúdos oferecidos nas várias partes do programa, assim como quanto ao respectivo quadro de problematização a que pertencem, de modo a alargar os parâmetros da sua integração compreensiva.

Tratar-se-á também de analisar e de comentar posições divergentes, relativamente à operacionalidade e aos limites das conceptualizações apresentadas, seja ao nível mais estritamente doutrinário ou programático, seja no que se refere aos diferentes princípios e critérios que modelam a cultura e a história literárias. Considerando, por exemplo, o conceito de

geração – que surge transversal ao programa proposto – será importante reflectir sobre uma certa relativização a que deve estar sujeita a sua aplicabilidade, o que implicará a criação de um 'espaço' que permita reponderar a sua valoração crítica, em articulação com aqueles textos e/ou obras que se destacam por problematizarem condições aceites como fundamentais para a canonização de uma determinada geração literária e artística.

Outro aspecto que se relaciona com a metodologia de trabalho a adoptar - aparentemente extrínseco à matéria proposta no programa mas que, na realidade, permanece condicionando em profundidade a orientação metodológica e pedagógica de abordagem dos conteúdos programáticos - é a necessidade de não deixar de reequacionar as diversas conformações e funções da história literária. E isto porque julgo ter especial importância a ideia, sublinhada por Manuel Gusmão, de que "a procura da especificidade do literário é histórica e metodologicamente (*dialecticamente*) necessária e logo não 'ultrapassável' ou não iludível. [...] A história (a relação com a história) é assim possível desde que introduzida na própria definição do literário - no texto como trabalho e no trabalho de o ler."<sup>72</sup>

Relativamente à metodologia de avaliação, o *Modelo Pedagógico Virtual da Universidade Aberta* preconiza a obrigatoriedade da avaliação contínua, sendo esta complementada por um trabalho final. Assim, a avaliação em cada unidade curricular implica a coexistência das duas modalidades de avaliação - contínua e final - às quais é costume atribuir uma ponderação de 60% e 40%, respectivamente.<sup>73</sup>

Esta circunstância vai ao encontro da experiência que tenho adquirido ao leccionar unidades curriculares de 2º ciclo (desde o ensino presencial até ao actual ensino online), a qual me tem mostrado que a forma mais eficaz e equilibrada de resolver o problema da avaliação é apostar num compromisso que concilie a avaliação final com uma modalidade periódica (ou contínua) de avaliação, mediante a qual o mestrando vai progressivamente evidenciando uma aquisição de

---

<sup>72</sup> "A Literatura e a Necessidade da História - Notas", in *Afecto às Letras - Homenagem a Jacinto do Prado Coelho*, Lisboa, IN-CM, 1984, p. 402.

<sup>73</sup> Cf. item "Avaliação" do Contrato de Aprendizagem (in capítulo X. Apêndices) que descreve de forma pormenorizada as formas e critérios de avaliação adoptados na uc.

competências e uma assimilação de conhecimentos proporcionais ao trabalho requerido por cada uma das actividades que é chamado a realizar ao longo do semestre lectivo.

No decurso deste processo contínuo de avaliação assumem, de novo, particular relevância pedagógica a interacção nos diversos fóruns e a sua regulação por parte da docente. Exemplifique-se considerando o "Tema 5. Preparação e elaboração do trabalho final". Numa primeira etapa da Actividade 5,<sup>74</sup> e após o período de tempo reservado à investigação e recolha selectivas da bibliografia com vista à escolha e delimitação do tema escolhido, solicita-se aos mestrandos que apresentem no fórum ("Diálogos com Sentido") o resultado ainda provisório da pesquisa que efectuaram, sob a forma esquemática de tópicos previamente elaborados. Com esta acção pretende-se que cada mestrando possa contar com o envolvimento e a participação do grupo e também com uma primeira apreciação (informal) da docente, que vai acompanhando o desenrolar do fórum embora este não seja suposto ser moderado.

Numa segunda fase, beneficiando de todas as sugestões que este primeiro debate lhe trouxe, o mestrando redige o seu trabalho numa versão já definitiva e consolidada e entrega-o/publica-o num fórum exclusivamente criado para este efeito ("Fórum para entrega dos trabalhos"). Finalmente numa terceira e última fase, os estudantes são chamados a intervir de novo em fórum, tendo desta vez como objectivos principais: elaborar um comentário sintético e devidamente fundamentado sobre os trabalhos realizados pelos colegas da turma, podendo introduzir alguns outros desenvolvimentos sobre os conteúdos abordados que entendam pertinentes, e ainda salientar, de forma crítica e sintética, os aspectos que consideram fortes e fracos dos seus próprios trabalhos, auto-avaliando-se.

Por último, julgo ser importante reforçar desde o início junto dos mestrandos a ideia que do que se trata num curso de mestrado é muito mais de uma auto-avaliação do que de uma avaliação no sentido correntemente adoptado de hetero-avaliação. Dito de outro modo, trata-se de propor aos estudantes uma espécie de transferência de

---

<sup>74</sup> Cf. "Orientações da Actividade 5", in capítulo X. Apêndices deste Relatório.

responsabilidade com base na seguinte fundamentação: se a decisão de frequentar a unidade curricular *Temas de Cultura Portuguesa II*, de nível pós-graduado, em princípio se toma de modo deliberado e consciente, nada mais natural que cada um opte por uma postura de exigência e de brio. Assim, fará sentido que quem avalia em primeiro lugar o trabalho feito para obter aprovação nesta uc seja o seu próprio autor, uma vez que ele é o principal beneficiário desse investimento e esforço voluntários que o trabalho bem feito necessariamente requer.

Nesta perspectiva, mais do que avaliar caberá à docente encaminhar e, mais do que julgar, caber-lhe-á disponibilizar-se para apoiar e orientar, para além de suscitar o interesse pelo elenco programático em leccionação. Em suma, será função primordial do professor trabalhar e zelar para que se mantenha sem desânimos essa busca de excelência e, em último lugar, cumprir a formalidade de atribuir uma classificação ao esforço que testemunhou, acompanhou e partilhou.

## X. Apêndices

- "Orientações da Actividade 5" (Tema 5. Preparação e elaboração do trabalho final)
- Contrato de Aprendizagem
  
- Excurso nº 1 - Contextualização histórico-política e sócio-cultural da geração de 70
- Excurso nº 2 - A Questão Coimbrã e o novo papel do intelectual
- Excurso nº 3 - O Cenáculo e a criação colectiva de Carlos Fradique Mendes
- Excurso nº 4 - As Conferências do Casino ou a pedagogia da "Revolução"
- Excurso nº 5 - A recepção do primeiro Fradique Mendes e da revista *Orpheu* junto do público

**Orientações da Actividade 5 – “Preparação e elaboração do trabalho final”**

**Calendarização:**

<b>2ª feira</b>	<b>3ª feira</b>	<b>4ª feira</b>	<b>5ª feira</b>	<b>6ª feira</b>	<b>Sábado</b>	<b>Domingo</b>
	<b>15/06/10</b> Investigação e leitura da bibliografia Escolha do tema	<b>16/06/10</b> Investigação e leitura da bibliografia Escolha do tema	<b>17/06/10</b> Investigação e leitura da bibliografia Escolha do tema	<b>18/06/10</b> Investigação e leitura da bibliografia Escolha do tema	19/06/10	20/06/10
<b>21/06/10</b> Investigação e leitura da bibliografia Escolha do tema	<b>22/06/10</b> Leitura e estudo da bibliografia Participação no fórum “Diálogos com Sentido”	<b>23/06/10</b> Leitura e estudo da bibliografia Participação no fórum “Diálogos com Sentido”	<b>24/06/10</b> Leitura e estudo da bibliografia Participação no fórum “Diálogos com Sentido”	<b>25/06/10</b> Participação no fórum “Diálogos com Sentido” Elaboração do trabalho escrito	26/06/10	27/06/10
<b>28/06/10</b> Redacção do trabalho	<b>29/06/10</b> Redacção do trabalho	<b>30/06/10</b> Redacção do trabalho	<b>01/07/10</b> Redacção do trabalho	<b>02/07/10</b> Redacção do trabalho	03/07/10	04/07/10
<b>05/07/10</b> Redacção do trabalho	<b>06/07/10</b> Redacção do trabalho	<b>07/07/10</b> Publicação/ Entrega dos trabalhos	<b>08/07/10</b> Participação no Fórum Moderado	<b>09/07/10</b> Participação no Fórum Moderado	10/07/10	11/07/10
<b>12/07/10</b> Participação no Fórum Moderado						

### **Descrição e Objectivos:**

Dada a especificidade desta Actividade 5 – preparação e elaboração de um trabalho final escrito, esta calendarização não é rígida, constituindo apenas uma sugestão de trabalho, com o objectivo de ajudar a planificação e a hierarquização das diferentes etapas e tarefas requeridas pela realização do referido trabalho.

Assim sendo e *com excepção dos períodos de tempo reservados à participação nos fóruns*, a calendarização proposta poderá naturalmente ser flexibilizada e adaptada aos ritmos e necessidades de cada mestrando, no que diz respeito aos prazos indicados para a realização de cada uma das outras tarefas que a integram, quer do ponto de vista da ordem sugerida no quadro da calendarização, quer quanto à duração temporal de cada uma das diferentes fases enunciadas.

Seja qual for o tema escolhido, o objectivo desta actividade é que cada mestrando desenvolva e aprofunde o tema escolhido e proceda, *de forma inteiramente livre*, à concepção, estruturação e redacção de um texto que reflecta não só os seus conhecimentos mas, também, as suas preferências pessoais.

Propõe-se que a realização desta Actividade 5 se desenvolva em quatro fases cuja distribuição/gestão ao longo das quatro semanas previstas para a sua realização ficará a cargo do mestrando:

- **1ª fase:** Trabalho de investigação individual visando uma escolha criteriosa e pertinente do tema a tratar, com base numa pesquisa, recolha e estudo de recursos bibliográficos adequados ao âmbito temático escolhido;
- **2ª fase:** Debate com a turma no fórum “Diálogos com Sentido”, especificamente organizado para reflectir em conjunto sobre os respectivos projectos - já em curso - dos trabalhos finais. Neste

espaço, não sujeito a avaliação, o estudante poderá interagir com os colegas da turma, trocar impressões, pontos de vista, colocar questões, partilhar comentários, etc. Este intercâmbio colectivo terá como objectivo principal promover uma aprendizagem colaborativa de modo a facilitar e a dinamizar a preparação e o desenvolvimento dos trabalhos previstos. A participação é livre e não há número limite de intervenções.

- **3ª fase:** Concepção e redacção individuais de um trabalho escrito, com base no estudo e na análise da bibliografia seleccionada (extensão máxima: 10 págs. A4 (excluindo a Bibliografia), letra arial, corpo 12, espaçamento entre linhas 1,5);
- **4.ª fase:** Debate no "Fórum Moderado", organizado com o objectivo de conduzir a turma a reflectir em conjunto sobre os trabalhos realizados e a auto-avaliar-se, seguindo dois propósitos orientadores: 1. elaborar um comentário sobre os trabalhos realizados pelos colegas da turma; 2. elencar aspectos fortes e fracos dos seus próprios trabalhos.

### **Metodologia:**

A realização nesta Actividade 5 implica:

- que a bibliografia essencial reunida para o trabalho final seja estruturada em função da especificidade do tema escolhido por cada um;
- o recurso selectivo, como base de apoio, à consulta e/ou à releitura das obras referenciadas na "Bibliografia principal" ("Activa" e "Passiva") e na "Bibliografia complementar" (indicadas nos "Roteiros Programáticos e Bibliográficos" que integram cada um dos temas abordados);
- o alargamento, se necessário, do âmbito da pesquisa bibliográfica já que se espera que a bibliografia referenciada nos "Roteiros Programáticos e Bibliográficos" tenha sido estudada e assimilada ao longo do(s) trabalho(s) efectuado(s) na unidade curricular;

- que os mestrandos de *Temas de Cultura Portuguesa II* tenham, nesta fase final do semestre, adquirido capacidades de investigação que lhes permitam, caso seja necessário, procurar bibliografia adicional em bibliotecas, tradicionais e/ou virtuais.
- a participação nos fóruns criados e disponibilizados para apoiar os mestrandos na elaboração do trabalho final.

### **Competências a desenvolver:**

- desenvolver hábitos e métodos de pesquisa com o objectivo de concretizar uma investigação bibliográfica orientada e coerente;
- adquirir experiência no que diz respeito à delimitação e recolha selectiva de materiais bibliográficos, directamente relacionados com o tema a tratar;
- testar e desenvolver uma capacidade de expressão escrita rigorosa, com vista à futura redacção da dissertação.

## Contrato de Aprendizagem

### Índice

- Contrato de Aprendizagem
- I. Objectivos
- II. Competências
- III. Roteiro de Conteúdos
- IV. Metodologia
- V. Recursos
- VI. Ambiente
- VII. Sequência
- VIII. Avaliação
- IX. Roteiro do contrato
  - IX.1. Primeiro mês
  - IX.2. Segundo mês
  - IX.3. Terceiro mês
  - IX.4. Quarto mês
  - IX.5. Quinto mês

## Contrato de Aprendizagem



# Classe Virtual



### *Temas de Cultura Portuguesa II*

#### «Geração de 70 e Geração de *Orpheu*: Portugal em questão»

Unidade Curricular nº **52008**

Docente: **Ana Nascimento Piedade**

Ano Lectivo: **2009-2010**

#### **I. Objectivos**

### **Objectivos e expectativas**

Na unidade curricular Temas de Cultura Portuguesa II espera-se que o estudante:

- identifique e interprete o lugar relevante do contributo da literatura - produzida no período balizado entre a Regeneração e o primeiro Modernismo português - na configuração e problematização das formas diversificadas através das quais o imaginário nacional tem convivido com os modos de pensar e de ser-português;
- estimule a sua curiosidade intelectual e a sua capacidade reflexiva no sentido de compreender as formas como a Geração de 70 e a Geração de *Orpheu* interpelaram os rumos e o destino de Portugal, tendo como base a produção doutrinária e literária de alguns dos seus principais membros, a par da reflexão que Eduardo Lourenço dedicou quer à referida produção quer ao tema Portugal;

- desenvolva as suas capacidades de investigação visando a elaboração de trabalhos aprofundados e sistemáticos no âmbito das temáticas em estudo.

## II. Competências

### Competências a desenvolver

No final desta unidade curricular, o mestrando deverá ter adquirido:

- capacidade de apreensão articulada das relações dinâmicas existentes entre os textos de índole teórica e programática e os textos literários e metaliterários que com eles se relacionam;
- capacidade de interpretação e de reflexão crítica, no âmbito do elenco programático abordado, assim como o exercício de uma forma de expressão correcta, estruturada e fundamentada;
- capacidade de efectuar uma investigação selectiva e coerente com vista à elaboração de trabalhos que conjuguem conhecimentos adquiridos, reflexão crítica e perspectivas originais.

## III. Roteiro de conteúdos

### Roteiro de conteúdos

Nesta unidade curricular serão tratados os seguintes temas:

<p style="text-align: center;"><b><u>Tema 1</u></b></p> <p><b>Figurações da identidade cultural portuguesa: parâmetros de contextualização</b></p>	<p>1.1. O conceito de geração em contexto histórico-cultural</p> <p>1.2. Modos de ser-português no ensaísmo de Eduardo Lourenço: delimitação do <i>corpus</i> em estudo</p>
<p style="text-align: center;"><b><u>Tema 2</u></b></p> <p><b>A Geração de 70 ou "o criticismo patriótico"</b></p>	<p>2.1. O espírito e a acção da geração de 70</p> <p>2.2. Antero de Quental: as causas da decadência e o "idealismo ético" da</p>

	<p>sua intervenção</p> <p>2.3. Eça de Queirós: do "bocejo da pátria" à possibilidade de regeneração</p>
<p><b><u>Tema 3</u></b></p> <p><b>A Geração de <i>Orpheu</i> ou "a única ponte entre Portugal e a Europa"</b></p>	<p>3.1. Especificidade conceptual e horizontes culturais da geração de <i>Orpheu</i></p> <p>3.2. Fernando Pessoa: o ser-português e a busca de um sentido para Portugal</p> <p>3.3. Almada Negreiros: uma noção cosmopolita de nacionalidade</p>
<p><b><u>Tema 4</u></b></p> <p><b>Geração de 70 e Geração de <i>Orpheu</i> ou a problematização de Portugal</b></p>	<p>4.1. Legitimidade desta aproximação</p> <p>4.2. O lançamento do primeiro Fradique Mendes e o lançamento da revista <i>Orpheu</i></p> <p>4.3. Eduardo Lourenço e os sentidos da interpelação a Portugal protagonizada pelas duas gerações</p>
<p><b><u>Tema 5</u></b></p> <p><b>Preparação e elaboração do trabalho final</b></p>	

#### IV. Metodologia

### Metodologia de trabalho online

A metodologia de trabalho utilizada nesta Unidade Curricular segue o aconselhado no Modelo Pedagógico da Universidade Aberta, no que ao 2º Ciclo de Estudos diz respeito, ou seja, adopta a modalidade de "classe virtual", decorrendo exclusivamente online.

Esta metodologia pressupõe que o estudante, enquanto estudante de pós-graduação, possua já competências que lhe permitam trabalhar de modo autónomo, ao nível da procura de materiais de aprendizagem, da reflexão individual e do debate sobre questões relevantes (com a docente e com outros estudantes) para a área do conhecimento que é objecto de estudo na presente unidade curricular.

Neste quadro, espera-se que o estudante desenvolva o seu trabalho em duas vertentes complementares:

1. Trabalho individual, que se concretiza em estudar e investigar os temas que lhe são propostos, em reflectir sobre eles e em ler criticamente a bibliografia indicada para cada tema, em sistematizá-los de modo personalizado e em elaborar trabalhos da sua autoria;

2. Aprendizagem colaborativa, que se concretiza em debater com os outros estudantes questões pertinentes relativas ao elenco programático em estudo e em participar activa e empenhadamente nos fóruns e nos trabalhos sugeridos, contribuindo para a construção conjunta e a partilha do conhecimento.

A metodologia de trabalho adoptada baseia-se na realização de actividades no decurso de cada tema, através do recurso a textos (literários e críticos), em suporte papel e/ou em suporte digital. (Neste caso terão a indicação "disponível online" significando que os textos em causa serão disponibilizados na plataforma Moodle, no espaço relativo ao tema em questão).

Em todos os temas e respectivas actividades serão disponibilizados pelo menos dois fóruns, com objectivos e características diferentes, com o intuito de possibilitar o diálogo sobre as matérias e questões em estudo, quer com a docente quer entre colegas de grupo ou da turma.

O estudo dos temas e a realização das actividades que os integram prolongam-se por um número variável de semanas, consoante a sua complexidade. Cada uma dessas semanas de trabalho terá início numa terça-feira e terminará numa segunda-feira.

É aconselhável que cada estudante programe criteriosamente o seu trabalho, de modo a que a concretização das tarefas solicitadas (a realização de leituras, a reflexão individual e a sistematização de conteúdos

que elas requerem, a elaboração de trabalhos, a participação nas actividades propostas e nos fóruns da unidade curricular, etc.) seja feita de modo gradual e faseado.

Recomenda-se, por isso, o acesso regular (sempre que possível diário) à plataforma Moodle.

O trabalho desenvolvido pelos estudantes durante o fim-de-semana, realizar-se-á por sua livre opção e organizar-se-á em função das suas necessidades curriculares.

## V. Recursos

### Recursos de aprendizagem

**NOTA:** Indicam-se aqui apenas algumas obras de leitura obrigatória e/ou de referência. Para cada um dos temas do elenco programático será indicada bibliografia específica no decorrer da leccionação da unidade curricular.

CATROGA, Fernando e Paulo A.M. Archer de Carvalho, *Sociedade e Cultura Portuguesas II*, Lisboa, Universidade Aberta, 1996.

FRANÇA, José-Augusto, *O Romantismo em Portugal. Estudo de Factos Socioculturais*, Lisboa, Livros Horizonte, 1999.

LOURENÇO, Eduardo, *Nós e a Europa ou as Duas Razões*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994.

LOURENÇO, Eduardo, *Portugal como Destino seguido de Mitologia da Saudade*, Lisboa, Gradiva, 1999.

LOURENÇO, Eduardo, *O Labirinto da Saudade*, Lisboa, Gradiva, 2005.

MARTINS, Fernando Cabral, (Coord.) *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, Lisboa, Caminho, 2008.

MARTINS, Guilherme D'Oliveira, *Portugal. Identidade e Diferença - Aventuras da Memória*, Lisboa, Gradiva, 2007.

MATOS, A. Campos, (Org. e Coord.) *Dicionário de Eça de Queiroz*, Lisboa, Caminho, 1993.

MIRANDA, José Bragança de, *Teoria da Cultura*, Lisboa, Edições Século XXI, 2002.

PIEIDADE, Ana Nascimento, "Eduardo Lourenço, património da nossa cultura", in *Meridianos Lusófonos*, Coord. Petar Petrov, Lisboa, Roma Editora, 2008, pp. 149-170.

PIEIDADE, Ana Nascimento, "Geração de 70 e Geração do Orpheu: afinidades e contrastes estético-culturais", in *Outra Margem - Estudos de Literatura e Cultura Portuguesas*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008, pp. 133-172.

REIS, Carlos e Maria da Natividade Pires, (Org.), *História Crítica da Literatura Portuguesa*, Vol. V - O Romantismo, Lisboa, Editorial Verbo, 1993 (capítulos 7. e 8.).

RIBEIRO, Maria Aparecida, (Org.), *História Crítica da Literatura Portuguesa*, Vol. VI - Realismo e Naturalismo, Lisboa, Editorial Verbo, 1994 (capítulo 2.).

SARAIVA, António José, *A Cultura em Portugal - Teoria e História*, Venda Nova, Bertrand, 1985.

SERRÃO, Joel, *Da «Regeneração» à República*, Lisboa, Livros Horizonte, 1990.

SERRÃO, Joel, *Portugueses Somos*, Lisboa, Livros Horizonte, s/d.

## VI. Ambiente

### Ambiente de aprendizagem

As actividades de ensino-aprendizagem da unidade curricular *Temas de Cultura Portuguesa II* decorrem na plataforma de elearning Moodle, acessível a partir do endereço web da Universidade Aberta.

Tratando-se de uma classe virtual, será privilegiada a comunicação assíncrona, de acordo com o Modelo Pedagógico da Universidade Aberta, no que ao 2º Ciclo se refere, dando-se especial relevo:

- à interacção em fóruns de partilha de ideias e de debate (com a docente e com os outros estudantes);

- ao progressivo desenvolvimento de um acentuado nível de autonomia, tanto no que se refere à pesquisa de materiais de aprendizagem como ao percurso de maturação dos conhecimentos que são objecto de estudo na presente unidade curricular.

Além da indicação de bibliografias em suporte de papel, serão também indicados recursos existentes na web, a que os estudantes poderão aceder. Espera-se ainda que os estudantes desenvolvam pesquisa bibliográfica na internet e em bibliotecas tradicionais.

Ao longo de todo o semestre os estudantes disporão dos seguintes recursos permanentes:

- Fórum Geral, espaço onde serão colocadas notícias e avisos importantes acerca do funcionamento e da leccionação da unidade curricular.

Com vista à elaboração de cada uma das actividades previstas estarão disponíveis dois espaços de interacção:

- Fórum Moderado (pela docente), onde os estudantes poderão esclarecer dúvidas e dificuldades, obter aconselhamento e apoio da docente expondo questões relativas às pesquisas e leituras efectuadas;

- "Diálogos com sentido" (fórum não moderado pela docente), onde os estudantes poderão partilhar e debater com os colegas da turma os seus pontos de vista sobre o elenco programático abordado, a bibliografia e os temas trabalhados, etc.

## **VII. Sequência**

# **Sequência das actividades de aprendizagem**

## **TEMA 1**

**Figurações da identidade cultural portuguesa: parâmetros de contextualização**

## **ACTIVIDADE 1**

### **Período durante o qual decorre a Actividade 1**

9 de Março - 22 de Março (2 semanas)

### **Competências a desenvolver**

No final deste tema, o estudante deverá estar apto a:

- contextualizar a abordagem do tema Portugal proposta no programa desta unidade curricular;
- identificar traços distintivos do conceito de geração literária;

- reconhecer e relacionar os parâmetros que enquadram a reflexão de Eduardo Lourenço sobre as duas gerações em estudo e sobre os modos de ser-português;
- interagir com os outros estudantes da turma e com a docente nos fóruns criados para o efeito.

### **Descrição da Actividade 1**

#### **1.ª fase — de 9 de Março a 15 de Março (1 semana)**

O estudante lê a bibliografia recomendada e participa no fórum "Diálogos com sentido" (não moderado pela docente), interagindo com os colegas de turma sobre as matérias abordadas na bibliografia indicada para o estudo deste tema.

A partilha de pontos de vista, questões, dificuldades e reflexões tem como objectivo promover a aprendizagem colaborativa, de modo a facilitar a assimilação dos conteúdos e a melhorar a qualidade das leituras efectuadas.

#### **2.ª fase — de 16 de Março a 22 de Março (1 semana)**

O estudante prossegue a leitura e a análise da bibliografia e intervém no Fórum Moderado (pela docente), reflectindo de forma individualizada sobre os conteúdos que estudou na bibliografia recomendada e expondo as dúvidas que estes lhe suscitaram. Estas intervenções (no mínimo 2 e no máximo 5 e implicando um esforço quanto à capacidade de síntese) devem orientar-se em função dos seguintes tópicos:

- a contextualização do tema Portugal proposta no programa desta unidade curricular;
- os parâmetros que enquadram a reflexão de Eduardo Lourenço sobre as duas gerações em estudo e sobre os modos de ser-português;

Ao longo desta semana, mantém-se aberto o fórum "Diálogos com sentido" (não moderado pela docente).

### **Recursos de Aprendizagem**

No início da leccionação deste tema será disponibilizado, na sala de aula virtual da plataforma, o "Roteiro Programático e Bibliográfico do Tema 1." contendo uma apresentação dos conteúdos programáticos que o integram e a indicação dos recursos bibliográficos que especificamente o documentam, subdivididos em "Bibliografia principal" (Activa e Passiva) e "Bibliografia complementar".

## **TEMA 2**

### **A Geração de 70 ou "o criticismo patriótico"**

#### **ACTIVIDADE 2**

##### **Período durante o qual decorre a Actividade 2**

23 de Março – 26 de Abril (4 semanas)\*

\*Durante a semana de Páscoa, entre 30 de Março e 5 de Abril, haverá interrupção das actividades lectivas.

##### **Competências a desenvolver**

No final deste tema, o estudante deverá estar apto a:

- situar a problematização de Portugal no contexto da geração de 70;
- identificar os aspectos mais relevantes que configuram o espírito e a acção da geração de 70;
- reconhecer os contributos distintos que Antero de Quental e Eça de Queirós dedicaram à questão do ser-português;
- expor e partilhar com outros estudantes e com a docente reflexões pertinentes e personalizadas sobre os conteúdos estudados nos fóruns criados para o efeito.

##### **Descrição da Actividade 2**

###### **1.ª fase – de 23 de Março a 12 de Abril (2 semanas)**

O estudante lê e estuda de forma aprofundada a bibliografia recomendada e participa no fórum "Diálogos com sentido" (não moderado pela docente), interagindo com outros estudantes sobre as matérias abordadas na bibliografia.

A partilha de pontos de vista, de questões, de dificuldades e de reflexões tem como objectivo promover a aprendizagem colaborativa, de modo a facilitar a assimilação dos conteúdos e a melhorar a qualidade dos trabalhos elaborados.

###### **2.ª fase – de 13 de Abril a 19 de Abril (1 semana)**

O estudante intervém no Fórum Moderado (pela docente), reflectindo de forma individualizada sobre os conteúdos que estudou na bibliografia recomendada e expando as dúvidas que estes lhe suscitaram. Estas intervenções (no mínimo 2 e no máximo 5) são objecto de avaliação nos seguintes itens:

- a) grau de assimilação dos conteúdos e capacidade de reflexão individual que as intervenções revelam;
- b) pertinência e adequação das ideias expostas (quer a nível dos conteúdos, quer a nível da expressão escrita);
- c) clareza de estilo, espírito de síntese e capacidade de sistematização e dos conteúdos que as participações evidenciam.

Ao longo desta semana, mantém-se aberto o fórum "Diálogos com sentido" (não moderado pela docente).

### **3.ª fase – de 20 de Abril a 26 de Abril (1 semana)**

O estudante elabora um trabalho individual escrito (extensão máxima: 4 páginas A4, letra arial, corpo 12, espaçamento entre linhas 1,5) sobre a problemática em estudo.

Ao longo desta semana, mantém-se aberto o fórum "Diálogos com sentido" (não moderado pela docente).

### **Recursos de Aprendizagem**

No início da leccionação deste tema será disponibilizado, na sala de aula virtual da plataforma, o "Roteiro Programático e Bibliográfico do Tema 2." contendo uma apresentação dos conteúdos programáticos que o integram e a indicação dos recursos bibliográficos que especificamente o documentam, subdivididos em "Bibliografia principal" (Activa e Passiva) e "Bibliografia complementar".

### **TEMA 3**

#### **A Geração de *Orpheu* ou "a única ponte entre Portugal e a Europa"**

### **ACTIVIDADE 3**

#### **Período durante o qual decorre a Actividade 3**

27 de Abril – 24 de Maio (4 semanas)

### **Competências a desenvolver**

No final deste tema, o estudante deverá estar apto a:

- situar a problematização de Portugal no contexto da geração de *Orpheu*;
- identificar elementos configuradores da especificidade conceptual e dos horizontes culturais da geração de *Orpheu*;
- reconhecer os modos como Fernando Pessoa e Almada Negreiros buscaram sentidos para Portugal;
- expor e partilhar com outros estudantes e com a docente reflexões pertinentes e personalizadas sobre os conteúdos estudados nos fóruns criados para o efeito.

### **Descrição da Actividade 3**

#### **1.ª fase – de 27 de Abril a 10 de Maio (2 semanas)**

O estudante lê e estuda de forma aprofundada a bibliografia recomendada e participa no fórum "Diálogos com sentido" (não moderado pela docente), interagindo com outros estudantes sobre as matérias abordadas na bibliografia.

A partilha de pontos de vista, de questões, de dificuldades e de reflexões tem como objectivo promover a aprendizagem colaborativa, de modo a facilitar a assimilação dos conteúdos e a melhorar a qualidade dos trabalhos elaborados.

#### **2.ª fase – de 11 de Maio a 17 de Maio (1 semana)**

O estudante elabora um trabalho individual escrito (extensão máxima: 4 páginas A4, letra arial, corpo 12, espaçamento entre linhas 1,5) sobre a problemática em estudo.

Ao longo desta semana, mantém-se aberto o fórum "Diálogos com sentido" (não moderado pela docente).

#### **3.ª fase – de 18 de Maio a 24 de Maio (1 semana)**

O estudante intervém no Fórum Moderado (pela docente), confrontando o seu trabalho com os trabalhos dos colegas de turma e reflectindo de forma articulada sobre os tópicos abordados e a bibliografia utilizada. Estas intervenções (no mínimo 2 e no máximo 5) são objecto de avaliação nos seguintes itens:

- a) grau de assimilação dos conteúdos e capacidade de reflexão individual que as intervenções revelam;
- b) pertinência e adequação das ideias expostas (quer a nível dos conteúdos, quer a nível da expressão escrita);
- c) clareza de estilo, espírito de síntese e capacidade de sistematização e dos conteúdos que as participações evidenciam.

Ao longo desta semana, mantém-se aberto o fórum "Diálogos com sentido" (não moderado pela docente).

### **Recursos de Aprendizagem**

No início da leccionação deste tema será disponibilizado, na sala de aula virtual da plataforma, o "Roteiro Programático e Bibliográfico do Tema 3." contendo uma apresentação dos conteúdos programáticos que o integram e a indicação dos recursos bibliográficos que especificamente o documentam, subdivididos em "Bibliografia principal" (Activa e Passiva) e "Bibliografia complementar".

## **TEMA 4**

### **Geração de 70 e Geração de *Orpheu* ou a problematização de Portugal**

### **ACTIVIDADE 4**

#### **Período durante o qual decorre a Actividade 4**

25 de Maio – 14 de Junho (3 semanas)

#### **Competências a desenvolver**

No final deste tema, o estudante deverá estar apto a:

- compreender a legitimidade de uma aproximação entre a geração de 70 e a geração de *Orpheu*;
- identificar perspectivas convergentes e relações contrastivas nas formas como interpretaram Portugal;

- reconhecer a articulação dinâmica existente entre o pensamento de Eduardo Lourenço e os sentidos da interpelação protagonizada pelas duas gerações;

- expor e partilhar com outros estudantes e com a docente reflexões pertinentes e personalizadas sobre os conteúdos estudados nos fóruns criados para o efeito.

#### **Descrição da Actividade 4**

##### **1.ª fase – de 25 de Maio a 31 de Maio (1 semana)**

O estudante lê e estuda de forma aprofundada a bibliografia recomendada e participa no fórum "Diálogos com sentido" (não moderado pela docente), interagindo com outros estudantes sobre as matérias abordadas na bibliografia.

A partilha de pontos de vista, de questões, de dificuldades e de reflexões tem como objectivo promover a aprendizagem colaborativa, de modo a facilitar a assimilação dos conteúdos e a melhorar a qualidade dos trabalhos elaborados.

##### **2.ª fase – de 1 de Junho a 7 de Junho (1 semana)**

O estudante elabora um trabalho individual escrito (extensão máxima: 4 páginas A4, letra arial, corpo 12, espaçamento entre linhas 1,5) sobre a problemática em estudo.

Ao longo desta semana, mantém-se aberto o fórum "Diálogos com sentido" (não moderado pela docente).

##### **3.ª fase – de 8 de Junho a 14 de Junho (1 semana)**

O estudante, baseando-se nos trabalhos efectuados, intervém no Fórum Moderado (pela docente) com o objectivo de debater de forma fundamentada, assinalando e eventualmente completando, os aspectos abordados que lhe pareceram mais inovadores. Estas intervenções (no mínimo 2 e no máximo 5) são objecto de avaliação nos seguintes itens:

**a)** grau de assimilação dos conteúdos e capacidade de reflexão individual que as intervenções revelam;

**b)** pertinência e adequação das ideias expostas (quer a nível dos conteúdos, quer a nível da expressão escrita);

**c)** clareza de estilo, espírito de síntese e capacidade de sistematização e dos conteúdos que as participações evidenciam.

Ao longo desta semana, mantém-se aberto o fórum "Diálogos com sentido" (não moderado pela docente).

### **Recursos de Aprendizagem**

No início da leccionação deste tema será disponibilizado, na sala de aula virtual da plataforma, o "Roteiro Programático e Bibliográfico do Tema 4." contendo uma apresentação dos conteúdos programáticos que o integram e a indicação dos recursos bibliográficos que especificamente o documentam, subdivididos em "Bibliografia principal" (Activa e Passiva) e "Bibliografia complementar".

## **TEMA 5**

### **Preparação e elaboração do trabalho final**

### **ACTIVIDADE 5**

#### **Período durante o qual decorre a Actividade 5**

15 de Junho – 12 Julho (4 semanas)

#### **Competências a desenvolver**

No final deste tema, o estudante deverá estar apto a:

- desenvolver hábitos e métodos de pesquisa com o objectivo de concretizar uma investigação bibliográfica orientada e coerente;
- adquirir experiência no que diz respeito à delimitação e recolha selectiva de materiais bibliográficos directamente relacionados com o tema a tratar;
- testar e desenvolver uma capacidade de expressão escrita rigorosa, com vista à futura redacção da dissertação.

#### **Descrição da Actividade 5**

Esta Actividade desenvolve-se em quatro fases, cuja distribuição/gestão ao longo das quatro semanas previstas para a sua realização ficará a cargo do mestrando:

**1.ª fase:** Trabalho de investigação individual visando uma escolha criteriosa e pertinente do tema a tratar, com base numa pesquisa, recolha e estudo de recursos bibliográficos adequados ao âmbito temático escolhido;

**2.ª fase:** Debate na turma no fórum "Diálogos com Sentido" especificamente organizado para reflectir em conjunto sobre os respectivos projectos - já em curso - dos trabalhos finais.

Neste espaço, não sujeito a avaliação, o/a estudante poderá interagir com os colegas da turma, trocar impressões, pontos de vista, colocar questões, partilhar comentários, etc. Este intercâmbio colectivo terá como objectivo principal promover uma aprendizagem colaborativa de modo a facilitar e a dinamizar a preparação e o desenvolvimento dos trabalhos previstos. A participação é livre e não há número limite de intervenções.

**3.ª fase:** Concepção e redacção individuais de um trabalho escrito, com base no estudo e na análise da bibliografia seleccionada (extensão máxima: 10 págs. A4 (excluindo a Bibliografia), letra arial, corpo 12, espaçamento entre linhas 1,5);

**4.ª fase:** Debate na turma no "Fórum Moderado" organizado com o objectivo de conduzir a turma a reflectir em conjunto sobre os trabalhos realizados e a auto-avaliar-se, seguindo dois propósitos orientadores: 1. elaborar um comentário sobre os trabalhos realizados pelos colegas da turma; 2. elencar aspectos fortes e fracos dos seus próprios trabalhos. As intervenções (no mínimo 2 e no máximo 5) estão sujeitas a avaliação.

### **Recursos de Aprendizagem**

Tendo como base de apoio a consulta e/ou utilização dos recursos bibliográficos que foram sendo indicados nos "Roteiros Programáticos e Bibliográficos" relativos aos diferentes temas estudados, a pesquisa poderá alargar-se não só tendo em conta a preparação e elaboração do trabalho final, mas também em função de um eventual aprofundamento da investigação bibliográfica visando o tema da dissertação escolhido pelo estudante.

### **VIII. Avaliação**

#### **Avaliação**

A avaliação será feita com base:

- nos trabalhos elaborados e apresentados;
- na participação de cada mestrando nos debates que ocorrem no Fórum Moderado.

A classificação final decorre do peso relativo de cada trabalho realizado ao longo do semestre lectivo, com base nas seguintes cotações parcelares:

Actividade 1 - tratando-se de uma Actividade Formativa, não está sujeita a classificação quantitativa.

Actividade 2 - 4 valores (20% da nota final).

Actividade 3 - 4 valores (20% da nota final).

Actividade 4 - 4 valores (20% da nota final).

Actividade 5 - 8 valores (40% da nota final).

A participação nos fóruns moderados das Actividades 2, 3, 4 e 5 corresponde a 25% da percentagem total atribuída a estas quatro actividades, valendo os trabalhos escritos nelas realizados os restantes 75%.

Os critérios para a avaliação dos trabalhos realizados serão os seguintes:

Os trabalhos elaborados pelos mestrandos deverão:

- demonstrar capacidade de reflexão e de problematização relativamente às questões em análise;
- reflectir um percurso personalizado de estudo e de assimilação aprofundada dos conhecimentos;
- evidenciar sentido crítico na assimilação dos conteúdos estudados.

Os trabalhos deverão, ainda, respeitar integralmente as "Orientações da Actividade" disponibilizadas, quer a nível dos conteúdos, quer a nível da formatação gráfica, quer a nível da extensão solicitada.

Os critérios para a participação dos mestrandos no Fórum Moderado serão os seguintes:

- em termos qualitativos: O estudante deverá contribuir de modo pertinente e produtivo para o debate, apresentando textos em que reflecta sobre os conteúdos estudados, escritos de forma organizada, correcta e adequada a este nível de ensino, servindo-se de argumentos pertinentes e de ideias fundamentadas;
- A capacidade de síntese e a clareza de estilo são aspectos *especialmente valorizados*;
- em termos quantitativos: Cada estudante deverá contribuir com um mínimo de 2 e um máximo de 5 intervenções/mensagens no Fórum Moderado.

Importa ainda ter presente que:

- a redacção dos trabalhos deverá ser clara, bem estruturada e semanticamente correcta;
- no trabalho final, cada estudante deverá redigir um texto mais extenso, onde adoptará um conjunto de normas usualmente seguidas na elaboração de trabalhos científicos. A elaboração de um trabalho com estas características requer que se proceda a uma investigação e recolha bibliográficas selectivas, estruturadas e aprofundadas, por forma a que a sua adequação ao tema escolhido resulte pertinente e coerente.

## IX. Roteiro do contrato

### Calendário e Roteiro do Contrato

#### Cronograma global de actividades

#### IX.1. Primeiro mês

#### Primeiro mês — Março

MÊS	SEMANA	TEMA	ACTIVIDADE	O QUE SE ESPERA	RECURSOS	AVALIAÇÃO
Março	2 a 8		Debate sobre o Contrato de Aprendizagem em fórum criado para o efeito	O estudante intervém no "Fórum de debate do Contrato de Aprendizagem", expondo as suas dúvidas e sugestões, de modo pertinente e oportuno, acerca do documento em causa		Esta actividade não está sujeita a avaliação
Março	9 a 15	1. Figurações da identidade cultural portuguesa:	Actividade 1	O estudante lê a bibliografia recomendada e participa no	Ver o "Roteiro Programático e	

		parâmetros de contextualização		fórum não moderado "Diálogos com sentido"	Bibliográfico do Tema 1."	
Março	16 a 22	1. Figurações da identidade cultural portuguesa: parâmetros de contextualização	Actividade 1	O estudante lê e estuda a bibliografia recomendada e intervém no Fórum Moderado (pela docente)	Ver o "Roteiro Programático e Bibliográfico do Tema 1."	Esta actividade é formativa (não está sujeita a avaliação quantitativa)
Março	23 a 29	2. A Geração de 70 ou o "criticismo patriótico"	Actividade 2	O estudante elabora um trabalho escrito de acordo com o documento de "Orientações da Actividade 1" (disponibilizado no espaço reservado ao tema 1)		

## IX.2. Segundo mês

Segundo mês — Abril						
MÊS	SEMANA	TEMA	ACTIVIDADE	O QUE SE ESPERA	RECURSOS	AVALIAÇÃO
Março/ Abril	30 de Março a 5 de Abril	[PÁSCOA]	Interrupção das actividades lectivas	—	—	—
Abril	6 a 12	2. A Geração de 70 ou o "criticismo patriótico"	Actividade 2	O estudante lê a bibliografia recomendada e participa no fórum não moderado "Diálogos com sentido"	Ver o "Roteiro Programático e Bibliográfico do Tema 2."	
Abril	13 a 19	2. A Geração de	Actividade 2	O estudante lê e estuda a	Ver o "Roteiro Programático e	

		70 ou o "criticismo patriótico"		bibliografia recomendada e intervém no Fórum Moderado (pela docente)	Bibliográfico do Tema 2."	Participação no Fórum: 1 valor
Abril	20 a 26	2. A Geração de 70 ou o "criticismo patriótico"	Actividade 2	O estudante elabora um trabalho escrito de acordo com o documento "Orientações da Actividade 2" (disponibiliza do no espaço reservado ao tema 2)		Trabalho escrito: 3 valores

### IX.3. Terceiro mês

#### Terceiro mês — Maio

MÊS	SEMANA	TEMA	ACTIVIDADE	O QUE SE ESPERA	RECURSOS	AVALIAÇÃO
Abril/Maio	27 de Abril a 3 de Maio	3. A Geração de <i>Orpheu</i> ou a "única ponte entre Portugal e a Europa"	Actividade 3	O estudante lê a bibliografia recomendada e participa no fórum não moderado "Diálogos com sentido"	Ver o "Roteiro Programático e Bibliográfico do Tema 3."	
Maio	4 a 10	3. A Geração de <i>Orpheu</i> ou a "única ponte entre Portugal e a Europa"	Actividade 3	O estudante lê e estuda a bibliografia recomendada e participa no fórum não moderado "Diálogos com sentido"	Ver o "Roteiro Programático e Bibliográfico do Tema 3."	
Maio	11 a 17	3. A Geração de	Actividade 3	O estudante		

		<i>Orpheu</i> ou a "única ponte entre Portugal e a Europa"		elabora um trabalho escrito de acordo com o documento "Orientações da Actividade 3" (disponibilizado no espaço reservado ao tema 3)		Trabalho escrito: 3 valores
Maio	18 a 24	3. A Geração de <i>Orpheu</i> ou a "única ponte entre Portugal e a Europa"	Actividade 3	O estudante intervém no Fórum Moderado (pela docente) para apresentação e confrontação dos trabalhos elaborados		Participação no Fórum: 1 valor
Maio	25 a 31	4. Geração de 70 e Geração de <i>Orpheu</i> ou a problematização de Portugal	Actividade 4	O estudante lê e estuda a bibliografia recomendada e participa no fórum não moderado "Diálogos com sentido"	Ver o "Roteiro Programático e Bibliográfico do Tema 4."	

#### IX.4. Quarto mês

### Quarto mês — Junho

MÊS	SEMANA	TEMA	ACTIVIDADE	O QUE SE ESPERA	RECURSOS	AVALIAÇÃO
Junho	1 a 7	4. Geração de 70 e Geração de <i>Orpheu</i> ou a problematização de Portugal	Actividade 4	O estudante elabora um trabalho escrito de acordo com o documento "Orientações		Trabalho escrito: 3 valores

				da Actividade 4" (disponibilizado no espaço reservado ao tema 4)		
Junho	8 a 14	4. Geração de 70 e Geração de <i>Orpheu</i> ou a problematização de Portugal	Actividade 4	O estudante intervém no Fórum Moderado (pela docente) para apresentação e confrontação dos trabalhos elaborados		Participação no Fórum: 1 valor
Junho	15 a 21	5. Preparação e Elaboração do Trabalho Final	Actividade 5 (Trabalho final)	O estudante investiga e lê a bibliografia e escolhe o tema do seu trabalho final	Ver toda a Bibliografia anteriormente indicada  Bibliografia complementar de acordo com o tema escolhido	
Junho	22 a 28	5. Preparação e Elaboração do Trabalho Final	Actividade 5 (Trabalho final)	O estudante estuda a bibliografia seleccionada e participa no fórum "Diálogos com sentido";  O estudante inicia a elaboração de um trabalho escrito de acordo com o documento "Orientações da Actividade 5" (disponibilizado no espaço reservado ao tema 5)		

**IX.5. Quinto mês**

<b>Quinto mês — Julho</b>						
<b>MÊS</b>	<b>SEMANA</b>	<b>TEMA</b>	<b>ACTIVIDADE</b>	<b>O QUE SE ESPERA</b>	<b>RECURSOS</b>	<b>AVALIAÇÃO</b>
Junho/ Julho	29 de Junho a 5 de Julho	5. Preparação e Elaboração do Trabalho Final	Actividade 5 (Trabalho final)	O estudante redige o trabalho de acordo com o documento "Orientações da Actividade 5" (disponibilizado no espaço reservado ao tema 5)		6 valores
Julho	6 a 12	5. Preparação e Elaboração do Trabalho Final	Actividade 5 (Trabalho final)	O estudante redige o trabalho de acordo com o documento "Orientações da Actividade 5" (disponibilizado no espaço reservado ao tema 5)  O estudante participa no Fórum Moderado (para discussão dos trabalhos finais realizados)		Participação no Fórum: 2 valores

### Excursão nº 1 - Contextualização histórico-política e sócio-cultural da geração de 70

Procedendo a um breve excursão relativo à integração da Geração de 70 na história social do Portugal oitocentista, importa lembrar uma precaução de rigor sublinhada pelo historiador João Medina. É que, como nos adverte, se "a certidão de nascimento da Geração de 70 nos é passada [...] por um evento histórico preciso, o das referidas palestras do Casino do Sr. Zagalo, na Lisboa de 1871", a mesma facilidade não se verifica relativamente à questão da "posterior inserção desse grupo na história social do Portugal oitocentista", domínio em que "tudo parece por estudar, por falta de inventários cuidadosos e de recolha metódica dos elementos biográficos dos que, duma maneira ou doutra, se associaram ao truncado conclave do largo da Abegoaria."<sup>75</sup>

Do ponto de vista estritamente histórico, todos estes criadores viveram durante o período da nossa história que ficou conhecido por Regeneração, funcionando esta, ainda segundo o autor de *Eça de Queiroz e a Geração de 70*, como uma espécie de "background histórico-institucional que sempre os há-de acompanhar."<sup>76</sup> Neste específico contexto, o termo 'Regeneração' diz respeito ao longo período (1851-1868) de estabilidade política que se seguiu a uma revolta militar chefiada pelo Marechal Saldanha em 28 Abril de 1851. No entanto pode dizer-se que a ideia de regeneração ou, talvez melhor, o anseio regenerador, atravessa o século XIX uma vez que desde o seu início, ou seja, já na década de 20, o movimento revolucionário do Liberalismo projectava a 'regeneração' de Portugal.

<sup>75</sup> João Medina, "À guisa de prefácio - A Geração de 70: uma síntese provisória", in *Eça de Queiroz e a Geração de 70*, Lisboa, Moraes Editores, 1980, p. 10.

<sup>76</sup> "À guisa de prefácio - A Geração de 70: uma síntese provisória", p. 18.

Tratava-se mesmo de um "ideal supremo" aquilo a que a primeira geração romântica, cujos expoentes principais foram, como é amplamente conhecido, Almeida Garrett e Alexandre Herculano, chamou a "Sagrada Causa da Regeneração Política". Nessa altura, esta ardorosa militância romântica propunha-se contribuir para uma "regeneração total" do país, por forma a instaurar um progresso que abrangesse os níveis social, económico e cultural. Tal progresso, por sua vez, seria conseguido através de uma liberalização política, amplamente inspirada no modelo da Revolução Francesa e no chamado espírito das Luzes ou Iluminismo e ainda "no supremamente civilizado liberalismo parlamentar britânico."<sup>77</sup>

A verdade é que, após cerca de trinta anos de lutas sangrentas entre Liberais e Absolutistas, o sentido da projectada 'regeneração' altera-se qualitativamente. Trata-se agora, depois de conseguida a pacificação do país, de atingir a meta dos grandes progressos industriais e técnicos que, durante a segunda metade do século XIX se verificavam na Europa, em especial nas suas principais cidades. Este surto de crescimento e desenvolvimento sem precedentes, era sobretudo devido à acentuada ascensão de uma burguesia urbana e ambiciosa, concentrada nos principais centros europeus que, se utilizava o capitalismo para promover um desenvolvimento material necessário, fazia-o sobretudo em função de um enriquecimento pessoal e à custa da miséria de largas massas de trabalhadores.

Em Portugal, o protagonista por excelência desta tendência progressista que entendia ser urgente trabalhar para eliminar a desanimadora distância que separava a nossa tradicional pobreza da próspera industrialização europeia foi António Maria Fontes Pereira de Melo (1819-1887). Jovem engenheiro e militar, Fontes Pereira de Melo foi também um político dinâmico, responsável pela criação, em 1852, do Ministério das Obras Públicas e do Comércio e Indústria. Mandou ainda construir quatrocentos quilómetros de estradas, uma dezena de pontes e, em 1856, a primeira linha de caminho de ferro, que ligava Lisboa ao Carregado. Embora contrariando em parte a política pragmática e mercantilista que o fontismo representou, o rei D. Pedro V não deixou de aproveitar o seu curto reinado (1855-1861) para promover o progresso material em detrimento até do progresso sócio-cultural.

É precisamente este desfasamento causado por uma atenção unilateral ao mero crescimento material de orientação mercantilista, em prejuízo de um concomitante e complementar desenvolvimento de toda sociedade, em termos

---

<sup>77</sup> Álvaro Manuel Machado, "Geração de 70", in *Dicionário de Eça de Queiroz*, Lisboa, Editorial Caminho, 1993, p. 472.

culturais e mentais, que constituirá o núcleo principal das inúmeras críticas dirigidas pelos elementos da Geração de 70 à política nacional. Esta atitude crítica de questionamento é, por sua vez, de certo modo 'herdada' dos antigos ideais progressistas protagonizados pelo Liberalismo os quais, justamente, preconizavam que o alargamento das liberdades e a reforma das mentalidades deveria comandar o desenvolvimento material e industrial do país e não o contrário.

Uma última e curta referência deverá ser feita à importância que, conforme sublinha Álvaro Manuel Machado, teve para "a formação revolucionária da Geração de 70 o reflexo dos movimentos insurreccionais vindos de França", desde o de 1848, ou seja, a revolta de 23 a 26 de Junho dos bairros operários do Leste de Paris, até ao de 1871, isto é, a insurreição da Comuna de Paris que ocorreu entre Março e Maio do mesmo ano, ambos ferozmente reprimidos. "Este impulso revolucionário total, que toma diversas formas, prossegue o mesmo autor, é o ponto de partida da acção sociocultural e ideológica da geração de 70. Ele constitui, de facto, o rasto de um idealismo político, por vezes ingenuamente utopista, que vem do pleno período romântico e que, com a Geração de 70, se expande num projecto de revolução cultural, para lá da Regeneração histórica do marechal Saldanha."<sup>78</sup>

## **Excursão nº 2 - A Questão Coimbrã e o novo papel do intelectual**

A eclosão da conhecida "Questão Coimbrã", contenda que opôs um grupo de jovens e rebeldes estudantes de Coimbra, encabeçados por Antero de Quental, que entendiam ser prioritário o cultivo de um realismo imbuído de preocupações sociais, a António Feliciano de Castilho autor que, em 1865, era tido como o patriarca da literatura então mais em voga, a ultra-romântica, foi o primeiro sinal da necessidade de intervenção pública dado por essa notável geração de intelectuais que virá a reivindicar para si a "missão profética de revelar o sentido da história e os caminhos que Portugal teria de trilhar."<sup>79</sup>

Já desde 1861 que esta nova geração que se estava formando em Coimbra, vinha exibindo múltiplos indícios da sua tendência para a rebeldia e para o inconformismo, perante a excessiva e anacrónica rigidez disciplinar que então imperava nos meios universitários. De entre as várias irreverentes manifestações e ruidosos tumultos promovidos pelos estudantes, ficaram célebres quer as atitudes

<sup>78</sup> "Geração de 70", in *Dicionário de Eça de Queiroz*, p. 472.

<sup>79</sup> Fernando Catroga e Paulo A. M. Archer de Carvalho, *Sociedade e Cultura Portuguesas II*, Lisboa, Universidade Aberta, 1996, p. 155.

de protesto durante a recepção ao príncipe Humberto de Itália quando da sua visita à Universidade (1862), quer as acções subversivas organizadas contra o Reitor Basílio e consubstanciadas no manifesto redigido por Antero e outros companheiros que levariam à sua posterior demissão (1863).

Na verdade, esse verdadeiro "Príncipe da Mocidade", como também era apelidado Antero de Quental, quer devido aos seus excepcionais talentos poéticos, quer, sobretudo, pela sua elevada estatura moral e pela intrínseca grandeza do seu espírito, impôs-se desde a vida estudantil em Coimbra como um autêntico Mestre espiritual, simultaneamente carismático e fascinante.

Ninguém melhor do que Eça, no seu poético "Um génio que era um Santo", prosa rara e de qualidade ímpar que dedicou à memória do amigo (em 1896), soube descrever esta espécie de profundo embora natural ascendente que o poeta de "Estoicismo", já então exercia sobre a maior parte dos futuros membros da geração de 70. Vale a pena citar todo o inesquecível início desse texto:

Em Coimbra, uma noite, noite macia de Abril ou Maio, atravessando lentamente com as minhas sebatas na algibeira o Largo da Feira, avistei sobre as escadarias da Sé Nova, romanticamente batidas pela lua, que nesses tempos ainda era romântica, um homem, de pé, que improvisava. A sua face, a grenha densa e loura com lampejos fulvos, a barba de um ruivo mais escuro, frisada e aguda à maneira siríaca, reluziam, aureoladas. O braço inspirado mergulhava nas alturas como para as revolver. A capa, apenas presa por uma ponta, rojava por trás, largamente, negra nas lajes brancas, em pregas de imagem. E, sentados nos degraus da igreja, outros homens, embuçados, sombras imóveis sobre as cantarias claras, escutavam, em silêncio e enlevo, como discípulos. Parei, seduzido, com a impressão que não era aquele um repentista picaresco ou amavioso, como os vates do antiquíssimo século XVIII - mas um bardo, um bardo dos tempos novos, despertando almas, anunciando verdades. O homem com efeito cantava o Céu, o Infinito, os mundos que rolam carregados de humanidades, a luz suprema habitada pela ideia pura (...). (...) Então, perante este Céu onde os escravos eram mais gloriosamente acolhidos que os doutores, destracei a capa, também me sentei num degrau, quase aos pés de Antero que improvisava, a escutar, num enlevo, como um discípulo. E para sempre assim me conservei na vida.<sup>80</sup>

Quanto a António Feliciano de Castilho, era, como bem sintetizou Guerra da Cal, "exactamente o contrário de um rebelde. Grande purista, mestre do idioma, dotado de escassa imaginação criadora, nunca foi realmente um romântico, embora seja em regra mencionado como terceiro mentor do movimento. Formado na dissolução do neoclassicismo arcádico, que nunca abandonou, encarnava uma peculiar adaptação das formas externas do Romantismo a um espírito pseudo-

---

<sup>80</sup> Eça de Queirós, "Um génio que era um Santo" in *Notas Contemporâneas*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s/d, pp. 251-252.

clássico. Fórmula esta que chegara nessa altura a entronizar-se como gosto oficial do constitucionalismo."<sup>81</sup>

Ora foi precisamente o influente poeta árcade Castilho, então com 65 anos, quem desencadeou toda a polémica ao utilizar uma carta-posfácio que escreve (em Setembro de 1865) ao editor do *Poema da Mocidade*, obra da autoria de Pinheiro Chagas que consistia numa "ingénua biografia lírica em quatro cantos, típica do saudosismo ultra-romântico"<sup>82</sup>, para criticar a forma de fazer literatura dos jovens 'revolucionários' de Coimbra, de entre os quais se destacavam Teófilo Braga, Vieira de Castro e Antero de Quental.

Ao mesmo tempo que criticava dois dos "mancebos" de Coimbra (concretamente, Antero e Teófilo) a propósito dos "altos rumos metafísicos" da sua poesia, Castilho 'apadrinhava' a indignação de Pinheiro Chagas para a disciplina de Literatura Moderna no Curso Superior de Letras e tecia um elogioso apoio ao poema do seu 'pupilo' o qual, por sua vez, atacara um pouco antes (Maio de 1865), no *Jornal do Comércio*, os insurrectos jovens universitários.

Tanto Teófilo como Antero eram já nessa altura conhecidos como poetas, tendo o primeiro publicado *Visões dos Tempos e Tempestades Sonoras* e o segundo *Sonetos* (em 1861), *Beatrice* e *Fiat Lux* (em 1863) e *Odes Modernas* em Agosto desse mesmo ano de 1865. Em especial este último livro costuma ser entendido como símbolo da introdução entre nós de uma "poesia social revolucionária" ("a poesia moderna é a voz da revolução", dirá Antero) e, nessa medida, situa-se forçosamente nos antípodas da estética ultra-romântica.

De entre os vários textos e cartas - uma autêntica "floresta de folhetos, artigos e comentários" - escritos e trocados durante este agitado período, importa destacar em primeiro lugar *Bom Senso e Bom Gosto*, aguerrida carta-panfleto da autoria de Antero de Quental, datada de Coimbra de 2 de Novembro de 1865, e dirigida ao "Excelentíssimo Senhor A. F. de Castilho" que, respondendo à diatribe do velho árcade, marca o início de uma ininterrupta troca de ásperas críticas entre os novos poetas e o grupo de Lisboa, ou seja, Castilho e outros literatos seus amigos, como Tomás Ribeiro, Pinheiro Chagas e Júlio César Machado, entre os principais. Neste texto, cujo título continha uma alusão às duas virtudes que Castilho precisamente negara aos dois representantes do Realismo novo, Antero,

---

<sup>81</sup> "Questão Coimbrã" in *Dicionário de Literatura - Literatura Portuguesa, Literatura brasileira, Literatura galega, Estilística Literária*, Porto, Figueirinhas, 1981, p. 895.

<sup>82</sup> Guerra da Cal, *op. cit.*, p. 895.

"com altiva ironia e com violentíssimos e sarcásticos desacatos, respondia às palmatoadas do venerando pontífice das letras oficiais."<sup>83</sup>

Além deste, Antero escreveu ainda, nesse mesmo ano, outro opúsculo, sob o título *A Dignidade das Letras e as Literaturas Oficiais*, em que, recuando um pouco, tenta justificar as violentas palavras que havida dirigido contra Castilho, o "bardo constitucional" como lhe chama, ao mesmo tempo que procura diminuir a intransigência da sua crítica. Ambos os textos são justíssimos no seu conteúdo e nas elevadas pretensões renovadoras que os animam (Antero refere-se, por exemplo, "à bela, à imensa missão do escritor" designando-a como "ofício público e religioso de guarda incorruptível das ideias") embora, sobretudo o primeiro, seja excessivo no que se refere quer à violência quer à deselegância do tom.

Para além do panfleto de Teófilo Braga, *Teocracias Literárias* e o de Camilo, *Vaidades Irritadas e Irritantes* (ambos de 1866), defendendo o primeiro os de Coimbra e o segundo os de Lisboa, importa referir ainda o texto de Ramalho Ortigão, *Literatura de Hoje* (igualmente de 1866), que se destaca não só porque surge em defesa de Castilho, mas também porque tem sido elogiado pelo equilíbrio e isenção que assumiu perante a divergência entre os dois autores em questão, independência que lhe valerá um duelo com Antero. Embora não se identificando minimamente com as concepções literárias do autor de *Os Ciúmes do Bardo*, Ramalho não deixou de censurar a prosa desabrida e iconoclasta do poeta de *Sonetos*, nomeadamente, "reprendendo Antero com ásperos adjectivos pelo seu desrespeito".

Além da crítica aos excessos lírico-sentimentais glosados pela estética ultraromântica, era patente o menosprezo que a juvenil rebelião coimbrã votava ao Portugal atavicamente atrasado e culturalmente provinciano. Não podia ser de outra maneira de tal forma se encontravam extasiados pela 'Civilização' dita superior, simbolizada por essa "torrente de coisas novas", como dizia Eça de Queiroz, aludindo às "ideias, sistemas, estéticas, formas, sentimentos, interesses humanitários" que, através do recém-criado caminho-de-ferro (1856 e 1863), atravessavam a Península Ibérica vindas da Europa, em especial através de França.

Depois de enumerar alguns dos principais autores que protagonizavam todo este inesgotável manancial de pensamentos e saberes - "era (...) Hugo tornado profeta e justiceiro dos Reis; e Balzac com o seu mundo perverso e lânguido; e Goethe, vasto como um universo; e Pöe, e Heine, e creio que já Darwin, e quantos outros!" - Eça acrescenta de modo impressionante: "Naquela geração nervosa, sensível

---

<sup>83</sup> "Questão Coimbrã" in *Dicionário de Literatura*, p. 895.

e pálida como a de Musset (...) todas estas maravilhas caíam à maneira de achas numa fogueira, fazendo uma vasta crepitação e uma vasta fumarada!"<sup>84</sup>

### **Excursão nº 3 - O Cenáculo e a criação colectiva de Carlos Fradique Mendes**

A ideia do Cenáculo enquanto lugar e pretexto para intensos debates de ideias poderá ter surgido na sequência do dissídio ocorrido entre os literatos de Lisboa e o grupo contestatário de Coimbra, o qual, coincidindo com o fim da estadia estudantil em Coimbra terá também permitido o alargamento do inicial núcleo de amizades juvenis e de afinidades intelectuais e literárias.

O facto é que alguns escritores e personalidades, de entre os quais se devem destacar Jaime Batalha Reis, Eça de Queiroz, Manuel de Arriaga, José Fontana, Salomão Sáragga, Antero de Quental, Germano Vieira de Meireles e Ramalho Ortigão, começaram, a partir de 1867, a reunir-se em casa do primeiro deles, na travessa do Guarda-Mor<sup>85</sup> situada no Bairro Alto lisboeta.

Tratava-se de reuniões informais - uma espécie de tertúlias - que permitiram a um heterogéneo grupo de jovens artistas e literatos aproveitar o período fugaz que decorreu entre o fim da sua formatura e o início das suas carreiras para prolongar, de forma tão intensa quanto livre, os hábitos de diversão e de acalorada discussão sobre o movimento das ideias do seu tempo, que haviam adquirido enquanto estudantes. Os encontros desse "querido e absurdo Cenáculo", como lhe chamou Eça de Queirós, configuravam-se sobretudo como tumultuosas invectivas contra todos os sistemas e todas as instituições, contra a sociedade portuguesa da Regeneração - os seus bacharéis, os seus ministros, os seus poetas - mas também contra a ordem do mundo, contra Deus e o Universo, corporizando uma "escandalosa fornalha de revolução, de metafísica, de satanismo, de anarquia, de boémia feroz."<sup>86</sup>

O Cenáculo não tinha, segundo o testemunho do seu "memorialista-mor" - Jaime Batalha Reis, assim designado pelo imprescindível relato escrito daqueles tempos que nos deixou, uma consciência nítida da sua existência como grupo, assumido e interventor. Não se deverá por isso entender o significado deste conjunto de personalidades distintas como se se tratasse de um clube e ainda menos de um clube com propósitos políticos. Tratou-se tão só de um "grupo flutuante na composição e instável na localização, que foi apenas a aproximação

<sup>84</sup> "Um Génio que era um Santo", in *Notas Contemporâneas*, p. 254.

<sup>85</sup> Hoje Rua do Grémio Lusitano.

<sup>86</sup> Eça de Queirós, *op. cit.*, p. 267.

espontânea e natural de espíritos por formação semelhante, por verdadeira amizade, e por interesses e ansiedades comuns."<sup>87</sup> As suas reuniões deviam-se sobretudo "ao prazer da camaradagem, do encontro e do debate", tentando reviver a efervescência das ardentes polémicas que os anos passados a estudar em Coimbra tinha propiciado. Em suma, foram tempos de "apaixonante iniciação na cultura europeia, de fervor revolucionário, de romanesca efervescência intelectual e sentimental."<sup>88</sup>

Foi entre Agosto e Dezembro de 1869 que três dos elementos do Cenáculo - Eça, Antero e Batalha Reis - decidiram 'dar corpo' a uma curiosa mistificação carregada de intenções paródicas e de simbolismo estético e literário. Assim criaram uma espécie de alter-ego, o poeta Carlos Fradique Mendes, entidade misteriosa e totalmente inventada que, 'replicando' de forma exageradamente caricatural o celebrado Baudelaire de quem é dito que fora amigo pessoal, assim como de "todos os poetas da nova geração francesa", foi posto 'em circulação' precisamente para atrair as atenções para aquilo que entendiam ser a Modernidade intelectual e literária que circulava além-Pirineus.

Como consequência deste propósito, a obra do extravagante poeta-dândi é publicamente equiparada pelos seus criadores a símbolo da "riqueza imensa do moderno movimento de ideias", sendo ele anunciado como o representante entre nós de uma inexistente corrente poética, a dos "Satanistas do Norte". Fradique Mendes foi pois espalhafatosamente lançado, com a cumplicidade da imprensa diária de Lisboa e do Porto - primeiro no jornal *A Revolução de Setembro* e, pouco depois, em *O Primeiro de Janeiro* - com o propósito deliberado de escandalizar e agitar a pacata burguesia nacional de finais da década de sessenta. Importa sinalizar os dois textos que nestes periódicos apresentam Fradique, escritos em enigmática parceria (já que não é nem segura nem explícita a repartição da sua autoria) por Eça, Batalha Reis e Antero, nos quais são explanados, de uma forma ao mesmo tempo programática, mistificadora e irónica mas, também, note-se, contraditória, os intuitos e motivos característicos da poética fradiquiana.

O interesse desta arrojada publicação na imprensa não reside propriamente no valor literário dos poemas do inexistente poeta "tricéfalo", como lhe chamou Joel Serrão, já que o seu estilo, para além de datado pelo excesso de marcas decadentistas finisseculares, se limita a ser um *pastiche*, ainda que paródico, do insuperável/carismático Baudelaire. Reside então na própria atitude de *mistificação* dos seus autores que desde logo se revela moderna por ser plenamente deliberada

<sup>87</sup> Ester de Lemos, "Cenáculo" in *Dicionário de Literatura*, p. 174.

<sup>88</sup> *Idem*, p. 173.

e, sobretudo, na elaborada construção da arquitectura ficcional de Fradique de que ressalta o efeito de realidade e a credibilidade que os seus juvenis autores procuravam implantar junto do público leitor que o acolheria.

Dois factores concorreram para que esta ilusão de veracidade resultasse plenamente convincente. Por um lado, um estratégico recurso ao poderoso crédito que, já nessa altura, a imprensa periódica detinha. Por outro lado, a cumplicidade, acreditada por esta imprensa, na invocação abonatória do conhecimento pessoal de escritores estrangeiros célebres como Baudelaire, Leconte de Lisle, em suma, "todos os poetas da nova geração francesa". Acrescente-se como digno de nota a existência de uma certa ambivalência contida na pose que o poeta de "Guitarra de Satã" veicula para explorar, chocar e assim, caricaturar o proverbial provincianismo português, atitude que como que se desdobra numa salutar intenção auto-crítica, incidindo sobre o embevecimento provocado pela sombra tutelar do poeta de *As Flores do Mal* a que, não obstante a sua grandeza intrínseca, os jovens criadores de Fradique não puderam escapar.

#### **Excursão nº 4 - As Conferências do Casino ou a pedagogia da "Revolução"**

A iniciativa que ficou conhecida entre nós com o nome de "Conferências do Casino" teve lugar em Lisboa, na Primavera de 1871. A ideia concretizou-se na quarta morada do Cenáculo, ou seja, a casa da Rua dos Prazeres para onde Antero e Batalha Reis se tinham mudado e onde irão permanecer até 1872.

A sala do Casino Lisbonense, situada no antigo Largo da Abegoaria (hoje Largo Rafael Bordalo Pinheiro), foi alugada pelos dois amigos e a divulgação do acontecimento foi também feita através da imprensa periódica, concretamente pelo jornal *Revolução de Setembro* onde trabalhava o irmão do autor de *Prosas Bárbaras*, Alberto de Queirós.

Na edição do dia 18 de Maio, apareceu um manifesto assinado por doze nomes, entre os quais estavam os autores das conferências que viriam a realizar-se. Foram apenas cinco e os seus autores foram: Antero de Quental, mentor de todo o ideário programático subjacente a este evento e autor das duas primeiras conferências, Augusto Soromenho, Eça de Queirós e Adolfo Coelho.

Para além destes nomes, podem ainda destacar-se os de Jaime Batalha Reis, Teófilo Braga, Guilherme de Azevedo, Guerra Junqueiro, Oliveira Martins ou Salomão Sáragga, este último autor de uma sexta conferência intitulada, *História crítica de Jesus*, que não chegou a ter lugar devido à proibição, por ordem do

Marquês de Ávila e Bolama, em forma de aviso aparecido no próprio dia na porta do Casino Lisbonense, no qual se afirmava tratarem-se de "prelecções em que se expõem e procuram sustentar doutrinas e proposições que atacam a religião e as instituições políticas do Estado."<sup>89</sup>

Apesar da violenta 'rajada' de protestos, cartas e opúsculos, as autoridades não se demoveram, e nunca chegaram a realizar-se as outras conferências que estavam programadas: *O Socialismo*, por Batalha Reis, *A República*, por Antero, *A Instrução Primária* por Adolfo Coelho e, por último, *A Dedução Positiva da Ideia Democrática*, por Augusto Fushini.

Como se conhece, Antero inaugurou as "Conferências Democráticas do Casino", proferindo em 22 de Maio a primeira, a que chamou *O Espírito das Conferências*, tendo precisamente como objectivo desenvolver e divulgar os pontos principais do programa contido no manifesto que motivara a organização das referidas palestras. Este texto não chegou a ser publicado pelo que a sua reconstituição só pode ser conseguida através do que publicaram os jornais da altura.

Sabe-se, no entanto, que Antero "insistia na ignorância, indiferença e consequente repulsa dos portugueses pelas ideias novas, na missão que aos grandes espíritos incumbia de preparar as inteligências e as consciências para o progresso das sociedades e os resultados das ciências. Aduzia-se de novo o exemplo da restante Europa, e de novo se estigmatizava a vergonhosa excepção que Portugal constituía. O fulcro da discussão nas futuras conferências, anunciava o orador, seria a Revolução no que este conceito continha de mais nobre e elevado."<sup>90</sup>

Na segunda conferência, intitulada *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos Últimos Três Séculos* (dita em 27 de Maio), Antero, reflectindo sobre a situação de decadência ibérica a partir do século XVII, aponta três causas: o catolicismo posterior ao Concílio de Trento, que desvirtuara a essência do Cristianismo e atrofiara a consciência individual; o estabelecimento da monarquia absoluta, que coarctara as liberdades nacionais e submettera despoticamente o carácter da raça ibérica; e as "conquistas longínquas", que tinham exaurido as energias do país e criado hábitos funestos de ociosidade e de grandeza.<sup>91</sup>

Vale a pena enumerar as soluções propostas pelo poeta-filósofo no sentido de sanar os perniciosos efeitos deste estado de coisas que, segundo ele, ainda

---

<sup>89</sup> Apud A. Campos Matos, *Dicionário de Eça de Queiroz*, p. 177.

<sup>90</sup> Ester de Lemos, "Conferências do Casino", in *Dicionário de Literatura*, p. 194.

<sup>91</sup> *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos últimos três séculos*, pp. 54-55.

persistiam em fazer-se sentir, não tanto pelo seu valor imediato até certo ponto escasso se encaradas de um ponto de vista pragmático mas, sobretudo, pelo seu valor intemporal (e, por isso, ainda hoje actual) expresso através da elevação do ideal e da generosidade que a visão utópica nelas implícita evidencia.

Com efeito, Antero entendia como primordial opor ao catolicismo "ardente afirmação da alma nova, a consciência livre, a contemplação directa do divino pelo humano, [...] a crença na renovação incessante da humanidade pelos recursos inesgotáveis do seu pensamento", opor "à monarquia centralizada, uniforme e impotente, a federação republicana de todos os grupos autonómicos", alargando e renovando a democratização da vida municipal e, ainda, opor "à inércia industrial a iniciativa do trabalho livre, a indústria do povo, pelo povo, e para o povo, não dirigida e protegida pelo Estado [...]". Terminava por fim "expondo o seu conceito de Revolução - acção pacífica -" ilustrando-o, de modo bem 'revolucionário', com uma afirmação paradoxal: "o Cristianismo foi a Revolução do mundo antigo: a Revolução não é mais do que o Cristianismo do mundo moderno."<sup>92</sup>

A terceira e quarta prelecções, da autoria, respectivamente, de Augusto Soromenho (*Literatura portuguesa*) e de Eça de Queirós, versaram sobre questões relativas à estética e à doutrinação literárias. A intervenção de Eça (*A Literatura nova: o Realismo como nova expressão de Arte*) que também só é possível reconstituir a partir dos jornais da época, foi considerada, juntamente com as de Antero, uma das mais significativas e de maior impacto, talvez pela oportuna inspiração em Taine, Proudhon e Zola que deixava transparecer, a que se aliava um tom vincadamente apologético, ambos, note-se, perfeitamente integrados na atmosfera revolucionária que então se 'respirava', ou ainda, porque porventura terá representado um primeiro esforço de dilucidação sistemática e de exposição coerente da estética realista.

O facto é que com a sua palestra, Eça contribuiu para desacreditar ainda mais os fundamentos da concepção ultra-romântica da literatura, ao contrapor-lhe os princípios essenciais de um Realismo já tendencialmente naturalista. A nova escola realista, apresentada pelo conferencista como uma "reacção salutar que se estava dando contra a impostura oficializada", não se reduz "simplesmente (a) um processo formal" mas constitui "uma base filosófica para todas as concepções do espírito, uma lei, uma carta de guia, um roteiro do pensamento humano, na eterna região artística do belo, do bom e do justo."<sup>93</sup>

---

<sup>92</sup> *Idem*, pp. 93-95.

<sup>93</sup> Carlos Reis, *As Conferências do Casino*, Lisboa, Alfa, s/d, p. 139.

O realismo era ainda, para o futuro promissor ficcionista, "a negação da arte pela arte; [...] a proscricção do convencional, do enfático e do piegas. É a abolição da retórica considerada como a arte de promover a comoção usando da inchação do período, da epilepsia da palavra, da congestão dos tropos. É a análise com o fito na verdade absoluta. Por outro lado, o Realismo é uma reacção contra o Romantismo: o Romantismo era a apoteose do sentimento; - o Realismo é a anatomia do carácter."<sup>94</sup>

De notar como esta generalização um tanto fundamentalista, devida sobretudo à exagerada abrangência que enformava a definição de realismo dada pelo jovem Eça, se é compreensível em função do especial contexto que enquadrava a prelecção eciana, não deixa de ser um tanto equívoca na medida em que o sentido da inspiração e da normatividade realistas, como que 'transborda' do seu directo campo de aplicação, que é a literatura e outras artes, como a pintura, por exemplo, e se desvia ao ser alargado, de forma pouco rigorosa, a "todas as concepções do espírito".

A principal consequência, inautêntica segundo nos parece, desta espécie de 'salto qualitativo' operado pelo iconoclasta conferencista, será a secundarização da vocação descritiva típica da poética realista. Ou seja, conforme afirma o próprio Eça, o realismo deixaria de ser apenas e "falsamente" "um simples modo de expor" para, revelando a sua finalidade mais autêntica, passar a ser sinónimo da "análise com o fito na verdade absoluta", e equivalente da "anatomia do carácter" e da "crítica do homem", em suma, um símbolo por excelência da "negação" dessa, na época inaceitável, "arte pela arte."<sup>95</sup>

Acresce que esta perspectiva tende a ignorar que a arte e a literatura são fundamentalmente "actos de beleza", sem que a importância dada ao culto do belo implique um obrigatório distanciamento entre a arte e a vida, esquecendo ainda que as realizações estéticas não devem ser confundidas com fenómenos sociais ou instrumentos políticos para o tratamento dos quais existem a Sociologia e a História.<sup>96</sup>

Por último, menos avançada que as de Antero e de Eça, realizou-se a quinta e derradeira conferência. Intitulada quando da sua publicação *A Questão do Ensino*, nela o seu autor Adolfo Coelho coloca-se numa posição bastante próxima da de A. Soromenho, na medida em que ambos se restringem às 'coisas portuguesas' tanto no que diz respeito ao ataque ao "quadro desolador do ensino em Portugal", como

<sup>94</sup> *op. cit.*, p. 140

<sup>95</sup> *A afirmação do Realismo como nova expressão da Arte*, pp. 139-140.

<sup>96</sup> Uma observação cuidada do evoluir da obra de Eça de Queirós mostra em que medida foi passageira no escritor este modo, quanto a nós excessivamente radical e sobretudo unilateral, de encarar a estética realista e a sua posição relativa no âmbito mais vasto da Literatura.

no que se refere às soluções apontadas que apenas se circunscrevem a uma "zona restrita da vida nacional". Nesta ordem de ideias, A. Coelho apelava para "a mais ampla liberdade de consciência" e preconizava "a separação completa da Igreja e do estado", sugerindo o desenvolvimento da "iniciativa privada", a qual talvez constituísse a única maneira realmente eficaz de difundir um "verdadeiro espírito científico".

### Excursão nº 5 - A recepção do primeiro Fradique Mendes e da revista Orpheu junto do público

Pode dizer-se que tanto a publicitação do primeiro Fradique através da imprensa diária como o lançamento da revista *Orpheu* corresponderam a duas tentativas para "agir sobre o psiquismo nacional", irredutível imperativo órfico enunciado de modo um tanto críptico por Pessoa que traduzido pela impressiva sugestão metafórica de Mário de Sá-Carneiro, significava essa "*necessidade de reagir em leonino contra o ambiente*", revelando uma deliberada atitude de provocação com vista à subversão e renovação profundas da literatura, cultura e mentalidade da sociedade portuguesa.

Tratava-se, em ambos os casos, de uma necessidade absoluta e irreverente de vincar a diferença, ligada a um efeito de ineditismo espectacular mais ou menos chocante, que os dois grupos procuravam deliberadamente obter com as suas insólitas iniciativas estéticas.<sup>97</sup>

Concretizando um pouco, a *blague* era praticada não só como crítica mordaz da mentalidade culturalmente pequeno-burguesa, mas também enquanto fingimento excêntrico, divertimento paradoxal que pretendia *intervir* de forma a *épater* os que não estavam dentro dos segredos e cumplicidades do grupo e, ao mesmo tempo, agitar, transformando se possível, esse país demasiado tacanho e sério em que viviam.<sup>98</sup>

No caso do "Sr. Carlos Fradique Mendes", sabe-se que foi grande o impacto provocado pela sua 'aparição' pública, consubstanciada através de duas curtas

---

<sup>97</sup> Embora adira e tenha até participado em algumas das *blagues* que os modernistas incessantemente inventavam contra "*o poderosíssimo mimetismo dos lepidópteros*", como dizia Almada, Pessoa não deixa de rejeitar situações que, pelo seu excessivo exagero ou por quaisquer outras razões, poderiam passar por ser motivadas por aquilo que chama "ambição grosseira de brilhar por brilhar" ou mera "futilidade literária", como confidencia em carta a Armando Cortes-Rodrigues. (Fernando Pessoa, *Cartas a Armando Cortes-Rodrigues*, Lisboa, Livros Horizonte, 1985, pp. 44-46)

<sup>98</sup> Sobre as variadas e idiossincráticas formas de *estar-no-mundo* que implicava o *ser-modernista*, relatadas em muitas 'histórias' acontecidas entre alguns dos que pertenceram ao "Orpheu", cf. o meu trabalho, *A Questão Estética em Mário de Sá-Carneiro*, Lisboa, Universidade Aberta, 1994, pp. 39-45.

notas biográfico-críticas precedendo os extravagantes - embora pouco originais - poemas que acompanharam o seu lançamento na imprensa.

Mas se o aparecimento do primeiro Fradique foi fortemente marcado por uma propositada intenção de "subversão humorística", visando combater a arreigada "apatia" cultural e estética lisboeta, a verdade é que todo o 'espampanante' sobressalto conseguido com esta iniciativa chegou até a ultrapassar o que pretendiam "os coniventes no 'bluff'". Sabe-se hoje de facto que, de entre o público, parecem ter sido "muitos os que não souberam descodificar a brincadeira, apesar dos exageros e das distorsões com que tinha sido montada [...]".<sup>99</sup>

Numa "anotação" ao primeiro texto publicado sobre Carlos Fradique Mendes<sup>100</sup>, Joel Serrão, com base em relatos da época, documenta detalhadamente esta espécie de hilariante equívoco, bem como, o carácter espalhafatoso que presidiu à mistificadora divulgação de Fradique. Escreve o autor:

De facto, este poeta apresentado publicamente como sendo 'verdadeiro' era suposto ser também [...] o representante português dos *satanistas* do Norte, cujos nomes bárbaros e inventados se citam para espanto dos líteras lisboetas, assim apanhados com a boca na botija da sua ignorância... 'O nome de um desses monstruosos poetas', esclareceria Jaime Batalha Reis em 1869, 'era perigoso de pronunciar, produzia o vômito, tendo só consoantes: Hrlldwzh. Mas o *grande* artista que mais aceitação teve em Lisboa foi Ulurug". Tratava-se do "fantástico autor das Auroras do Mal" e o seu nome surge "citado<sup>101</sup>, com respeito e louvor, em livros de Crítica literária do tempo'. [...] Com efeito, Luciano Cordeiro, em *Livro de Crítica, Arte e Literatura Portuguesa de Hoje*, [editado no] Porto, [em] 1869, [...] caíra na esparrela: 'Byron, Goethe, Heine, Espronceda, Musset, Pöe, Ulurus, Beaudelaire [sic] e tantos mais'.<sup>102</sup>

Por sua vez, a apreciação do forte impacto obtido pelo nº 1 da revista *Orpheu* junto do público lisboeta chega-nos através do testemunho de Fernando Pessoa em carta a Armando Cortes-Rodrigues, em que narra ao seu amigo os "escandalosos" efeitos provocados pelo "êxito esplêndido" da dita revista:

Ontem deitei no correio um *Orpheu* para si - escreve o poeta -. Foi só um porque podemos dispor de muito poucos. Deve esgotar-se rapidamente a edição. Foi um triunfo absoluto, especialmente com o reclame que *A Capital* nos fez com uma tarefa na 1ª página, um artigo de duas colunas. [...] Naturalmente temos que fazer segunda edição. '*Somos o assunto do dia em Lisboa*'; sem exagero lho digo. O escândalo é enorme. Somos apontados na rua, e toda a gente - mesmo extra-literária - fala no *Orpheu*. [...] O

<sup>99</sup> Ofélia Paiva Monteiro, "Sobre a excentricidade humorística de Fradique", p. 204.

<sup>100</sup> Em Agosto de 1869, no "Folhetim" do diário lisboeta *A Revolução de Setembro*.

<sup>101</sup> Com algumas variantes, uma vez que aparecia como Ulurus, no "Folhetim" introdutório aos primeiros poemas, publicados em *A Revolução de Setembro*, e Hulurugh, na introdução de Antero de Quental a "Poemas do Macadam", publicados no jornal português *O Primeiro de Janeiro*, em Dezembro de 1869.

<sup>102</sup> *O Primeiro Fradique Mendes*, p. 340.

escândalo maior tem sido causado pelo 16 do Sá-Carneiro e a *Ode Triunfal*.<sup>103</sup>

Num conjunto de fragmentos que o poeta de "Tabacaria" escreveu "sobre 'Orpheu', sensacionismo e paúlismo", encontra-se também um interessante testemunho, descrito com saborosas reminiscências não obstante a contundência pessoana, sobre a recepção do público a *Orpheu*.

Quando em Março de 1915 surgiu em Lisboa a revista "*Orpheu*", foi-lhe feito, *pela gente que representa entre nós aquilo a que em outros países se chama a crítica*, um acolhimento adverso e escandaloso. O resultado foi, como se sabe, que essa revista constitui um sucesso de livraria. A mesma ordem de manifestações acolheu o aparecimento do segundo número, salvo que determinadas peças literárias, que esse número continha, levaram a um auge de indignação dispersa a adversa opinião popular a seu respeito. [...] Algumas pessoas, porém, terá havido que pensassem decentemente sobre o assunto. Certas curiosidades civilizadas, *emergindo de entre o nosso meio de carbonários e de gatunos políticos*, quiseram deveras saber a que vinha esta revista. Não podiam acreditar que fosse uma pura *blague*, por isso que lhe sentiam demasiada força para ser isso apenas. Mas *os seus cérebros, desacostumados ainda às manifestações originais e europeias da literatura*, não podiam, ao mesmo tempo, julgar inteiramente séria essa tentativa. [...].<sup>104</sup>

Por último, importa deixar anotado que, tanto no contexto do Modernismo como no do inicial Fradiquismo, a 'intenção de *blague*', não obstante ter sido um efeito estético conscientemente procurado, ultrapassa o sarcasmo simplista ou o exibicionismo gratuito. É que, e para além do mais, o recurso à *blague* pode ser interpretado como uma defesa contra a hostilidade com que o meio literário português recebia as manifestações das novas estéticas.

Neste sentido, certo *espalhafato mistificador* que em parte permaneceu como emblema distintivo das duas 'gerações', terá funcionado, sobretudo, como uma espécie de aval protector dessa *ousadia de querer pensar e praticar a inovação sem limites*. Dito de outro modo, se o desejo de mistificação é um mal necessário em tempos de ruptura e de renovação, é porque ele é "o preço que deve ser pago, e sempre será pago, por uma atitude que não tem por definição *nenhuma garantia no passado*".<sup>105</sup>

<sup>103</sup> Carta de 4 de Abril de 1915, in *Cartas a Armando Cortes-Rodrigues*, p. 63.

<sup>104</sup> *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*, pp. 158-9.

<sup>105</sup> Eduardo Lourenço, "Sentido e não sentido do moderno", in *Ocasionais - I. 1950-1965*, Lisboa, A Regra do Jogo Edições, 1984, p. 70.